Diário de Lisboa

ANO 63.º N.º 21 345
Janeiro 1984
Segunda-feira

2

20$00

Fundador **Joaquim Manso** Director **A. Ruella Ramos** Director-adjunto **Fernando Piteira Santos**

Projecto Alcácer: um salto para o futuro

Pags. 4 e 5

Petróleo na origem do golpe na Nigéria

A política petrolífera nigeriana parece estar na base do golpe de Estado que na madrugada do passado sábado derrubou o presidente eleito Shehu Shagari. Para tentar relançar a indústria petrolífera em crise, Shagari tinha iniciado diligências para abandonar a Organização dos Exportadores de Petróleo (OPE) de forma a poder aumentar as exportações do «ouro negro». O actual «homem forte de Lagos», ex-gestor da companhia petrolífera estatal já garantiu as suas obrigações decorrentes dos tratados assinados pelo anterior Governo».

Pág. 13

Muhammed Buhari: o novo homem forte

14 mortos na "Operação Ano Novo"

Nevoeiro "esconde" Lisboa

● *Portela paralisa e acessos à capital dificultados*

pág. 5

Eleições na Maçonaria

Simões Coimbra e Oliveira Marques batem Raúl Rego, Daniel Gomes Pinho e Antero da Palma Carlos

pág. 16

Eanes na mensagem de Ano Novo

Esperanças de Abril ainda não estão satisfeitas

pág. 3

Hoje

DL

Uma avaria técnica obrigou-nos a reduzir o número de páginas na nossa edição de hoje. Do facto pedimos desculpa aos nossos leitores. Na edição de amanhã retomaremos o número habitual de páginas.

ATLETISMO PORTUGUÊS VENCE EM TRÊS CONTINENTES

O atletismo português brilhou em alto nível nas tradicionais corridas de S. Silvestre, que servem de ponte entre dois anos. Em S. Paulo, a camponíssima Rosa Mota conseguiu o 3.º triunfo consecutivo, enquanto em Houilles (França) o êxito pertenceu a Fernando Mamede, em Luanda calhava a vez do sucesso ser rubricado por José Sena e, aqui mais perto, António Leitão era 2.º em Madrid e a dupla Carlos Lopes-Aurora Cunha batia toda a concorrência na Amadora. As imagens vêm de fora: no topo do pódio paulista lá está Rosa Mota, enquadrada pela brasileira Jorilda Sabino (2.ª), a mexicana Genovena Dominguez (3.ª), a brasileira Angélica de Almeida (4.ª) e a norte-americana Marilyn Hulake (5.ª), na foto ao lado, pode ver-se como Fernando Mamede dominou toda a concorrência na corrida francesa.

Pág. 10

O correio do Papa

Jacques Colli

João Paulo II recebe, como todos os soberanos e chefes de Estado, um número considerável de cartas grande parte das quais contêm críticas, recriminações e ataques.

Que se passa quando alguém, de Itália ou de outro país manda ao Papa uma carta não selada? Não há regra absoluta e alguns jornalistas fizeram a experiência indicando o nome do expedidor. Em certos casos a missiva voltou ao remetente, noutros não voltou. Em todo o caso deve-se notar que como o Estado do Vaticano tem o seu próprio correio (e os seus selos, que, de resto, lhe dão bastante lucro), o Santo Padre não paga a si próprio nenhuma multa.

Dito isto, João Paulo II recebe sessenta e setenta por cento mais correspondência do que qualquer dos seus predecessores, mesmo do que João XXIII, pontífice que recebia duas vezes mais cartas do que Pio XII, a quem sucedera. Depois dele, Paulo VI manteve a cadência durante alguns anos depois o número dos que lhe escreviam começou a diminuir caindo num nível muito baixo no fim da sua vida.

Um dos motivos desta queda era o facto de Paulo VI, idoso e doente, quase não sair. Ora a experiência mostra que, no caso de João Paulo II, a curva de correspondência sobe depois de cada viagem. Os milhões de africanos, americanos, asiáticos, europeus, que o vêem, o avistam por uma fracção de segundo, em carne e osso, sentem-se mais próximos dele e motivados para lhe escrever.

O que nem por isso quer dizer que todas as cartas sejam elogios, aprovações, cumprimentos. Longe disso. Não é evidentemente possível obter precisões «autorizadas» sobre o seu conteúdo. Temos que nos fiar nas... indiscreções que, em contrapartida, são numerosas, provenientes de fontes nem sempre imparciais. Elas são mesmo, por vezes, tendenciosas, apoiando esta ou aquela tese de uma facção... de um clã, que existem desde que o Papado existe.

Assim, quando um **monsignor** bem informado afirma que as missivas vindas de italianos, de romanos em especial, se queixam das demasiado frequentes e longas ausências de João Paulo II da cidade eterna de que é bispo, aumentaram sessenta por cento em 1983, em comparação com 81 e 82, não é certo que esse número não seja aumentado precisamente por aqueles que não são partidários daquilo a que chamam «o gosto do polaco pelas viagens». Paixão, dizem eles, que o afasta ao mesmo tempo das suas ocupações, custa muito dinheiro, e expõe a sua vida e a sua segurança a riscos inúteis.

Outros criticam claramente a «polonização» do Vaticano onde desde a sua eleição em 1978, uns 62 eclesiásticos e laicos de origem polaca teriam sido nomeados para postos vários. Acusações estas também sujeitas a caução. Por exemplo, um dos prelados italianos posto em causa teria, muito simplesmente, uma avó de origem polaca. Assim se escreve a história.

Os ataques mais virulentos e numericamente mais elevados dizem, no entanto, respeito à posição intransigente do Papa em matéria dogmática e moral: celibato dos padres, divórcio, aborto, etc.

«Se vissem os adjectivos mais do que irrespeitosos usados por alguns, ficavam escandalizados», disse um dia a cardeal secretário de Estado Casaroli. Com efeito, os termos «retrógrados», «reaccionário», «inimigo do progresso» e até «bota de elástico vicioso», são correntes nas cartas.

Acusa-se igualmente João Paulo II de ser um «suporte do imperialismo americano», de ter «apunhalado pelas costas» ou, pelo menos defendido insuficientemente o «Solidariedade», de «desfavorecer consciente e sistematicamente o clero italiano», e, finalmente , «de ter esvaziado os cofres do Vaticano com as suas despesas: viagens, dívidas, trabalhos excessivos.»

Reverso da medalha: o Vaticano recebe ao mesmo tempo um enorme correio com solicitações, pedidos de socorro, para além de milhares de cartas de encorajamento de felicitações, de ofertas de auxílio, de serviço. De todos os países do mundo, mesmo dos de Leste, chegadas por vezes por caminhos inimagináveis. Mas está longe de ser certo que esses votos positivos da acção de João Paulo II sejam a maioria.

(Ardopress)

A guerra em Angola (5)

Mitterrand reinforma-se sobre Angola

Guy Penne, conselheiro para os assuntos africanos do presidente francês François Mitterrand, chegou a Luanda alarmado e partiu com uma nova leitura sobre a situação em Angola. Guy Penne, que esteve em Angola na primeira quinzena deste mês, chegou a Luanda com um relatório extremamente cinzento sobre o país. Esse relatório, já com uma linguagem e semântica característica dos documentos reescritos no Eliseu, dizia que em breve Luanda estaria completamente cercada pela UNITA. Os relatórios mais recentes enviados para Paris pela embaixada francesa em Luanda diziam que as forças armadas angolanas, FAPLA, estavam numa ofensiva bem sucedida contra a UNITA. Mas na capital francesa, a muito eficiente máquina publicitária sul-africana afirmava o contrário.

O resultado prático destas informações contraditórias foi a criação de uma certa expectativa na atitude do Governo francês e do próprio François Mitterrand.

A chegada de Penne a Luanda foi precedida de acontecimentos importantes.

O embaixador francês na capital angolana, Jean Jacques Galabru, recebeu do presidente Mitterrand um pedido de informação detalhada sobre o que se passava em Angola.

Galabru pediu uma audiência ao presidente angolano José Eduardo dos Santos, após a qual fez um extenso relatório que não enviou através da mala diplomática. Foi ele próprio entregá-lo a Mitterrand em Paris.

No Eliseu, Galabru disse a Mitterrand: «o que posso prever é que a UNITA não tomara o poder». E descreveu o que se passava em Angola nos últimos meses.

Em Setembro a UNITA ocupara Calulo, a África do Sul elevou uns graus mais acima o sentimento de que Luanda estaria a ser cercada.

No entanto, a ocupação de Calulo durara apenas umas horas e acontecera já numa altura em que as FAPLA lançavam a sua «contra-ofensiva» após a criação dos Conselhos Militares Regionais em Julho.

Os interesses franceses em Angola

Galabru explicou a Mitterrand que uma reunião do comité central do MPLA e do conselho de ministros angolano havia culminado todo um processo de remoção de alguns obstáculos internos que entravavam um «combate total» contra a UNITA. Dessa reunião resultaria a reorganização do aparelho estatal já em função da necessária operacionalidade dos Conselhos Militares Regionais.

Galabru explicou também que já havia chegado a Angola, da União Soviética, o material de guerra de que as FAPLA necessitavam para estender a contra-ofensiva a várias regiões militares simultaneamente.

Segundo fontes diplomáticas do leste europeu, em Luanda, a União Soviética receava «sobre-armar» Angola mas acabou por optar pelo envio do armamento pedido pelos angolanos porque a dimensão da ofensiva sul-africana ia muito além daquilo que as primeiras análises levavam a crer.

Após o encontro com Galabru, Mitterrand decidiu enviar Guy Penne à capital angolana.

Em Luanda, Penne foi recebido pelo presidente José Eduardo dos Santos, e teve encontros prolongados com dirigentes da área económica, nomeadamente, do plano, banca e comércio externo, pastas que lidam com a questão dos créditos.

Penne reuniu também com a parte angolana responsável pela cooperação francesa na esfera do petróleo, e teve conversações com altos funcionários do Ministério dos Negócios Estrangeiros.

Após o conselheiro francês ter deixado Luanda, informações não confirmadas indicavam que a França poderá vir a abrir em breve a favor de Angola uma linha de crédito «volumosa».

À partida, Guy Penne declarou-se optimista quanto às relações futuras entre o seu país e as autoridades angolanas, deixando em Luanda o desejo francês de crescimento das relações, desejo esse que Angola não minimiza dada a dimensão do conflito que lhe está a ser imposto pela África do Sul.

Por seu turno, a França aumentou substancialmente nos últimos anos a sua aposta numa Angola dirigida pelo MPLA. Se a África do Sul conseguisse impôs-se em Angola através da UNITA numa guerrilha comandada pelo MPLA tornaria impraticável qualquer relacionamento económico com o país.

Por outro lado, a África do Sul chamaria a si, ou entregaria aos Estados Unidos e Grã-Bretanha, toda uma série de sectores económicos angolanos em que a França já investe com peso.

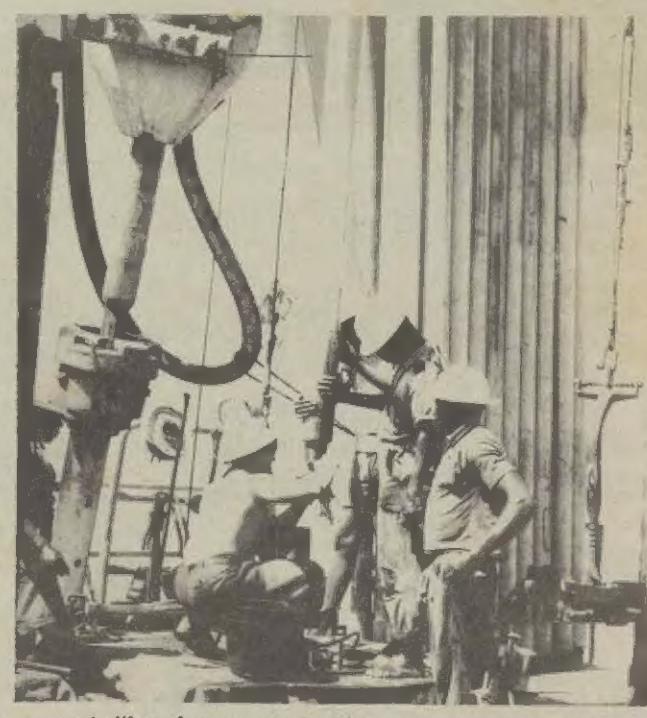
Em Angola, operam as companhias petrolíferas francesas ELF e TOTAL, e foi recentemente firmado entre a Sonangol e a Bouyges Offshore um acordo para a criação de uma base de construção de plataformas em porto Ambriz.

Na agricultura, vários grandes projectos foram já firmados entre Angola e a França, e outros sê-lo-ão em breve.

Os observadores em Angola são unânimes em afirmar que a visita de Penne deverá ter resultado numa maior segurança de Francois Mitterrand em relação à política que adoptou de cooperação crescente com as autoridades angolanas.

É também de crer que disso resulte um recuo substancial da África do Sul no que diz respeito à sua estratégia diplomático-informativa na Europa Ocidental que consiste em criar atitudes de corte com Angola ou, pelo menos, de rigoroso distanciamento em relação ao Governo angolano.

(Carlos Cardoso/ /AIM/«DL»)



François Mitterrand em Angola: os interesses petrolíferos franceses em território angolano determinam alteração da política do Eliseu

tem a palavra o leitor

"Parabens" ao Governo

Perdoe-me V. o tempo que lhe tomo, mas como português endividado, com mais de 50 anos, sinto que não posso deixar passar em claro algo que se presta para surgir nesta tão triste realidade portuguesa. A questão é a seguinte:

Segundo as notícias ultimamente vindas a lume pretende o Governo, ao que tudo indica, penalizar com penas de clausura, ou mais propriamente de prisão os vários devedores das contribuições, impostos e outros encargos mais.

Por certo que o Governo, com esta medida tão drástica terá em mente resolver, paralelamente com o problema das dívidas, um outro problema não menos premente e extremamente urgente: o da habitação em Portugal.

Os meus parabéns portanto por esta iniciativa governamental que reveste verdadeiramente um rasgo de autêntico génio. É simplesmente extraordinário como com apenas uma decisão se resolvem dois problemas de vulto, qual deles o mais sério e o mais grave.

Com efeito se nos dias de hoje não existe sequer um português que não esteja devedor de algo e por de mais impossibilitado, por carência de meios possíveis, de liquidar as suas dívidas, teremos os portugueses, por decisão do Governo e a curto prazo, todos presos. E todos presos é claríssimo que não carecem de habitação. Aí é que está o rasgo de génio.

O Governo deixará portanto de ter de se preocupar com a construção de habitações que então serão desnecessárias. Apenas terá que passar a pugnar por construir cadeias, o que sem dúvida se reflectirá em muito menos encargos e preocupações. As celas não precisarão de ser alcatifadas e ter aquecimento central, o revestimento interior e exterior poderá ser muito mais simples, o que desde logo se vem resumir numa vantajosa baixa de custos de construção.

Veremos assim o ilustre presidente da Câmara de Lisboa deixar de se preocupar com os bairros habitacionais e a demolição do Monumental. A sua preocupação passará então a circunscrever-se à criação dos Parques Prisionais da Mouraria, da Madragoa, das Avenidas Novas e do Castelo de São Jorge. O Metropolitano fará serviço intercadeias tal como a carris deixando de existir os passes sociais.

O único problema de fundo que poderá surgir é o que se prende com a pergunta que não posso deixar de fazer: onde recrutar os carcereiros? Se todo o português vier a ser preso por dívidas, também aqueles que poderiam vir a ser recrutados como carcereiros não escaparão ao castigo. Quem irá então guardar os presos?

Não há dúvida que em Portugal, a resolução de cada um dos problemas, que tantos infelizmente são, faz imediatamente nascer outros mais problemas.

Como será que o Governo irá resolver mais este?

F.F. Gomes de Almeida
Estrada de Benfica, 521-4.º, esq.º
1500 Lisboa

PEDRO CID

Governo tudo er

Vai decorrer amanh
lamentar entre os partid
meiro encontro oficial
1984 e atribui-se-lhe alg
funcionamento da maio
Governo admite-se que
meida Santos, coadjuva
Armando Lopes.

Os temas a abordar
trimestre têm causado m
«envenenaram» as rela
tas. Por um lado, as in
PSD (aborto e Lei-Quad
versos) as propostas de
dois partidos entre si e e

A cimeira de alto ní
data marcada, presumir
manhã de quarta-feira o
de Ministros de quinta
o«DL» noticiou, um prin
meida Santos e Mota Pi
Depois houve uma conv
ro-ministros, mais profu

Fontes ligadas às
perceber que os dois di
fracos» do Governo e
Executivo «mais dinâmi
mantêm a opinião de qu
mamente», mas que, e
tuir, não está, por outro l
modificações estruturais
rios suprimidos, outros
nidas mais especificam
perministros», são ideia
mogeneidade dos Minis
batido, sobretudo se se
dois partidos, ou seja (te
o ministro e os seus sec
do.

Os próximos dias s
sagem destas questões
que a escassez de infor
a clareza.

Uma coisa ao jorna
biente no interior do Gov
radas e só uma decisão
sa o jornalista não tem c
das num círculo cada v
eventuais fugas para o

Por outro lado, ten
aos Estados Unidos no
gias políticas do n.º 2 d
agora, na preparação d
sendo insustentável até
namental, aproximando
lamentar, a lógica políti
lego nos primeiros quin
querer avançar de surpr
ço de tempo que indicá

Presidenciais: uma

Partindo do princíp
quadro político, alheios
dem verificar-se (é prec
Soares de que o País a
vel), o grande momento
dos candidatos presiden
respectivas estratégias.

Nesse sentido, par
no PS e no PSD de um
renciar, em «motivos pa
a única solução governa
socialistas e sociais-de
solução são os homens
do assim, nada deve se
PSD.

Ora, do ponto de vi
tra as respectivas bases
PS quer o PSD, apresen
sidencial. Para os dirige
mos falando, é impensá
do PS ou que os socialis
cial-democrata. Por outr
persistência de cada um
prio candidato porá term

Sendo indesejável
va, alguns dirigentes do
que os dois partidos c
apoio a um candidato q
tido, que seja uma figura
fidelidade ao regime de
a um militar, seja ele Fir
Magalhães, Lemos Fer

Como reagirá a es
res? A evolução política
lista limita-se a sublinh
gem de Ano Novo do P
das as teorias sobre as
evolução do próprio Pa
os quadros previsíveis
outro, conduzindo a so
extremamente remotas
marco importante e dec
sa também pode ter aí

...na-se

...stão ...m a ...pela ...fera ...ções ...inis- ...ros. ...s ter ...ções ...ue a ... em ...inha

Estados Unidos e Grã-Bretanha, toda uma série de sectores económicos angolanos em que a França já investe com peso.

Em Angola, operam as companhias petrolíferas francesas ELF e TOTAL, e foi recentemente firmado entre a Sonangol e a Bouygues Offshore um acordo para a criação de uma base de construção de plataformas em porto Ambriz.

Na agricultura, vários grandes projectos foram já firmados entre

...m território angolano determinam alteração

...nne ... às ...ís e ...dei- ...ran- ...ões, ...mi- ...on- ...sto ...ben- ...nos ...gola ...a do ... em ...uma ...PLA ...re- ...m o

Angola e a França, e outros sê-lo-ão em breve.

Os observadores em Angola são unânimes em afirmar que a visita de Penne deverá ter resultado numa maior segurança de Francois Mitterrand em relação à política que adoptou de cooperação crescente com as autoridades angolanas.

É também de crer que disso resulte um recuo substancial da África do Sul no que diz respeito à sua estratégia diplomático-informativa na Europa Ocidental que consiste em criar atitudes de corte com Angola ou, pelo menos, de rigoroso distanciamento em relação ao Governo angolano.

(Carlos Cardoso/ /AIM/«DL»)

...verno

...enas ... por ...dú- ...enos ... As ...cati- ...al, o ...erior ...s, o ...umir ...stos ... — ...esi- ...dei- ...pair- ...ção ...pa- ...a ...dos ...aria, ...das ...rge. ...in-

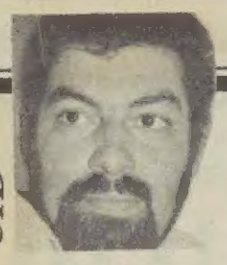
tercadeias tal como a carris deixando de existir os passes sociais.

O único problema de fundo que poderá surgir é o que se prende com a pergunta que não posso deixar de fazer: onde recrutar os carcereiros? Se todo o português vier a ser preso por dívidas, também aqueles que poderiam vir a ser recrutados como carcereiros não escaparão ao castigo. Quem irá então guardar os presos?

Não há dúvida que em Portugal, a resolução de cada um dos problemas, que tantos infelizmente são, faz imediatamente nascer outros mais problemas.

Como será que o Governo irá resolver mais este?

F.F. Gomes de Almeida
Estrada de Benfica, 521-4.°, esq.°
1500 Lisboa



PEDRO CID

Governo e presidenciais tudo em movimento

Vai decorrer amanhã de manhã em S. Bento uma cimeira parlamentar entre os partidos da actual coligação no poder. É o primeiro encontro oficial dos dois parceiros governamentais em 1984 e atribui-se-lhe alguma importância na futura articulação e funcionamento da maioria para os próximos meses. Por parte do Governo admite-se que esteja presente o ministro de Estado, Almeida Santos, coadjuvado pelo quase ex-secretário de Estado, Armando Lopes.

Os temas a abordar são todos aqueles que ao longo do último trimestre têm causado maior controvérsia e, de alguma forma, até «envenenaram» as relações entre socialistas e sociais-democratas. Por um lado, as inciativas legislativas quer do PS, quer do PSD (aborto e Lei-Quadro dos Municípios os pontos mais controversos) as propostas de lei governamentais, as ligações entre os dois partidos entre si e entre ambos e o Governo que suportam.

A cimeira de alto nível não tinha até ao fim da manhã de hoje data marcada, presumindo-se, no entanto, que possa ocorrer na manhã de quarta-feira ou em paralelo com a reunião do Conselho de Ministros de quinta-feira. Até este momento, houve, como o«DL» noticiou, um primeiro encontro a três — Mário Soares, Almeida Santos e Mota Pinto. Pouco conclusivo, até porque breve. Depois houve uma conversa a sós entre o primeiro e o vice-primeiro-ministros, mais profunda, mas sobre a qual nada transpirou.

Fontes ligadas às direcções do PS e do PSD deixaram-nos perceber que os dois dirigentes passaram em revista os «pontos fracos» do Governo e discutiram as vias possíveis de tornar o Executivo «mais dinâmico e mais operacional». As nossas fontes mantêm a opinião de que a remodelação irá ocorrer «muito proximamente», mas que, embora já haja ideia dos nomes a susbstituir, não está, por outro lado, afastada a possibilidade de introduzir modificações estruturais na própria orgânica do Governo. Ministérios suprimidos, outros desdobrados, áreas governamentais definidas mais especificamente constituindo-se eventualmente «superministros», são ideias postas na mesa das negociações. A homogeneidade dos Ministérios é outro ponto que pode vir a ser debatido, sobretudo se se vierem a agudizar as relações entre os dois partidos, ou seja (tese que é defendida sobretudo no PS) que o ministro e os seus secretários de Estado sejam do mesmo partido.

Os próximos dias serão decisivos para se avaliar da ultrapassagem destas questões que são efectivamente complexas mas que a escassez de informações não permite desvendar com toda a clareza.

Uma coisa ao jornalista se afigura plenamente certa: o ambiente no interior do Governo e as relações PS/PSD estão deterioradas e só uma decisão rápida pode evitar o colapso. De outra coisa o jornalista não tem dúvidas: as decisões tenderão a ser tomadas num círculo cada vez mais restrito, de modo a «controlar» eventuais fugas para o exterior.

Por outro lado, tendo em conta a deslocação de Mota Pinto aos Estados Unidos no fim de Janeiro, considerando que as energias políticas do n.º 2 do Governo se têm concentrado, a partir de agora, na preparação do Congresso do PSD, (em fins de Março) sendo insustentável até essa data a presente situação intergovernamental, aproximando-se momentos cruciais de actividade parlamentar, a lógica política aponta para uma decisão de grande fôlego nos primeiros quinze dias deste mês. Mário Soares há-de querer avançar de surpresa. Mas avançará seguramente no espaço de tempo que indicámos.

Presidenciais: uma nova tese

Partindo do princípio, aliás falível, de manutenção do actual quadro político, alheios aos fenómenos de desagregação que podem verificar-se (é preciso ter em conta a advertência de Mário Soares de que o País ainda corre o risco de se tornar ingovernável), o grande momento da política portuguesa será o da escolha dos candidatos presidenciais ou a definição clara e absoluta das respectivas estratégias.

Nesse sentido, parece estar a ganhar força o debate interno no PS e no PSD de uma nova tese fundada, como ouvimos referenciar, em «motivos patrióticos». Para os defensores desta tese, a única solução governativa viável para o País é a coligação entre socialistas e sociais-democratas. «O que tem enfraquecido esta solução são os homens escolhidos e não a fórmula», dizem, sendo assim, nada deve ser feito que ponha em perigo o Governo PS/PSD.

Ora, do ponto de vista estritamente partidário, tendo em conta as respectivas bases e o seu eleitorado, é legítimo que, quer o PS quer o PSD, apresentem cada um o seu prórpio candidato presidencial. Para os dirigentes que desenvolvem a tese de que estamos falando, é impensável que o PSD venha a apoiar o candidato do PS ou que os socialistas venham a apoiar uma candidatura social-democrata. Por outro lado, afirmam, com toda a lógica, que a persistência de cada um dos partidos em avançar com o seu próprio candidato porá termo definitivamente a esta coligação.

Sendo indesejável a dissolução da actual fórmula governativa, alguns dirigentes do PS e do PSD entendem que é necessário que os dois partidos convirjam, em «imperativo patriótico», ao apoio a um candidato que não seja nem de um nem de outro partido, que seja uma figura conhecida no País e que dê garantias de fidelidade ao regime democrático. E não excluem mesmo o apoio a um militar, seja ele Firmino Miguel ou Almeida e Costa, Altino de Magalhães, Lemos Ferreira ou Costa Brás.

Como reagirá a esta tese, principalmente, o dr. Mário Soares? A evolução política seguirá assim tão normalmente? O jornalista limita-se a sublinhar a subtileza política contida na mensagem de Ano Novo do Presidente da República. É por isso que todas as teorias sobre as presidenciais têm uma condicionante na evolução do próprio País. E a força desta condicionante é tal que os quadros previsíveis podem alterar-se de um momento para o outro, conduzindo a soluções novas e que hoje nos pareceriam extremamente remotas. Mas as presidenciais são, de facto, um marco importante e decisivo da vida política portuguesa. A surpresa também pode ter aí um lugar destacado.

Eanes na sua mensagem de Ano Novo

Ainda não estão satisfeitas todas as esperanças de Abril

Usando as «palavras de rigor e frontalidade, que continuam a ser condição essencial de toda a minha acção política», o Presidente da República afirmou ontem, na sua mensagem de Ano Novo, que «muitas das esperanças alimentadas nos primeiros tempos da Democracia não estão staisfeitas».

O gen. Ramalho Eanes disse na ocasião ser «compreensível que muitos dos que acreditaram em promessas feitas tenham dificuldade em aceitar a realidade dos factos que o presente nos impõe».

Na sua mensagem de Ano Novo, o Presidente da República frisou ser «motivo de séria preocupação que estes ajustamentos a realidades estejam a impor novos sacrifícios aos que menos têm, estejam a aumentar o desemprego e até a criar situações em que não são pagos salários a quem trabalha».

Fazendo o retrato do ano que agora se inicia, Ramalho Eanes, disse que 1984 «será mais um ano de sacrifícios». Na perspectiva do Presidente da República, «há razões suficientes para esperar que 1984 seja, também, um ano de reajustamentos dos nossos comportamentos e das nossas expectativas ao que realmente podemos ter com os nossos recursos, devidamente aproveitados e ajustadamente utilizadas as nossas capacidades».

Noutro passo da sua mensagem ao País, Ramalho Eanes adiantou que «a confiança e a esperança são bases essenciais de qualquer política, mas a confiança e esperança só existem numa perspectiva de futuro, numa vontade social que queira atingir objectivos possíveis, conhecidos e desejados».

Prosseguindo, o gen. Ramalho Eanes acrescentou que «como as nossas comunidades de emigrantes nos provam de modo exemplar, sempre que estas condições estão reunidas, o trabalho dos portugueses é eficaz, criativo, rentável».

«Não» aos privilégios

Para o Presidente da República, «sendo a confiança e a esperança valores colectivos e nacionais, há que impedir, em 1984, que os portugueses vivam no medo da injustiça ou exprimentem nas suas vidas a falta de solidariedade».

«Há igualmente – disse – que impedir ou revogar medidas que ofereçam privilégios restritos ou que discriminem grupos sociais ou regiões».

Referindo-se aos privilégios, Ramalho Eanes lembrou que todos nós «sabemos hoje, por experiência própria, que a nossa sociedade livre e pluralista, qualquer política de privilégios criaria tensões e motivos conflituais que rapidamente anulariam as vantagens das benesses concedidas».

Noutro passo da mensagem de Ano Novo, Ramalho Eanes lembrou que «a participação democrática não se limita aos actos eleitorais, continua-se pela intervenção nas organizações partidárias e nas organizações representativas de interesses sociais, nas instituições de Poder Local e Regional, na participação eleitoral».

Para o Presidente da República se é certo que «o poder tem o indeclinável dever nacional e democrático de exigir, de todos os cidadãos, o cumprimento integral das suas obrigações», não o é menos que «os cidadãos têm o direito de exigir do Poder a explicaçao clara e exacta das razões que justificam as medidas adoptadas e os programas do futuro».

Maior justiça

Na parte final da Mensagem de Ano Novo, Ramalho Eanes afirmou «estaqr ao nosso alcance mostrar um empenhamento efectivo no equilíbrio das decisões políticas, na correcção das desigualdades, na proposta e explicação dos objectivos futuros, onde esteja assegurada maior justiça e maior solidariedade».

Continuando, o Presidente da República exprimiu a sua convicção de que «há que espererar, dos responsáveis pelo Poder, a exposição verdadeira e oportuna de situações e objectivos, pois essa é a única base em que um futuro diferente poderá ser construído (...) isso pressupõe, naturalmente, que se consiga reforçar a confiança e a esperança e mobilizar o todo nacional».

No entender do Presidente da República «será esse o melhor modo de dar um sentido real e uma utilidade prática às comemorações de dez anos de vida democrática que este ano se realizam».

Eanes entrou o ano a ouvir queixas contra o governo

O Presidente da República passou uma vez mais o novo visitando trabalhador3s de empresas que funcionam em laboração contínua, mas desta vez estendeu o âmbito dessas suas visitas ao sector da comunicação onde em muitos casos, além da laboração contínua há também a perseguição contínua e uma situação insustentável como é a que se vive no «Diário de Notícias».

E foi por esse jornal centenário que o Presidente da República começou, logo ao fim da tarde de sábado, numa visita que teve um significado bem evidente, sentido por todos os trabalhadores da EPNC e que o general Ramalho Eanes seria o próprio a confirmar também.

Recebido à entrada do edifício pelo director do «Diário de Notícias», Mário Mesquita e pelo administrador da EPNC, Armando Morais, e após um encontro a sós com estes de cerca de dez minutos, o Presidente da República visitou o conjunto das instalações daquele jornal, começando pela redacção, onde ouviu pequenas intervenções do Conselho de Redacção, da comissão de trabalhadores do chefe de redacção e do director.

Mais directa ou menos directamente, a tónica dessas intervenções apontou para a política do Governo face à comunicação social com destaque para António de Sousa, que falando em nome do conselho de redacção do «Diário de Notícias» disse que a visita do Presidente da República era considerada como um gesto de solidariedade e de reconhecimento pelo papel que aquele jornal desempenha na Comunicação Social em Portugal.

Salientou as dificuldades que o «DN» tem vivido, assinalando que o futuro é ainda incerto e dependerá, fundamentalmente da vontade política dos que têm a seu cargo a responsabilidade de reestruturar e viabilizar a EPNC».

António de Sousa aproveitou igualmente a oportunidade para lembrar a preocupação dos profissionais da Comunicação Social sobre as ameaças contidas no projecto Lei de Imprensa, mas lembrou que «nos últimos meses souberam manter-se firmes e coesos na defesa do jornal e dos princípios básicos que enformam a sua orientação», em continuar a bater-se pela liberdade de informação.

Mário Mesquita, director do «DN», considerou a visita de Eanes como uma prova de apreço e referiu que Ramalho Eanes era o primeiro Presidente que visitava o «DN» depois do 25 de Abril, mas «ao contrário de outras eras, em vez de termos presidentes cooptados, tivémos um presidente eleito e reeleito pelo povo português e pelos seus próprios méritos».

O director do «DN» vincou o sentido da presença do general Ramalho Eanes salientando que «noutras ocasiões tratava-se de mostrar apreço pela Informação oficiosa e governamental, mas «nesta ocasião, parece-me existir um cinsenso generalizado dos portugueses acerca da autonomia, dos que seguem os Governos e daqueles que procuram um espaço de autonomia».

A tudo isto o Presidente da República respondeu que a democracia pressupõe uma Comunicação Social claramente livre, com meios e condições para exercer o seu papel «e que só assim será possível dar ao diálogo entre os cidadãos e o poder, uma dimensão verdadeiramente multifacetada».

Disse que a escolha da visita recaira no «DN» por razões que eram evidentes. «Trata-se de um jornal com mais de 100 anos, de uma verdadeira instituição».

Deu também os parabéns aos jornalistas e ao director do «DN» porque estão agora num período de independência. «E eu creio que sou insuspeito dado o tratamento que o jornal às vezes me dispensa. Creio que o «DN» honra a Informação».

Num distrito em crise

Secil e Petrogal foram as duas empresas que o Presidente da República visitou a seguir, tendo passado a meia-noite nesta última.

São empresas implantadas num dos distritos onde a crise está mais agudizada, onde as tensões sociais são mais intensas. Aí o Presidente da República ouviu as queixas mais duras, teve condições para se aperceber da catástrofe que se avizinha se não se verificar uma alteração do poder no sentido dos interesses nacionais.

Respondendo à saudação do representante da comissão de trabalhadores, Ramalho Eanes disse ser o «espárito de Abril» que justificava a sua presença na noite de fim-de-ano com os trabalhadores da fábrica de cimentos Secil. Matos e Cunha, representante da comissão de trabalhadores, havia alertado o Presidente da República para a «situação de crise social» existente no distrito e entregou-lhe uma análise global, feita pelos órgãos representativos dos trabalhadores da empresa.

Acompanhado pelo ministro da Indústria, Ramalho Eanes visitou as caldeiras e a sala de controlo informático e foi depois ao refeitório, onde os trabalhadores haviam organizado um «reveillon». Esta parte estava fora do programa mas Eanes quis ter um brinde aos trabalhadores e às famílias, a quem desejou um ano mais seguro e com mais justiça.

Um membro da União dos Sinticatos de Setúbal solicitou-lhe, entratatno, uma audiência para lhe expor a situação social do distrito.

A meia noite seria passada em Sines, na Refinaria da Petrogal, uma refinaria automatizada ao mais alto grau construída praticamente depois do 25 de Abril, pois as terraplanagens iniciaram-se em 24 de Setembro de 1973 e o arranque das unidades processuais verificou-se em 15 de Setembro de 1978, para se iniciar a exploração comercial normal em 1 de Janeiro de 1979.

Hoje há quem questione muito a refinaria, quem a considera demasiado grande para a nossa dimensão, talvez mesmo quem deseje encontrar formas de a alienar a qualquer interesse privado.

Não é esse todavia o entendimento do presidente da Petrogal eng. Pires de Miranda.

Depois de fazer uma saudação ao Presidente da República traçou uma panorâmica da Petrogal e referindo-se concretamente à refinaria de Sines disse: «Dimensão excessiva? Talvez, e por isso tudo deve ser feito, e vai ser feito, para a racionalização dos meios materiais, financeiros e humanos de que a empresa dispõe. Mas, se encararmos com realismo o sector onde operamos – e onde actuam, no próprio mercado interno português, várias multinacionais que são das maiores do mundo – então temos de concluir que dimensão da Petrogal nunca poderia ser muito diferente. Uma empresa petrolífera tem economias de escala que devem ser respeitadas: abaixo de certa «massa crítica» a operação perde rentabilidade e credibilidade».

Seria aqui, em Sines, que o Presidente da República ouviria a intervenção mais dura, em nome dos trabalhadores.

Na presença de Ramalho Eanes, do ministro da Indústria Veiga Simão e do presidente da Petrogal, Conceição Farias, em nome da Comissão Central de Trabalhadores da Petrogal traçou um quadro muito completo dos problemas que na óptica dos trabalhadores afectam a Petrogal.

Com uma grande frontalidade, salientou os ataques que o sector nacionalizado tem sofrido, «agora intensificados pelo actual Governo» e que «demonstram que está em marcha uma tentativa de liquidação das empresas públicas no intuito da sua posterior entrega ao grande capital pondo em causa a recuperação económica tão necessária do nosso País.

Apresentou como exemplos «recusa governamental em pagar as vultuosas dívidas que o Estado tem para com as empresas públicas, paralizações de importantes investimentos em curso, recusa em proceder ao saneamento económico e financeiro das empresas, políticas de entrega ao grande capital de partes rentáveis das empresas; alienação do património das empresas públicas, imposição às empresas públicas do recurso ao crédito externo, venda ao desbarato de participações do Estado, redução drástica dos investimentos produtivos».

A intervenção de Eanes foi praticamente dirigida para a de Conceição Farias.

Disse o Presidente da República que «a coexistência dos sectores público e privado, uma política de diálogo e empenho de todos numa maior produção são essenciais para ultrapassar a crise».

Eanes defendeu o diálogo como forma de vencer as dificuldades e as situações conflituosas.

E ali estava, pelo menos na última noite do ano um exemplo de diálogo: uma representante dos trabalhadores assumindo com frontalidade o seu papel, um ministro e um presidente de uma empresa, ouvindo sem agastamento os críticos. Que melhores ingredientes poderá haver para o diálogo nas empresas?

De Sines Eanes foi ainda à Rádio Renascença, onde foi recebido pelo respectivo conselho de gerência e destacou o papel daquela estação «na formação da consciência dos portugueses».

Augusto Vilela

em duas palavras

Um recluso no telhado

METZ – Polícias franceses que perseguiam, no sábado à noite, um evadido nos telhados duma prisão de Metz (no Leste de França) choraram com um antigo recluso que ia desejar «Boas Festas» aos seus camaradas encarcerados.

Marcel Violland, de 26 anos, posto em liberdade 4 dias antes do Natal, tinha escalado os muros da prisão e tentado penetrar nela pelo tecto quando, inesperadamente, encarou com os guardas.

Estes perseguiam outro detido, Philippe Allayes, de 27 anos, que acabara de se evadir.

Allayes não foi encontrado, mas Marcel Violland foi posto em liberdade depois de ter sido interpelado pela Polícia.

Operação estrada

JERUSALÉM – Um cardiologista de Israel colocou um regulador no coração de um doente que estava numa ambulância e conseguiu salvá-lo.

O doente, de 70 anos, chegou a uma estação de primeiros socorros a queixar-se de debilidade, mas o pessoal médico verificou que as suas pulsações eram só de 20 a 25 e que não reagia aos medicamentos.

O médico de serviço combinou telefonicamente com o cardiologista Ami Lev encontrar-se com ele entre as localidades de Afula e Aind Harod, dado a situação ser crítica.

Quando os dois veículos se cruzaram a ambulância encostou à beira da estrada e procedeu-se à operação, sem anestesia. O peito do doente foi aberto e colocaram-lhe o regulador do ritmo cardíaco, tendo-o salvo.

Gémeos-proveta

LUEBECK – Um par de gémeos-proveta nasceu às primeiras horas de 1984, na clínica universitária de Luebeck, na Alemanha Federal.

As crianças geradas por inseminação artificial, foram retiradas através de uma cesariana do corpo da mãe, e encontram-se em perfeito estado de saúde.

Na véspera do ano novo nasceram «trigémeos-proveta» numa clínica de Hamburgo e na clínica de Kiel outra mulher aguarda dentro de dias o nascimento de «trigémeos» gerados por métodos de fecundação artificial.

Libertada criança

ROMA – Um garoto de 9 anos, Rocco Lupini, raptado em Maio último, foi posto em liberdade pelos seus raptores em Oppido Mamertina, em Regio de Calabria. Os sequestradores que tinham raptado o jovem e a sua mãe, já tinham libertado a mãe a fim de esta poder acelerar o pagamento do resgate pedido, estimado em 3 mil milhões de liras.

Sobre o estado de saúde do jovem Rocco não foram dadas quaisquer indicações nem, tão pouco, acerca das condições em que permaneceu durante os sete meses em que esteve sequestrado.

O Papa João Paulo II, há alguns dias, tinha dirigido um apelo aos raptores para que pusessem em liberdade o jovem o mais rapidamente possível.

Tragédia para presos

BERLIM OCIDENTAL – Seis presos estrangeiros que estavam presentes a ser expulsos da RFA morreram na noite de São Silvestre durante um incêndio voluntário num edifício da Polícia, em Berlim-Ocidental, soube-se de fonte policial.

Outros 36 detidos puderam ser libertados pelos polícias, tendo-se salvado. No entanto, um deles, que inalou fumos tóxicos, teve de ser hospitalizado. A nacionalidade e as identidades das vítimas ainda não são conhecidas, indicaram as mesmas fontes.

Segundo um porta-voz da Polícia, os presos teriam largado fogo a colchões em várias celas. Os guardas e polícias tentaram apagar imediatamente o foco de incêndio e evacuar os detidos, mas a sua acção foi entrava, porque os amotinados colocaram colchões defronte das portas das celas.

O maior «jackpot»

STATELINE — Um viticultor californiano começou o ano «em beleza» visto que arrecadou o maior «jackpot» conseguido até hoje nos Estados Unidos: cerca de 2,5 milhões de dólares (o equivalente a 330 mil contos).

Rocco Dinubilo, de 63 anos, bateu este invejável recorde no casino «Harraw's Taboe», próximo de Stateline (Nevada). Contudo, teve de esperar várias horas para receber o cheque, de 2 478 716 dólares, visto que uma nova política do jogo no Nevada impõe que as autoridades competentes verifiquem os ganhos que ultrapassem os 100 mil dólares.

Esta nova regulamentação tinha sido instaurada depois de um habitante de S. Francisco ter ganho 1,7 milhões de dólares, em Agosto último, numa máquina «caça-níqueis» do mesmo casino. Os ganhos do feliz jogador tinham sido recuperados pelo casino depois de se ter verificado que a máquina tinha sido viciada.

Vila Real quer novo edifício universitário

O reitor do Instituto Universitário de Trás-os-Montes e Alto Douro (IUTAD) considerou como prioritária em 84, «a construção de um edifício de ciências agrárias, de excepcional interesse para a instituição».

Fernando Real, em declarações à ANOP, disse que se o «sapatinho» proporcionasse tal obra, «melhoraríam as funções de ensino, investigação, e apoio à comunidade, que é o principal objectivo da IUTAD».

O responsável do Instituto Universitário adiantou ainda, como de grande interesse para a autonomia universitária, «a publicação do projecto-lei que faculte às universidades, a criação do seu próprio estatuto».

Projecto Alcácer - um salto para o futuro (1)

Educação infantil vai ter um modelo dinâmico

Em Alcácer do Sal todos falam nele, no resto do País, porém, é praticamente desconhecido. Chama-se «projecto Alcácer», foi desencadeado pela Gulbenkian, com o apoio da Van Leer, instituição holandesa, e está a transformar aquele concelho alentejano. O futuro de Alcácer do Sal vai passar obviamente por ali. E o País?

O Projecto Alcácer tem por objectivo fulcral criar um modelo de educação infantil em comunidade rural. Um modelo dinâmico que se adapte a qualquer região onde venha a ser adoptado. Em Portugal não existe qualquer modelo de educação pré-escolar e na grande maioria dos infantários, públicos ou privados, predomina a função de guarda em prejuízo da função educativa. O projecto Alcácer propõe exactamente o contrário, numa elaboração diária e permanente, subordinada ao sistema da formação-inovação.

Vamos ver como, já que o «DL» é o primeiro órgão de informação a ter acesso ao projecto.

Em primeiro plano o edifício sede do projecto. Está a ser restaurado pela Gulbenkian e mais tarde ficará para centro cultural

«Antes era o mínimo tempo para eles, os gaiatos, agora é o máximo». Ela, fala com gesto largo, entusiasmo farto. Chama-se Isolina e é já um símbolo do "Projecto Alcácer", como directora de um dos centros infantis (o de Rio Moinhos) e como educadora. Antes as educadoras costuravam e as crianças andavam por ali. Agora as actividades são pensadas, planeadas, discutidas entre as educadoras e com as crianças, numa inter-relação crescente.

O **antes** significa até 1981 e o **agora** quer dizer final de 83.

Os tempos, bem distintos, marcam efectivamente uma diferença de atitude perante as crianças, nos infantários ou nos centros infantis. Na base daquela mudança de atitude e no dinamismo que implica, estará toda uma série de transformações que se vêm operando nos centros infantis de Alcácer do Sal. As mudanças não são certamente iguais em todos, mas são minimamente visíveis em cada um dos oito abrangidos pela equipa do projecto. Transformar todas as vivências das crianças em momentos educativos tem sido uma tónica geral do trabalho desenvolvido ao longo destes dois anos.

Em 1981 foi o arranque

Efectivamente tudo começou em Outubro de 1981. O projecto inicial incluía também outros concelhos circunvizinhos de Alcácer, mas acabou por limitar-se a uma parte dos 15 centros infantis existentes naquela milenária povoação do Sado. São oito, ao todo, mas estão bastante dispersos uns dos outros: 20, 30 e 40 quilómetros do centro da vila. Alcácer do Sal é o segundo maior concelho do País (150.000 hectares), embora a sua população não chegue aos 16.000 habitantes (censo de 1981), distribuídos por quatro freguesias e 83 localidades.

Por quê Alcácer se, mesmo nos arredores de Lisboa, pertinho, existem zonas caracteristicamente rurais onde o projecto poderia ser implementado? Tanto mais que os técnicos (cinco) vão e vêm todos os dias de Alcácer para Lisboa.

A resposta é **simples,** por um lado, e **afectiva** por outro.

Simples porque Alcácer do Sal é o concelho do País com maior cobertura institucional pré-escolar. Abrange 40% da população dos zero aos seis anos, quando a média nacional é inferior a 20%.

Afectiva porque havia já uma ligação estreita da Gulbenkian com o concelho de Alcácer por trabalhos desenvolvidos anteriormente. Quem no-lo diz é o responsável do departamento de Educação da Gulbenkian, dr.ª Rosa Macedo, que tem sido uma das principais animadoras do projecto.

A educação não diz respeito, nem pode cingir-se apenas aquilo que se passa dentro dos centros de infância. Tem a ver com todo o mundo onde as crianças se movem. Daí que a necessidade de conhecimento aprofundado do meio tenha sido uma das prioridades do projecto.

O que é Alcácer, distrito de Setúbal?

Terra de arroz e desemprego

É terra de uma Reforma Agrária golpeada, ameaçada. Terra de desemprego. Terra de arroz, cada vez menos. «Antes faziam-se 160 hectares de arroz e agora são só seis» — dizn-os o presidente da cooperativa de Casebres, falando do caso concreto deste lugar onde todas as mulheres foram atiradas para o desemprego. O drama da região é precisamente este: desemprego.

Das 32 cooperativas que se criaram em todo o concelho, vinte resistem. A área da Reforma Agrária passou de 50.000 hectares para 20.000.

Mas Alcácer é também habitação insuficiente, deficiente. E ausência de infra-estruturas mínimas (electricidade, água, esgotos) para mais de 20% da população.

Alcácer do Sal é, ainda, assistência médica bastante deficitária. Um exemplo apenas: 21,87% dos partos decorrem sem qualquer assistência). E é êxodo: acentua-se a tendência para a saída dos jovens para outras regiões, designadamente Sines, Setúbal e Lisboa.

Estas são apenas algumas farpas de um concelho pobre de recursos, disperso, esquecido. Mas não será toda esta situação um desafio para a educação e para todos aqueles que dela se ocupam? — a interrogação é dos responsáveis pelo projecto. E a resposta está-lhes na ponta da língua: «Se agarrarmos nos problemas que as pessoas referem, vemos logo como todos e cada um, se relacionam com a educação das crianças».

Sobre o desemprego, por exemplo, pergunte-se: educar para fazer o quê? Sobre as condições de saúde (alimentação, adequada, habitação, conforto): que desenvolvimento, se as crianças não forem saudáveis?

É hoje uma verdade indiscutível que a criança se desenvolve numa constante interacção com o mundo que a rodeia. Este é, de resto, um dos princípios orientadores do projecto Alcácer que está na base da intervenção globalizante que o caracteriza.

Antes eram as educadoras que lhes davam os materiais. Agora as coisas estão à mão

Desconfiança, primeiro adesão, depois

Exactamente assim: primeiro houve desconfiança, mas depois a adesão e implicação começaram a instalar-se. Quando em Outubro de 81, a equipa do projecto começou a aparecer em Alcácer do Sal, uma certa inquietação apareceu. «Não sabíamos o que vinham fazer e tínhamos receio de que viessem a aproveitar-se da gente» – palavras da educadora Isolina, de Rio Moinhos.

«A princípio não aceitámos bem», acrescenta, gesto firme num encolher de ombros. «Quando apareceram algumas caras conhecidas, começámos a ter confiança». A partir daí, movida esta resistência tão natural no alentejano, a adesão do pessoal dos centros e das autoridades autárquicas ao projecto começou a florescer. «Depois nunca mais houve desconfiança» – confessa a educadora Isolina.

Quanto às resistências inconscientes não se pode falar. Existiram e certamente existem ainda, mas são mais passivas que activas.

Há naturalmente diferenças de grau no entusiasmo dos centros relativamente ao projecto. E reticências? Se existem, situam-se sobretudo no pessoal do Centro Regional de Segurança Social. Perfeitamente admissível e desculpável; a maioria dos centros incluídos no projecto recebiam a orientação total do antigo IFAS, hoje integrado naquele centro. Os processos de trabalho são outros, os resultados também.

«Elas vinham cá, de vez em quando, diziam o que é que a gente devia fazer e iam-se embora» – era assim antes do projecto, segundo uma das educadoras. A técnica de segurança social, Maria Joaquina, esbate de certa maneira aquela atitude simples de «chegar, dizer e partir»: «O princípio geral do nosso trabalho é o planeamento, o apoio à execução e à formação».

O custo real de cada criança nestes centros infantis, como de resto, noutros do País, é da ordem dos oito contos por mês. A segurança social comparticipa em cerca de 4500$00 por criança, sendo a parte restante suportada pelos pais e pelas estruturas autárquicas.

O sal da expectativa

Alcácer, já o dissemos, são longas distâncias de ninguém. Planície, desolação. Com a travagem da Reforma Agrária, acentua-se o desejo de migrar. Sobretudo nos lugares mais distantes da sede concelhia (onde um comércio pouco ousado tenta sobreviver). A ânsia é tal que qualquer coisa serve para iluminar a expectactiva.

«Quanto mais nos deslocávamos para as zonas isoladas, mais as pessoas queriam saber coisas sobre o projecto. As expectativas eram sobretudo no sentido de poderem sair dos meios onde vivem». Esta impressão é descrita por Guilhermina Miranda, psicóloga do Projecto Alcácer, e resulta dos contactos estabelecidos durante os primeiros tempos com as diversas comunidades envolvidas. Hoje a expectativa terá já um sentido diferente.

Já agora vejamos um pouco mais da situação com que se depararam os técnicos do projecto quando começaram a integrar-se no meio. Para isso, vamo-nos servir de descrições, orais umas, escritas outras, em material elaborado para divulgação interna.

Apesar das expectativas em relação ao futuro dos filhos, os pais não tinham qualquer noção da influência dos primeiros anos no desenvolvimento das crianças. «Até as crianças darem os primeiros passos, as mães sabem o que fazer, depois, a partir do momento em que elas começam a desenrascar-se, as mães já não sabem o que fazer. As crianças iam para a rua até à escola primária» (Guilhermina Miranda). Em alguns casos isto ainda acontece: há muitas crianças que não estão nos centros infantis por dificuldades económicas das famílias. «Chega a haver alturas em que as mães às dez horas da noite ainda não sabem delas» – conta a educadora Bia.

A criança, em geral, era considerada (lenta vai sendo a mudança) imperfeita, maldosa, malina, sendo os castigos corporais frequentes, sobretudo por desobediência. «Os pais aqui são bastante repressivos» – aponta-nos uma das técnicas do projecto. Evidência disto é, mais do que as pancadas, uma frase habitual dos pais para os filhos: «Tu não tens querer».

A bicha era instituição

Uma grande ambivalência em relação à vida do campo e ao meio rural foi também sentida pela equipa: «Os pais compreendo a dureza desta vida não a desejavam para os seus filhos embora considerassem a produção de bens alimentares como actividade essencial: as trabalhadoras dos centros achavam limitado e pouco interessante o meio em que vivem, tentando exertar, nos centros, modelos urbanos: técnicas de jardins de infância, material educativo» comprado no comércio – **coisas que as crianças não têm em casa**», como diziam. «As pessoas das pequenas comunidades não valorizam o que têm» – sublinha a psicóloga Guilhermina Miranda. «Elas têm uma dificuldade tremenda em valorizarem o seu trabalho» – acrescenta Isabel Lopes da Silva, pedagoga do projecto.

Especificamente nos centros infantis deparou a equipa do projecto como muito daquilo que se verifica um pouco por todo o País: afastamento da comunidade, «reservatório» das crianças, ausência de planos de trabalho, falta de oportunidades educativas, materiais inacessíveis, em sítios altos, bichas para o recreio, para a refeição, para a casa de banho... «A bicha era uma instituição» – assinala a dr.ª Guilhermina Miranda.

Transformar toda esta realidade de forma a obter um melhor desenvolvimento das crianças, tem sido um dos objetivos do Projecto Alcácer. Não pela imposição de um modelo «made in» qualquer coisa, mas a partir de uma intervenção sobre o terreno, dia-a-dia.

«O objectivo da intervenção não é que as pessoas aprendam soluções construídas para os seus problemas mas que, apoiadas, as elaborem, capacitando-se assim para, no futuro, resolverem os problemas por si sós». A afirmação é do prof. Bártolo Paiva Campos, director do projecto. Mais incisivo, o ex-secretário de Estado da Orientação Pedagógica do VI Governo Provisório acrescenta: «E preciso criar as estruturas de transformação, mais do que criar as transformações».

Como? Que planos têm sido utilizados? Actividades desenvolvidas? Estratégias utilizadas? É o que se verá no próximo artigo.

Luis Humberto Marcos

Amanhã: Transformar a realidade pelo sistema formação-inovação.

Patriarca de Lisboa

"A Paz exige corações renovados"

O Cardeal Patriarca de Lisboa, D. António Ribeiro, afirmou ontem, dia 1 de Janeiro o Dia Mundial da Paz, no Convento de Mafra, que «ninguém poderá dizer que o mundo em que vivemos é um mundo de paz».

NA verdade, durante a homília da missa do XVII Dia Mundial da Paz, o Cardeal afirmou que se a escalada verificada na acumulação de armas por vários países não vier s ser contida «poderá conduzir à maior catástrofe da história da humanidade».

D. António Ribeiro referiu «a enorme tensão entre o Leste e o Ocidente e aquela outra, não menor, entre os países ricos do hemisfério Norte e os subdesenvolvidos do hemisférico Sul».

«Egoísmos pessoais e de grupo»

Quanto à sociedade portuguesa, o Patriarca mencionou «os egoísmos pessoaios e de grupo, que a cada passo saltam à tona da nossa vida social e política, as frequentes manifestações de falta de solidariedade efectiva na solução dos grandes problemas nacionais, a persistência crónica de graves injustiças entre sectores da população e entre regiões do mesmo território do País, a notável degradação da moralidade pública e o abandalhamento dos costumes».

D. António Ribeiro

Ao procurar respostas possíveis para a origem dos conflitos e das tensões, o Cardeal considerou em primeiro lugar que ela «se radica nas estruturas económicas e socais injustas».

D. António Ribeiro disse que há muito de verdadeiro na teoria de que a culpa dos conflitos e das tensões seria do sistema sociopolítico e da ideologia que o informa.

«A mera alternância não basta»

«Há sistemas e ideologias de tal modo totalitárias que são autênticas máquinas de guerra, pelo esmagamento a que sujeitam as pessoas e os grupos intermédios da sociedade e pelo mal-estar que consequentemente provocam» — prosseguiu o purpurado, segundo o qual «também acontece, muitas vezes, que a simples mudança dos sistemas não resolve, só por si, as situações conflituosas que eles porventura alimentavam».

A mera alternância dos responsáveis no Poder não basta para se resolverem os problemas — considerou o Cardeal patriarca, em cujo entender «sem corações renovados, não haverá paz no Mundo».

O coração novo preconizado por D. António Ribeiro «tem de ser um coração clarividente, que sabe ver e discernir com objectividade e não se deixa cegar por paixões exacerbadas, nem por simples aparências enganadoras».

CM de Castelo Branco deve 250 mil contos

Presidente diz que a dívida vai começar a ser amortizada

A Câmara Municipal de Castelo Branco deve 250 mil contos. A revelação foi feita pelo seu presidente, César Vilafranca, na última Assembleia Municipal, durante a qual foi aprovado o Plano de Actividades para este ano.

O Orçamento para 1984 contempla já verbas destinadas a amortizar a dívida municipal, ao passo que o Plano abrange investimentos na ordem dos 159,9 milhões de escudos. No decorrer da AM em questão ficou patente a insatisfação e frustração da Assembleia face ao Orçamento e ao Plano. César Vilafranca acentuou que as actuais dificuldades económicas explicam essa possível insatisfação.

Dos sessenta elementos que compõem a Assembleia Municipal da Castelo Branco, há representantes de 25 freguesias, para além dos mandatados, a nível municipal, pelos partidos: PS, PSD, CDS e APU.

No domínio das Juntas de Freguesia, o Plano de Actividades evidencia a necessidade de prosseguir uma política de colaboração entre o Município e estes 25 órgãos autárquicos. É foi, na AM a que estamos a fazer referência, a distribuição de verbas pelas freguesias o ponto mais polémico.

Presidida pelo representante do CDS, João Romãozinho, a sessão subiu de tom quando a APU apresentou uma proposta para que os 15 milhões de escudos, previstos no Orçamento para as vinte e cinco freguesias do concelho, fossem distribuídos segundo o critério de 80 por cento na razão directa do número de eleitores e os restantes vinte por cento em função da área. De acordo com a justificação da APU, com tal proposta observar-se-ia o cumprimento da Lei das Finanças Locais.

Mas a AM optou por um outro tipo de distribuição, dando ouvidos aos presidentes das Juntas de Freguesia que apresentaram uma proposta em que era prescrito o recebimento de 300 contos para despesas gerais, sendo os restantes 7,5 milhões de escudos — ainda de acordo com a mesma proposta — reservados para outra ocasião e a distribuir segundo esquema e critério a stabelecer entre a Câmara Municipal e os autarcas.

César Vilafranca anunciou ainda o lançamento de um programa para o sector habitacional, de parceria com a Secretaria de Estado do sector e que poderá ser já estabelecido quando se deslocar àquela cidade o titular desta Secretaria de Estado.

Nevoeiro continua

Fim de ano: 14 mortos na estrada

Catorze mortos e 158 feridos, era o balanço até à hora do fecho do nosso jornal da «Operação Ano Novo», correspondentes aos 141 acidentes registados nas estradas portuguesas pela Brigada de Trânsito da GNR, desde o meio-dia da passada sexta-feira.

De acordo com o capitão Romeiras da BT, os acidentes entre veículos ligeiros e velocípedes, com ou sem motor, continuam a ser os que mais mortes provocam. Por sua vez, no computo dos mortos indicados no balanço provisório (a operação termina às doze horas de amanhã), contam-se três casos de morte por atropelamento. A mesma fonte referiu que cerca de um terço dos condutores testados conduziam sob o efeito do alcoól, acrescentando que na «Operação Ano Novo» de 1983 foram registados 212 acidentes, de que resultaram dezanove mortos e 218 feridos.

Enquanto isto o denso nevoeiro que tem caído sobre a região de Lisboa mantém, desde às 19 horas, o Aeroporto da Portela, paralisado, não tendo provocado reflexos de maior nas carreiras do Tejo e nas ligações ferroviárias, tanto na Linha de Sintra como na Linha do Estoril. Nesta última, todavia, o movimento encontrar-se interrompido, desde às seis horas desta manhã, entre S. Pedro do Estoril e Cascais devido a uma avaria na catenária. Segundo afirmou ao «DL» o porta-voz do Seriço de Relações Públicas da CP, dr. Jorge Pestana, a avaria só deverá ficar reparada por volta das 15 horas, estando assegurado um sistema de transporte, por meio de autocarros, entre S. Pedro e Cascais.

Quanto aos voos com destino ao Aeroporto da Portela têm sido encaminhados para Faro ou para o Aeroporto de Pedras Rubras, no Porto.

trabalho

Bancários reafirmam disposição de lutar contra reprivatização do sector

O Governo tem uma actuação que cria um «inadmissível clima de alarmismo e de grandes apreensões quanto ao futuro», que demonstra uma «falta de respeito» pelos trabalhadores, segundo um comunicado do secretariado nacional da Comissão Coordenadora das CT's das Empresas do Sector Bancário.

Ao insurgir-se novamente contra esta situação, a Coordenadora reafirma a sua disposição de prosseguir a luta «na defesa da banca nacionalizada, dos postos de trabalho dos bancários, da garantia das suas carreiras e reformas e, ainda, dos superiores interesses nacionais» e exige do Governo «o respeito e a atenção devida pelas propostas apresentadas no documento **existe alternativa para o sector bancário.** Neste documento os trabalhadores bancários apresentam soluções concretas para os problemas do sector.

Recusando-se aceitar «os custos económicos e sociais que a decisão política de abertura do sector pretende trazer aos bancários», as «medidas de pseudo-reestruturação, que mais não visam do que criar espaço para a implantação e desenvolvimento da futura banca privada» ou «quaisquer medidas de fusão, que artificialmente façam destacar excedentes de pessoal» a Coordenadora salienta que os trabalhadores bancários querem «a estabilidade, o fortalecimento e a dinamização da banca nacionalizada, bem como o aproveitamento eficaz das suas potencialidades».

O documento diz que é urgente a implementação de «medidas de reestruturação que conduzam a um mulher funcionamento da Banca Nacionalizada, nomeadamente quanto a Centrais de Risco, Centrais de Informações, Centrais de Coordenação Informática, para além de uma eficaz intervenção no combate à corrupção».

Outras medidas exigidas pelos bancários referem-se «a uma global política de pessoal para o sector, que nomeadamente aproveite da melhor forma os nossos recursos humanos, limitando ao máximo as admissões e melhorando substancialmente a formação profissional dos trabalhadores bancários».

Por outro lado, o documento reclama «o fim das asfixiantes restrições ao crédito e uma nova política económica para o sector, que permita de forma efectiva que a banca nacionalizada participe no urgente desenvolvimento económico nacional».

«Queremos a substituição dos conselhos de gestão da banca, substituição que não deve obedecer a qualquer partilha política ou partidária, mas tão só a privilegiar os quadros bancários da capacidade comprovada, a inserção inequívoca nos objectivos norteadores da nacionalização da Banca», sublinha o documento, que reclama ainda «o cumprimento da Lei 46/79, «nomeadamente no referente aos meios que permitam um normal e necessário controlo de gestão e na tomada de posse dos gestores legalmente eleitos pelos trabalhadores».

Comemorações do 18 de Janeiro

As comemorações do 50.º aniversário do 18 de Janeiro na Marinha Grande decorreram este ano sob o lema da defesa das liberdades sindicais e desdobrar-se-ão em acções diversificadas por todo o País, mas com maior incidência naquela localidade, em Leiria, Lisboa, Porto e Setúbal.

Promovidas pela CGTP-IN, serão levadas a efeito várias iniciativas sindicais, culturais e desportivas, que terão início no próximo dia 9, culminando no dia 18, na Marinha Grande, com a inauguração do Monumento ao Vidreiro, uma manifestação com comício e um espectáculo de encerramento evocativo dos acontecimentos históricos do 18 de Janeiro.

O calendário das iniciativas para a Marinha Grande prevê, para o dia 9, um colóquio sobre movimento operário; de 9 a 18, exposição de Rogério Ribeiro sobre 1383 e uma mostra de artistas da região alusiva à efeméride; de 11 a 16, torneio de futebol de salão; 14, espectáculo cultural; 15, prova de atletismo «Os 18 quilómetros do 18 de Janeiro», prova de ciclismo e tarde infantil; 17, teatro — «1983» pelo Grupo de Campolide; e no dia 18, romagem ao cemitério, inauguração do Monumento ao Vidreiro por um sobrevivente do 18 de Janeiro, com a presença de representantes da CGTP, do Sindicato da Indústria Vidreira, da Câmara Municipal e da Associação 25 de Abril; acção de rua com comício; e um espectáculo de encerramento com uma reconstituição histórica e ligação à situação actual.

Relizar-se-ão ainda sessões evocativas do 18 de Janeiro no Porto, Lisboa e Setúbal; plenários e visitas de dirigentes sindicais e da CGTP a empresas de vários distritos; e acções de divulgação junto da população sobre o siginficado histórico e actual do 18 de Janeiro de 1934.

Trabalhadores dispostos a lutar contra "pacote laboral" para a F.P,

-diz o STAL

Os coordenadores regionais do Sindicato Nacional dos Trabalhadores d Administração 'pcaé (STAL), reunidos na sua sede nacional, em Santarém, repudiaramm a recente aprovação pelo Governo do pacote laboral para os trabalhadores da Administração Pública, que, segundo afirma irá «restringir inda mais os direitos conquistados pelos trabalhadores em geral e em especial os trabalhadores da Administração Central, Regional e Local».

Segundo uma nota divulgada pelo STAL, os diplomas aprovados pelo Governo, serem aplicados, trariam como consequência imediata: «a possibilidade do despedimento puro e simples de todos os trabalhadores com menos de 3 anos de serviço a legalização do regime de contratos sem prazo certo; a permissão do despedimento de trabalhadores independenemente do seu tempo de serviço e vínculo; a limitação das promoções e reclassificações, acabando com os quadros de pessoal com dotações globais por carreira; a imposição de transferências, de serviço ou de local de trabalho, sem qualquer critério e sem acordo do trabalhador; recuperaçãoo de legislação anterior, nomeadamente do pacote laboral de M,aio de 1982, já repudiado pelos trabalhadores, agravando-o substancialmente;

marginalização das associações sindicais e outras organizaçãoes representativas de trabalhadores; diminuição dos direitos e garantias dos trbalhadores, consignada na lei ordinária; violação sucessiva e sistemática do exercício dos direitos, liberdades e garantias consticucionalmente consagradas e de convenções internacionais ratificadas por Portugal; aumento sucessivo do desemprego e/ou excedentes, em claro cumprimento dos objectivos impostos pelo capitalismo internacional retratado nos acordos com o FMI.

Nestes termos, diz o STAL, já que «não resta outra alternativa que não seja a luta» os trabalhadores vão mobiliza-se «para dar uma resposta adequada a este Governo».

Metalúrgicos apoiam acções de luta marcadas para este mês

A Assembleia de Delegados do Sindicato dos Metalúrgicos do Sul decidiu apoiar «as grandes acções de luta sindical, de carácter nacional», convocadas para os próximos dias 26, 27 e 28 e que incluem paralisações, concentrações e plenários, culminando no dia 28 com manifestações.

«Nunca, depois do 25 de Abril, foi tão grave a situação dos trabalhadores», sublinha a resolução aprovada pelo Sindicato dos Metalúrgicos, acrescentando que «enquanto isto o Governo Soares/M. Pinto indemniza o grande capital em mais de 140 milhões de contos, ao mesmo tempo que o patronato recebe subsídios do Fundo de Desemprego, que fraudulentamente desvia para utilização pessoal e deve mais de 60 milhões de contos à Previdência, retendo ainda por cima as quotizações que os trabalhadores descontam para o Sindicato, para as utilizar em proveito próprio.

O documento diz que a estrutura sindical «tem dado a sua quota parte determinada e firme na luta do movimento sindical unitário contra este estado de coisas quer, lutando pela revisão do contrato da metalurgia e metalomecânica, quer lutando contra o aumento do custo de vida, contra os salários em atraso, contra o roubo do 13.º mês, contra os despedimentos («lay-off», e pela defesa do sector empresarial do Estado nas mais diversas e variadas formas de luta, que tem vindo a crescer, a conjugar-se e a unificar-se».

Por isso os delegados sindicais dos metalúrgicos do Sul exortam os trabalhadores «a concretizarem e a materializarem as grandes linhas de acção e objectivos fundamentais do plano de actividades para 1984» aprovado na assembleia e que põe a tónica na concretização das deliberações do 4.º Congresso da CGTP-IN e dos seus 22 pontos reivindicativos.

FIMA quer despedir elementos da CT

A FIMA, Fábrica Imperial de Margarina, Ld.ª, empresa do grupo Unilever (Fima/Lever/Iglo) suspendeu todos os elementos da cõmissão de trabalhadores (CT), instaurando-lhes processos disciplinares» com intenção de proceder ao seu despedimento».

Segundo um comunicado divulgado pela CT «este procedimento baseia-se no facto de a comissão de trabalhadores ter denunciado a atitude de elementos da Eurest (empresa concessionária da cantina da Fima de Santa Iria de Azóia) que foram **ao contentor do lixo buscar peixe que lá se encontrava por razões que ainda se desconhecem, para confecção de refeições a servir aos trabalhadores.**

A CT, que diz ter actuado «com toda a legitimidade na defesa dos interesses dos trabalhadores», sublinha estar «de consciência tranquila» e reafirma a sua intenção de «sejam quais forem as consequências, continuar a assumir intransigentemente a defesa dos interesses dos trabalhadores que para isso mesmo a elegeu».

APROVADO PELOS ALUNOS * APROVADO PELOS ALUNOS * APROVADO PELOS ALUNOS
SENECA T:40092 SENECA T:822776 SENECA

Contrariamente a algumas notícias divulgadas ontem, designadamente no Telejornal da hora de almoço, a placa continua... e agora mais reforçada: tem 1 metro e meio de alto, 2 metros enterrados e uma travessa que passa por baixo da estrada

Diferendo Crestuma-Lever

Carga explosiva na placa da discórdia

PORTO, 2 – «A opinião pútlica portuguesa assistiu, no primeiro dia do ano, através do Telejornal, a mais um acabado exemplo de ausência de autoridade por parte das entidades responsáveis do nosso País».

Esta afirmação consta de um comunicado emitido ontem pelos órgãos autárquicos de Crestuma, a propósito dos últimos incidentes ali registados, nomeadamente na passagem de ano, com o rebentamento de umu carga explosiva, presumivelmente colocada por gente de Crestuma, na placa ilegal que populares de Lever impantaram na noite de Natal na área em disputa pelas duas freguesias.

Os autarcas de Crestuma afirmam «ser cada vez mais iminente a possibilidade de confronto» e salientam estarem «surpreendidos com a falta de autoridade que se vem evidenciando no caso da placa e marcò divisórios», qoe o própiro governador civil do Porto considera ilegalmente colocados por se tratar de uma área que a Assembleia Distrital do Porto, em 28 de Julho último, considerou como parte integrante de Cresuma.

O comunicado dos autarcas da Crestuma manifesta espanto pelo facto de ontem de manhã os elementos da GNR, presentes no local, terem permitido o reforço da plana ilegal, com cimento, por populares de Lever. Manifestando ainda «espanto e eindignação», o comunicado dos autarcas crestumemses alerta para a possibilidade de haver confrontos entre as populações, aliás já esboçados esta madrugada com a presença de grande número de populares de ambas as freguesias, de um e outro lado da área em disputa.

A referida carga explosiva rebentou por volta das 7 horas de ontem, na base da plana indicativa de «Lever», que se deslocou ligeiramente, ficando «muito danificada», segundo um elemento da FNR.

TRIBUNAL JUDICIAL
DE LISBOA

10.º JUÍZO CÍVEL

ANÚNCIO

São citados os credores desconhecidos que gozem de garantia real sobre os bens penhorados aos executados para reclamarem o pagamento dos respectivos créditos, pelo produto de tais bens, no prazo de dez dias, depois de decorrida a dilação de vinte dias, que se começará a contar da publicação do segundo e último anúncio, na Execução de Sentença n.º 9211/C, 1.ª Secção.

Exequentes: FRANCISCO CARVALHO GOMES, Executado: JOSÉ MANUEL FERREIRA BORGES, residente no Parque de Campismo do Monsanto, em Lisboa, e sua mulher MARIA DO CARMO MARTINS BORGES, residente na Rua do Cabo da Aldeia, n.º 4, Lousa, em Moncorvo.

Lisboa, 30/Novembro/1983

O Juiz de Direito
Afonso de Azevedo Melo

Pel'O Escrivão de Direito
Maria Júlia Ferreira Carreiro

«DL» — 2/1/84 — 1.ª Publicação

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE VILA FRANCA DE XIRA
ANÚNCIO

É por este meio citado o réu MANUEL ROCHA DE ALMEIDA, com última residência conhecida no lugar do Eido, freguesia de Mesio, concelho de Castro Daire, e actualmente em parte incerta, para comparecer pessoalmente neste Tribunal Judicial no próximo dia 18 de Janeiro de 1984 pelas 14 horas, a fim de se proceder à tentativa de conciliação a que alude o art.º 1407.º do Código de Processo Civil, designada no autos de divórcio litigioso, com pedido do benefício de assistência judiciária, que com o n.º 856 corre seus termos pela 2.ª secção do 2.º Juízo da comarca de Vila Franca de Xira, em que é autora Soledade Maurício Pinto.

No caso de a referida diligência se não realizar por falta do réu fica desde já o mesmo citado para, no prazo de vinte dias, findo o prazo dos éditos de trinta dias, contestar a acção supra referida, com a advertência de que a falta de contestação não importa a confissão dos factos articulados pela autora.

O duplicado da petição inicial encontra-se depositado neste juízo e secção à disposição do citando.

Vila Franca de Xira, 24 de Novembro de 1983.

O JUIZ DE DIREITO
(assinatura ilegível)
O ESCRIVÃO ADJUNTO
(Assinatura ilegível)

«DL» 2/1/84 — 1.ª Pub.

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA

Associação Portuguesa de Designers

Convocatória

Tendo terminado o mandato da actual Direcção, convocam-se todos os sócios da Associação Portuguesa de Designers para uma Assembleia Geral Ordinária, a realizar no dia 18 de Janeiro de 1984 pelas 21.00 horas, na Sociedade Nacional de Belas Artes, em Lisboa, com a seguinte ordem de trabalhos:

1. Apresentação do Relatório e Contas da Direcção cessante;
2. Votação;
3. Eleição dos novos Corpos Gerentes;
4. Informações.

Se não houver "quorum" à hora marcada a Assembleia Geral reunirá uma hora depois com qualquer número de associados.

Lisboa, 29 de Dezembro de 1983

O PRESIDENTE DA MESA DA ASSEMBLEIA GERAL
Daciano Monteiro da Costa

igadas ontem, designadamente no
ontinua... e agora mais reforçada:
errados e uma travessa que passa
estrada

tuma-Lever

plosiva discórdia

considera ilegalmente colocados
or se tratar de uma área que a
Assembleia Distrital do Porto, em
8 de Julho último, considerou
como parte integrante de Cre-
suma.

O comunicado dos autarcas da Crestuma manifesta espanto pelo facto de ontem de manhã os elementos da GNR, presentes no local, terem permitido o reforço da plana ilegal, com cimento, por populares de Lever. Manifestando ainda «espanto e eindignação», o comunicado dos autarcas cresumemses alerta para a possibilidade de haver confrontos entre as populações, aliás já esboçados esta madrugada com a presença de grande número de populares de ambas as freguesias, de um e outro lado da área em disputa.

A referida carga explosiva rebentou por volta das 7 horas de ontem, na base da plana indicativa de «Lever», que se deslocou ligeiramente, ficando «muito danificada», segundo um elemento da FNR.

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE VILA FRANCA DE XIRA
ANÚNCIO

É por este meio citado o réu MANUEL ROCHA DE ALMEIDA, com última residência conhecida no lugar do Eido, freguesia de Mesio, concelho de Castro Daire, e actualmente em parte incerta, para comparecer pessoalmente neste Tribunal Judicial no próximo dia 18 de Janeiro de 1984 pelas 14 horas, a fim de se proceder à tentativa de conciliação a que alude o art.º 1407.º do Código de Processo Civil, designada nos autos de divórcio litigioso, com pedido do benefício de assistência judiciária, que com o n.º 856 corre seus termos pela 2.ª secção do 2.º Juízo da comarca de Vila Franca de Xira, em que é autora Soledade Maurício Pinto.

No caso de a referida diligência se não realizar por falta do réu fica desde já o mesmo citado para, no prazo de vinte dias, findo o prazo dos éditos de trinta dias, contestar a acção supra referida, com a advertência de que a falta de contestação não importa a confissão dos factos articulados pela autora.

O duplicado da petição inicial encontra-se depositado neste juízo e secção à disposição do citando.

Vila Franca de Xira, 24 de Novembro de 1983.

O JUIZ DE DIREITO
(assinatura ilegível)
O ESCRIVÃO ADJUNTO
(Assinatura ilegível)

«DL» 2?.1/84 — 1.ª Pub.

AL ORDINÁRIA

catória

rminado o mandato da actual Direcção,
-se todos os sócios da Associação Por-
de Designers para uma Assembleia Geral
a, a realizar no dia 18 de Janeiro de 1984
00 horas, na Sociedade Nacional de
tes, em Lisboa, com a seguinte ordem
hos:

presentação do Relatório e Contas
a Direcção cessante;
otação;
leição dos novos Corpos Gerentes;
formações.

ouver "quorum" à hora marcada a Assem-
ral reunirá uma hora depois com qualquer
de associados.

29 de Dezembro de 1983

A ASSEMBLEIA GERAL
o da Costa

INQUÉRITO

Dirigentes políticos respondem ao "DL": como foi 83? Que perspectivas para 84?

Magalhães Mota (ASDI)

1984 é ano de desafio

Num balanço do ano de 1983, creio que ele é fundamentalmente marcado, pelo menos em termos portugueses (e só nesses falo), pela presença da crise, agora já por ninguém negada, já que por todos sentida.

Continua, no entanto, a ser uma crise não assumida nem explicada. Penso que, nem uma, nem outra destas realidades, é um bom prenúncio para 1984.

De facto, se a crise teve razões meteorológicas (a seca, depois as inundações) ou meramente exteriores (o dólar, a alta das taxas de juro), os sucessivos Governos serão iguais na sua incapacidade de a debelar, já que não consta que uns mais que outros tenham maior poder para influenciar o estado do tempo ou a política monetária dos EUA ou para resolver a crise petrolífera.

É preciso dizer aos portugueses que causas próprias contribuíram para a crise, que o mesmo é dizer que ela tem responsáveis que terão que assumir a sua quota-parte de responsabilidade.

Depois, é preciso evitar cair nos mesmos erros, ou seja, não repetir o eleitoralismo e a ânsia pelo poder de 1980, não prosseguir sem resolver as questões estruturais sem as quais toda a melhoria ou é ilusão ou demagogia.

Por isso, 1984 é um ano de desafio. Em que preisamos de saber qual o projecto de transformação da economia, quais as medidas de justiça social que vão ser adoptadas – e já tardam.

Não faço, por isso, nenhuma previsão para 1984. Mas um voto: o de que sejamos capazes, todos, de corresponder ao desafio dum tempo que é nosso e às suas exigências de progresso e de justiça.

José Tengarrinha (MDP)

Isolamento do governo torna indispensável a mudança

O início do ano político nacional foi dominado pelos resultados das eleições autárquicas de 12 de Dezembro de 1982, que apressam o fim da AD no poder. Confirmando mais visivelmente que a AD não era força maioritária, viu-se também desde logo que a APU e, em maior parte, o PS recolhiam o largo descontentamento contra a desastrosa governação da AD. Ao passo, porém, que os resultados eleitorais da APU significavam mais um avanço na sua constante progressão, os do PS, como sempre muito oscilantes, mostravam recuperação em relação a 1979, mas muito longe do nível atingido em 1976.

O movimento social de oposição à AD – expresso sob muito variadas formas, desde as lutas localizadas aos protestos nacionais, com uma amplitude e vigor como até aí não se vira – impunha uma alteração da política do País.

Acrescia a isto a falta de dignidade e seriedade política que marca os últimos tempos da governação da AD, com o espectáculo trágico e grotesco que nos foi dado pelas acusações mútuas entre o PSD e o CDS e dentro de cada um desses partidos, as demissões de Freitas do Amaral e de Pinto Balsemão, as birras e amúos dos «senhores políticos», etc, etc. num rol de factos em nada prestigiante para as instituições e o funcionamento de uma sociedade democrática. Por isso se pode dizer que a decisão tomada pelo chefe do Estado de dissolver a Assembleia da República e marcar eleições antecipadas para o dia 25 de Abril correspondeu aos sentimentos da quase totalidade dos portugueses, para além da diversidade das suas opções políticas.

O encontro de Janeiro

Perante a gravíssima crise económica, política, moral que o País atravessava, o MDP/CDE, no Encontro Nacional de 29 e 30 de Janeiro, concluia que deveriam ser criadas condições para formar um grande bloco de forças democráticas que tivesse menos em conta a rigidez das fronteiras partidárias do que o acordo possível sobre os grandes problemas que Portugal enfrentava . Embora admitissemos a dificuldade de concretização dessa proposta a curto prazo, reconhecíamos que ela correspondia a uma aspiração da maioria dos portugueses e que – como aconteceria – viria a ganhar cada vez mais credibilidade.

Já então, porém, a direcção do PS manobrava a ocultas no sentido de uma aproximação com o PSD, o partido maior responsável pela desastrosa governação da AD. Assim, a orientação da campanha eleitoral do MDP/CDE foi conduzida em três linhas principais: evidenciar a responsabilidade da AD pela situação em que o País se encontrava; mostrar que um governo PS/PSD iria prosseguir, no fundamental, a política dos governos da AD; e demonstrar que uma governação estável e eficaz não poderia ser conseguida sem a participação das forças que compõem a APU, na perspectiva que vínhamos defendendo de uma solução governativa de amplo entendimento democrático.

Infelizmente, a evolução da vida política viria a dar razão às nossas apreensões: a aliança governativa PS/PSD iria não só prosseguir a orientação essencial da governação da AD, que o povo português condenara, como levar ainda mais longe a política de destruição dos fundamentos democráticos da nossa sociedade: delimitação dos sectores – retomando a lei da AD que esta não tivera força política para fazer aprovar – alteração da legislação laboral, contenção de aumentos salariais das empresas públicas e na função pública, subida de taxas de juro, elevação brusca de preços de bens essenciais, agravamento da política fiscal, desvalorização do escudo, confrontos com o Presidente da República e as Forças Armadas no seu conjunto, com vista a provocar mudança nas chefias militares.

Limitações e dependência

Bem cedo se viu que esta linha de governação não se circunscrevia ao domínio económico e financeiro. O Governo fizera também, obviamente, uma opção política. E nessa opção não cabia a ampliação das liberdades e dos direitos dos trabalhadores e dos cidadãos em geral; essa opção conduziria inevitavelmente à drástica diminuição do espaço democrático em que nos movimentamos, como passou a ser visível em vários sectores, nomeadamente no da comunicação social.

Ao mesmo tempo, tem-se colocado este governo numa humilhante posição de dependência em relação aos grandes centros de decisão estrangeiros (como se viu pela aceitação, não inevitável, das condições desvantajosas em que foi negociado o acordo financeiro com o FMI) e, sobretudo, em face dos EUA (lembremos que nem sequer condenou a brutal invasão de Granada pelas tropas norte-americanas).

E esta atitude é particularmente grave quando vemos acentuar-se a política agressiva dos EUA, assumindo aspectos de aventureirismo irresponsável, e agravar-se a instabilidade mundial, quer através de conflitos localizados (como é o caso do Médio Oriente) quer devido à instalação de mísseis americanos na Europa Ocidental, que significa o abrir de uma nova e perigosíssima fase na velha história do nosso continente.

Equívocos e isolamento

Este governo PS/PSD tem-se esforçado por basear a sua credibilidade, a sua «inevitabilidade» em dois equívocos: o primeiro é o de que as medidas que tomou, qualquer outro governo seria obrigado a adoptá-las (o que é falso, porque essas medidas e o desvantajoso acordo com o FMI resultaram, sobretudo, de uma opção política, servem uma orientação económica profundamente lesiva, no imediato e no longo prazo, do nosso desenvolvimento económico e das condições de vida dos portugueses; com uma outra opção política, teria sido possível lançar medidas que pesassem menos sobre as camadas com menos recursos e que salvaguardassem as nossas perspectivas de desenvolvimento); o segundo equívoco é o de que este governo é a única alternativa possível (quando se sabe que é possível os democratas encontrarem, dentro dos mecanismos constitucionais, soluções diferentes da actual).

O crescente isolamento social e político do governo PS/PSD e a contestação cada vez mais forte que sofrerá, tornarão indispensável a mudança do governo e a substituição da fórmula em que se baseia, que não é a única possível.

Aparece-nos assim, com valor cada vez mais reforçado a proposta que o MDP/CDE tem vindo a fazer desde os princípios deste ano de que só terá estabilidade uma solução governativa de amplo entendimento democrático. A aproximação das eleições presidenciais, permitindo uma maior mobilidade e diluição de certas barreiras no quadro partidário, irá desenvolver uma dinâmica favorável a este objectivo.

Carlos Brito (PCP)

Perspectivas goradas combatividade robustecida

Quando se me colocou a questão de responder ao pedido do «Diário de Lisboa» para traçar em poucas linhas o balanço político de 1983 e o prognóstico do que vai seguir-se ocorreu-me que podia faze-lo em quatro palavras apenas: perspectivas goradas, combatividade robustecida.

Com efeito, 1983 foi um ano em que se abriram perspectivas muito concretas para uma viragem democrática na política nacional com as derrotas espectaculares sofridas pela direita e a criação das condições institucionais para uma radical mudança de política e a formação de um governo democrático como principal resultado das eleições do 25 de Abril.

Recordem-se: a derrota eleitoral da AD nas eleições autárquicas de Dezembro de 1982; as demissões de Balsemão e Freitas do Amaral e a queda do Governo que ambos chefiavam; a fracassada tentativa de formação de um novo governo AD; a dissolução da Assembleia da República e a convocação de eleições antecipadas perante os protestos histéricos de toda a direita.

Recordem-se os resultados das eleições do 25 de Abril de 1983, em que os partidos da direita perderam 547 mil votos, desceram em percentagem de 47,2% para 39,9% e perderam 29 deputados ficando reduzidos a uma posição minoritária na Assembleia da República.

As eleições confirmaram as anteriores derrotas da direita. O povo português votou pelo afastamento da direita do governo. Confirmaram-se as perspectivas de mudança e ficaram criadas as condições institucionais para um governo e uma política de mudança.

Estas perspectivas foram brutalmente goradas com a aliança do PS com o principal partido da coligação reaccionária derrotada.

«Pacotes» da direita servilmente repostos

Por isso, em vez da inversão da política de desastre seguida pela AD temos a continuação e até o agravamento duma política com consequências cada vez mais catastróficas para o povo e para o país: mais desemprego, mais despedimentos, mais salários em atraso, mais impostos, mais subida de preços, menos salários, menos saúde, menos ensino, menos habitação, menos investimento, menos produção e, apesar de tudo isto, maior endividamento externo do País.

O governo PS/PSD vai ficar na história como o-governo-de quando-os-patrões-não-pagavam são já 140 mil com os salários em atraso.

Todos os «pacotes» e «projectos» da direita são servilmente repostos por Mário Soares: abertura da banca e outros sectores básicos, pacote laboral, pacote autárquico, pacote repressivo, monopolização da Comunicação Social, governamentalização das Forças Armadas.

A revogação da lei das Finanças Locais por uma mera disposição no Orçamento do Estado é um escândalo inqualificável que

Continua na pág. 8

Por divergências com a maioria do executivo

Socialistas abandonam assembleia municipal de Arganil

Os deputados socialistas da assembleia muncipal de Arganil (Coimbra) abandonaram os trabalhos da reunião extraordinária daquele órgão autárquico durante a discussão da alienação da Quinta do Mosteiro, por considerarem que a sua venda por 20 milhões de escudos a uma ordem religiosa foi feita «sem que para tal fosse emitida uma deliberação da assembleia».

O presidente da Câmara Municipal, José Coimbra (CDS), considerou o abandono da assembleia uma «falta grave e desconsiderante. No entanto, o porta-voz dos socialistas, Mário Vale, precisou que «uma proposta aprovada por unanimidade na última Assembleia Municipal obrigrava o executivo a apresentar, antes desta sessão, um estudo alternativo à proposta de venda, o que não foi realizado».

Compra Câmara Municipal não apresentou os estudos que ela própria entendeu necessários para uma decisão definitiva, nem apresentou nenhum relatório devidamente discriminado da forma como as negociações foram conduzidas, acrescentou o autarca socialista – «não se pode votar com consciência a lienação da Quinta do Mosteiro».

O presidente da Câmara afirmou à ANOP que os socialistas «votam sempre contra, evitando responsabilizar-se com o executivo» e acusou-os de terem abandonado a sala «para provocar o adiamento da resolução do problema, ao constatarem que deixaria de haver quorum».

Após uma interrupção dos trabalhos de cerca de 60 minutos, enquanto o quorum não foi restabelecido, a Assembleia Municipal aprovou por unanimidade a alienação da Quinta do Mosteiro, à ordem dos frades cruzios.

Foi também aprovada uma proposta, recomendando ao executivo a negociação de uma cláusula estipulando o estrito cumprimento do contrato de compra e venda.

Gestão caótica?

O presidente da assembleia municipal, Fernando Caldeira (PSD), disse antes do início do debate que «todos os projectos para a viabilização da Quinta do Mosteiro, nomeadamente uma escola rural, aproveitamento turístico e exploração agro-florestal e pecuária perderam-se nos meandros do país real».

Considerou que a venda, a realizar-se, não deveria ser feita a um particular como mera transação comercial e disse que a sua alienação à Ordem dos Frades Cruzios «representa uma reposição histórica que poderá constituir, como valorização cultural e social, um incentivo regional».

O presidente da câmara, José Coimbra, referindo-se à quinta, afirmou também que «todas as iniciativas do município não tiveram eco junto das autoridades governamentais «apesar das sucessivas promessas feitas».

«Até o antigo ministro da Cultura, Lucas Pires, prometeu comprar o espólio da biblioteca existente na Quinta, o que também nunca se chegou a concretizar», revelou.

No entanto, o socialista Mário Vale acusou o executivo municipal de falta de programação e da não nomeação de um gestor para viabilizar economicamente a exploração da Quinta.

Responsabilizou também o executivo – um elemento do CDS, quatro do PSD e dois do PS – por chegar ao fim de um exercício «com dívidas em atraso de cerca de cem milhões de escudos e mais 50 milhões em empréstimos a médio prazo, quase as receitas totais de um ano financeiro».

A história da Quinta

A Quinta do Mosteiro, situada na freguesia de Folques, concelho de Arganil (Coimbra) pertenceu à Ordem dos Frades Cruzios, fundada no século 12 por São Teotónio, patrono de D. Afonso Henriques, até à extinção das ordens religiosas em Portugal.

Comprada por particulares no século 19, foi readquirida por dez milhões de escudos em 14 de Novembro de 1979 pela Câmara Municipal de Arganil, tendo então como presidente o social-democrata Carlos Ribeiro.

A quinta, além de um convento classificado de interesse público tem uma biblioteca e um conjunto de quadros a óleo de artistas de nomeada.

Com 130 hectares de floresta, dos quais cerca de 100 arderam em 1982, possui também 20 hectares de regadio e dez de olival com infraestruturas pecuárias e um lagar de azeite.

Um relatório encomendado pela Câmara Municipal, a que a ANOP teve acesso, concluiu pela venda do património, devendo no entanto salvaguardar-se quando a transação o seu valor histórico e cultural.

Também o conselho municipal, reunido em 23 de Dezembro, entendeu por unanimidade, dar parecer favorável à câmara para a alienação da quinta.

de ontem para hoje

Um «Mergulho louco» em Carcavelos

Mantendo em tradição, cerca de vinte banhistas, na sua maioria já longe da idade das «loucas aventuras», mergulharam ontem de manhã nas águas geladas da praia de Carcavelos, perante o olhar divertido de algumas centenas de curiosos. Eram 11 horas e o sol estava bem escondido para além das nuvens carregadas de nevoeiro.

O centenário de Leonardo Coimbra

Terminaram na Vila da Lixa as celebrações do 1.º centenário do nascimneo de Leonardo Coimbra (foto) que incluíram uma romagem à sua campa no cemitério e a inauguração de uma estátua e o lançamento de uma medalha comemorativa, bem como uma sessão solene a que presidiu o ministro da Educação, José A. Seabra. Leonardo Coimbra, escritor e fundador da Faculdade de Letras e da Universidade Livre do Porto, foi ainda ministro da Instrução Pública e administrador do concelho da Maia, tendo morrido aos 54 anos num acidente de viação. As celebrações incluíram ainda uma conferência pelo dr. António Brás Teixeira, um colóquio e uma exposição evocativa organizada por Ribeiro dos Santos e Santana Dionísio.

Falsificadores de cartas de condução

Um indivíduo de apelido Leal foi detido em Leiria pela PJ sob a acusação de ser o «cérebro» de um grupo de falsificadores de cartas de condução, algumas das quais já apreendidas naquela cidade e em Vila Nova de Ourém, Fátima e Leiria. As cartas eram vendidas por preços que oscilavam entre os 40 e os 60 contos.

Recenseamento para o Exército

De acordo com um edital do Estado-Maior do Exército, os mancebos que completem dezoito anos este ano deverão fazer, até 31 do mês em curso, o recenseamento militar na secretaria da Câmara Municipal ou do Bairro Administrativo, em Lisboa e Porto, de área onde nasceram ou onde residem. Quanto aos que completem 19 anos no mesmo período poderão beneficiar do adiamento da prestação do serviço militar desde que entreguem, até idêntica data, no Distrito de Recrutamento e Mobilização a que pertencem, uma declaração na qual conste pretenderem beneficiar desse adiamento e estarem a frequentar o 12.º ano de escolaridade ou um curso superior.

Estudante detido com heroína

Por suspeita de se dedicar ao tráfico de heroína, foi capturado, no Porto, pela PSP, o estudante Paulo Miguel Ferreira Garcez Sequeira, de 23 anos, morador no Largo António Ramalho, naquela cidade. O detido dirigia-se para um café da Rua 15 de Novembro, onde costumam parar alguns consumidores de droga. Ao notar, porém, a presença de alguns elementos estranhos, o estudante retrocedeu e afastou-se rapidamente. A sua atitude foi, entretanto, notada pelos elementos do Pelotão de Segurança da PSP, que foram no encalço do suspeito, vindo a interceptá-lo na Rua Padre Alexandre. Nesse momento, Paulo Miguel tentara já desfazer-se de uma embalagem de heroína, lançando-a para o chão, a qual, segundo confessou, havia sido adquirida algum tempo antes num café da Rua Serpa Pinto. Num dos bolsos, o suspeito tinha ainda 5160 escudos cuja proveniência não justificou devidamente, presumindo-se, assim, que a mesma fosse resultante da venda de uma pequena porção do referido produto. Na posse de todos estes dados, o magistrado dos Juízos de Instrução Criminal legalizou a prisão, mandando Paulo Miguel para a Cadeia de Custóias, enquanto o processo vai baixar à Polícia Judiciária para instrução.

Desmantelada em Torres Novas quadrilha de traficantes de automóveis

Num barracão situado nas proximidades de Torres Novas foram encontradas várias viaturas roubadas naquela região e ainda no Entroncamento, Alpiarça, Leiria, Alcobaça e Tomar. A Polícia Judiciária, que deteve o proprietário do referido barracão, entrou na pista do «gang» ao descobrir, na Praia do Ribatejo, um compressor, um grupo de geradores e baterias próprias para rectro-escavadoras, que tinham sido furtadas ao consórcio luso-espanhol que procede à montagem da conduta de água na barragem de Castelo de Bode. A PJ afirma, que até agora, o proprietário do barracão clandestino, e os seus «colaboradores», já terão vendido carros no valor de 5700 contos. Dos automóveis encontrados alguns estavam completamente desmantelados e outros em fase de desmontagem.

Poluição mata peixes no rio Lima

Produtos tóxicos provenientes da fábrica da Portucel, situada na Freguesia de Deocriste, concelho de Viana do Castelo, estarão, em princípio, na origem da poluição que já dizimou milhares de peixes no rio Lima. As espécies mais atingidas são as enguias e as tainhas.

Parlamento reabre amanhã

Estatuto dos Advogados no primeiro debate mas o aborto e Vizela continuam em foco

Depois das férias de Natal, que se seguiram à aprovação do Orçamento, reabre amanhã a Assembleia da República.

Este princípio do ano de 1984, o ano décimo depois da Revolução de Abril, promete trazer tudo menos surpresas. O que não quer dizer falta de animação. Dois ou três temas alinham-se já para sacudir o torpor parlamentar. Sem ser exaustivo, pode-se falar do aborto, cuja legalização deverá ser discutida já em Janeiro, de Vizela e da criação de autarquias e a revisão do Regimento Parlamentar.

O curioso aqui, não será o resultado das votações, embora algumas sejam ainda imprevisíveis, mas sim saber se a maioria governamental continuará a aguentar o embate das oposições.

Quanto à legalização do aborto, sabe-se que o PS, impulsionado por Almeida Santos, apresentará uma proposta, mais moderada que a do PCP sobre a matéria. E sabe-se também que o PSD é, neste tema, mais AD que boloco central, e opõe-se irredutivelmente a todas as iniciativas.

O mesmo poderá acontecer quanto a Vizela e às novas autarquias. PSD e CDS talvez voltam a alinhar forças para impedir a concretização da promoção das freguesias a concelho.

Resta saber até quando, ou quanto, estará o PS disposto a ceder para manter unida a coligação governamental.

E no fundo é disso que se trata, porque nenhum daqueles temas é fundamental para a resolução dos sempre invocados problemas nacionais. Habilmente, o PCP lançou-as para a arena. E, diga-se em abono da verdade, a maioria conseguiu enfrentar o desafio político que lhe foi posto.

Aliás, a incapacidade da maioria no Parlamento foi uma das principais características do final do ano passado. Disso parecem ter consciência as respectivas cúpulas, que têm dado alguns passos para superar a inépcia da sua actuação, parlamentar. O PSD já escolheu líder, e José Luís Nunes parece estar pronto para deixar a vice-presidência da AR e ocupar o primeiro lugar na bancada parlamentar socialista. Ao mesmo tempo, avolumam-se os rumores dando como certa a próxima substituição do secretário de Estado encarregado das Relações com o Parlamento.

Adjunto de Almeida Santos, Armando Lopes tem vindo a ser responsabilizado por repetidas «gaffes» na articulação entre o Governo e o Parlamento e é quase garantido que será substituído na primeira oportunidade.

Nas bancadas da oposição vai-se assistir no princípio do ano à consolidação do prestígio de alguns deputados que começaram a revelar-se nos últimos debates. No CDS, Azevedo Soares, Morais Leitão e Nogueira de Brito são os mais activos, enquanto que no PCP, têm estado em evidência dois jovens deputados — José Magalhães e João Amaral.

Nos pequenos partidos, a única incógnita de relevo é a UEDS. As conclusões da Convenção Nacional, que parecem indicar uma aproximação ao PS, terão reflexo na prática parlamentar do partido, ultimamente bastante crítica em relação ao Governo? No MDP e na ASDI não haverá decerto grandes novidades, enquanto que o deputado «verde» tem-se mostrado sempre pouco à vontade no ambiente de S. Bento.

Para já, a reabertura dos trabalhos parlamentares vai trazer um debate que pode ser polémico — o do estatuto dos advogados.

Este diploma baseia-se numa proposta formulada pela direcção da Ordem dos Advogados que foi vivamente criticada por muitos causídicos que o acusaram de ser um projecto conservador e pouco atento às realidades profissionais da actualidade.

Não se conhecem ainda os contornos do projecto definitivo, mas sendo a dos advogados uma das profissões mais representadas em s. Bento, é muito provável que as divergências que têm se têm revelado na classe a propósito do novo estatuto, nomeadamente quanto às incompatibilidades profissionais e à advocacia de empresa, fora dos moldes tradicionais da profissão liberal, tenham eco no hemiciclo.

Já se vem ao mundo por cronómetro

Primeiro bebé de 1984 é menina e nasceu no Porto

A disputa suscitada pelo nascimento do primeiro bebé de cada ano tende a progredir de tal modo que, num futuro próximo, poderá bem ser determinada por cronómetro. Aliás, isso mesmo sucedeu com o primeiro bebé-84, que não é de Lisboa, como foi anunciado, mas do Porto. E não um rapaz, como também foi referido (em Lisboa), mas uma menina (que nasceu um segundo depois da meia-noite de ontem, na Maternidade Júlio Diniz, na capital nortenha).

Vai chamar-se Patrícia Raquel o primeiro bebé de 1984, nascido imediatamente a seguir à última badalada horária de 1983, isto é, no primeiro segundo deste ano. É já o cronómetro a funcionar com incrível precisão, e nove segundos antes do primeiro nascimento de Lisboa, na Maternidade Alfredo da Costa. Foi, com efeito, dez segundos depois da meia-noite que naquela estabelecimento veio à luz um rebento com três quilos e 330 gramas, filho de Francelina do Rosário Antunes e de António Pereira Ferreira, funcionário da Carris. A senhora, com 34 anos, o marido, com trinta e três. Ambos ansiavam uma menina – porque já tinham um rapaz, hoje com 11 anos –, mas o facto de lhes ter surgido um varão não os preocupa. «Foi um filho muito desejado», disse Francelina Antunes que, no entanto, não quer fazer mais qualquer outra tentativa para arranjar uma menina. A vida está muito cara», disse esta mulher de Cenaças, esposa de um funcionário da Carris que inicia novo ano de trabalho com prole aumentada.

Ainda na capital, além do Ricardo – é assim que se vai chamar o primeiro bebé do ano de Lisboa –, nasceram mais três, meninas nas primeiras quatro horas, uma das quais antes da uma hora: justamente aos 30 minutos do primeiro dia deste ano. Isso sucedeu na Maternidade Egas Moniz, pesando a criança, filha de Maria Nela Oliveira Barata, dois quilos 3 900 gramas.

As duas outras meninas nasceram, depois da primeira hora, na Magalhães Coutinho e na Associação dos Empregados do Comércio, em S. Cristóvão, respectivamente, filhas de Maria da Graça Godinho e de Maria Manuela Martins Soares Lopes: a primeira à 1.05 e a segunda às 4 horas. O primeiro bebé de 1984 da Maternidade do Hospital de Santa Maria nasceu às 7 horas, filho de Maria Noélia Nóbrega Silva Bo ges, com quatro quilos menos cinquenta gramas de peso.

Patrícia Raquel: nome do primeiro bebé de 1984

Um segundo depois da meia-noite de 31 de Dezembro de 1983 nasceu na Júlio Dinis, do Porto, o bebé que viria a ser, afinal, o primeiro deste ano, filho de Maria Luísa Madureira Sousa Cardoso e de Manuel de Oliveira Cardoso, de Vale do Couto, no concelho de Marco de Canavezes. Nasceu de parto natural. Pesava 3k 450 gramas. É uma menina que, por vontade dos pais e dos padrinhos, se chamará Patrícia Raquel.

Também de parto natural nasceu, na Maternidade do Hospital de S. João, ainda no Porto, um outro bebé, nas primeiras horas – cinco minutos depois das três –, pesando 2,900 quilos. Mas uma menina, filha de Maria da Conceição Faria, do Campo, freguesia do concelho de Calongo, que na pia batismal receberá o nome de Marina.

O primeiro bebé nascido no Hospital de Santo António, também no Porto, nasceu ontem à tarde, após uma csariana, enquanto que o primeiro da Maternidade do Hospital de Gaia, um «rapaz débil», como esta manhã afirmaram ao «DL», faleceu pouco depois de nascer. Pesava apenas 1k 400 gramas.

O primeiro bebé algarvio de 1983 nasceu no Bloco de Partos do Hospital Distrital de Faro, à 1.30 de ontem, filho (um rapaz) de Teresinha Romão Cardoso. Pesava 2k 800 gramas. O parto foi assistido pela enfermeira Vírgínia José.

Depoimento de Carlos Brito

Continuação da pág. 7

bate todos os recordes da AD em matéria de inconstitucionalidade e prepotência.

A luta continua

Não será no entanto, a traição da vontade do eleitorado, nem a brutalidade com que Soares e Pinto espezinham os interesses dos trabalhadores e da grande maioria dos portugueses que ficarão como traço característico do ano de 1983. Pelo contrário, o traço característico do ano que vai findar é a combatividade robustecida com que lutam os os trabalhadores e as outras classes e camadas atingidas pela política governamental. Quando muitos anunciavam a decepção, a expectativa e a desmobilização como o estado de espírito dominante entre as massas populares, a resposta que percorre o país inteiro é o descontentamento activo que se traduz em múltiplas acções dos trabalhadores como, greves, concentrações, manifestações, vigílias, acompanhadas de importantes tomadas de posição e iniciativas de luta de outras camadas da população, designadamente, agricultores e pequenos e médios empresários. Dito em poucas palavras: a luta continua.

Em muitos casos, é certo, a luta trava-se ainda apenas no terreno social. Mas confirma-se, por isso, a drástica redução da base social de apoio do governo PS/PSD. Vários indícios demonstram também como a redução da base de apoio social se transforma, cada vez mais, em diminuição da base de apoio político e eleitoral.

É este o enquadramento essencial das grandes batalhas políticas em que as forças democráticas estarão empenhadas em 1984, com destaque para a batalha pela substituição do Governo PS/PSD e a preparação da batalha das presidenciais nos diferentes aspectos, especialmente no que toca a movimento e candidato.

As clarificações feitas e a orientação definida pelo X Congresso do PCP constituem uma importante contribuição para o sucesso da democracia nestas batalhas, para derrotar os planos da reacção e para continuar Abril.

Com confiança entramos em 1984!

Lar da 3ª idade em Soito do Sabugal

Cerca de 12 milhões de escudos foram gastos na construção de um lar para a terceira idade em Soito, concelho de Sabugal, soube-se junto dos responsáveis.

A obra é da iniciativa da Santa Casa da Misericíordia de Soito que para o efeito recebeu já através se subsídios e peditórios ou doações públicas mais de 11 milhões de escudos.

A comissão promotora, em nota distribuída, refere que os bens da Misericórdia não foram ainda «tocados» faceà realização do empreendimento.

A conclusão da obra está prevista para fins de Agosto de 1984.

Vinte mil turistas na Madeira

Mais de vinte mil turistas assistiram no Funchal às comemorações da passagem de ano, que constituem um dos principais cartazes promocionais da Madeira.

A afluência de turistas nacionais e estrangeiros, habitual nesta época do ano, contribuiu para que as unidades hoteleiras da região esgotassem a sua capacidade de alojamento. Fontes oficiais admitiram que cerca de seis mil turistas, entre passageiros e tripulantes de navios estiveram em trânsito no porto do Funchal.

Oito paquetes de cruzeiro (seis soviéticos, um polaco e um norueguês) chegaram às 14 horas do dia 31 ao Porto do Funchal para assistirem às comemorações da passagem do ano.

O espectáculo pirotécnico (às zero horas locais) proporcionou a concentração da Baixa citadina de milhares de residentes e forasteiros, tendo a Direcção Regional de Turismo da Madeira efectuado a montagem de quatro dezenas de postos de lançamento de fogo.

O programa das «festas de im-de-ano» elaborado por aquele departamento encerra a 15 de Janeiro com a realização da tradicional volta à cidade do Funchal em atletismo que até 1982 foi corrida sempre a 30 de Dezembro de cada ano.

Americar receiam ofer no Salvad

A guerrilha salvadore nou o passado ano com monstração de força. A se, e destruiu parcialm sexta-feira, do quartel raíso, 60 quilómetros a San Salvador. El Para era?) a sede da quarta b Infantaria na província tenango. Foi construído o esquema sugerido pe selheiros militares» am Os «peritos» considera El Paraíso era uma p quase impossível de co

Tentando minimizar guerrilheiro, o Exército s nho fez saber que dois militares que guarnecia tel estavem em «oper exterior». Ainda assim, vam em El Paraíso 34 res — tropas de élite — nos Estados Unidos.

Rádio Venceremos, Farabundo Marti de L Nacional, forneceu núm rentes. Segundo a guerrilheira, duzentos foram mortos ou feridos assalto. Duzentos out feitos prisioneiros.

Os guerrilheiros d também a ponte de Cu uma parte da barrage léctrica situada no mesm ponte de Cuscatlan, qu Salvador aos departam Usulutan e San Miguel país) era considerada mais importante de San a seguir à Ponte de Or da pela guerrilha em 19 ainda não foi reconstru

O governo proibiu os de veicularem informa não sejam as constante municados oficiais.

Alguns analistas cita revista «Newsweek» di ditar que os guerrilhe pendo a sua táctica ha deriam tentar assassin vários candidatos às «e

Ex-CIA não quere "marine no Líba

Três antigos director (James Schlesinger, Turner e William Colby ciaram-se a favor da re contingente americano Multinacional instalada no.

Durante dois program tos que passaram onte deias televisivas ABC e três antigos directores consideraram que os americanos são dema neráveis a um ataque muito pouco numero cumprir a sua missão.

Os três ex-responsa serviços de informaç americanos estão de a que os «marines» est em Beirute deveriam se das suas posições, p aeroporto internacional missão de manutenção não fosse modificada.

«A menos que prontos a modificar o ec forças na região, colo numa posição em que podem brincar o rato c e as perdas americana tarão».

Enquanto os ex-patrõ peroravam na ABC e na começavam os confron os partidários das «forç sas» («milícias cristã das») e os partidárias Socialista Progressista, Jumblat.

Os duelos de artilh rompem uma trégua de atingiram várias cidade ras, situadas na estra Beirute.

Registou-se, entret manhã de hoje, novo contra o contingente fr tacionado em Beirute, dos Cedros».

iro debate em foco

relação ao Governo? No MDP e na ASDI não haverá decerto grandes novidades, enquanto que o deputado «verde» tem-se mostrado sempre pouco à vontade no ambiente de S. Bento.

Para já, a reabertura dos trabalhos parlamentares vai trazer um debate que pode ser polémico — o do estatuto dos advogados.

Este diploma baseia-se numa proposta formulada pela direcção da Ordem dos Advogados que foi vivamente criticada por muitos causídicos que o acusaram de ser um projecto conservador e pouco atento às realidades profissionais da actualidade.

Não se conhecem ainda os contornos do projecto definitivo, mas sendo a dos advogados uma das profissões mais representadas em s. Bento, é muito provável que as divergências que têm se têm revelado na classe a propósito do novo estatuto, nomeadamente quanto às incompatibilidades profissionais e à advocacia de empresa, fora dos moldes tradicionais da profissão liberal, tenham eco no hemiciclo.

Lar da 3ª idade em Soito do Sabugal

Cerca de 12 milhões de escudos foram gastos na construção de um lar para a terceira idade em Soito, concelho de Sabugal, soube-se junto dos responsáveis.

A obra é da iniciativa da Santa Casa da Misericíordia de Soito que para o efeito recebeu já através se subsídios e peditórios ou doações públicas mais de 11 milhões de escudos.

A comissão promotora, em nota distribuída, refere que os bens da Misericórdia não foram ainda «tocados» faceà realização do empreendimento.

A conclusão da obra está prevista para fins de Agosto de 1984.

Vinte mil turistas na Madeira

Mais de vinte mil turistas assistiram no Funchal às comemorações da passagem de ano, que constituem um dos principais cartazes promocionais da Madeira.

A afluência de turistas nacionais e estrangeiros, habitual nesta época do ano, contribuiu para que as unidades hoteleiras da região esgotassem a sua capacidade de alojamento. Fontes oficiais admitiram que cerca de seis mil turistas, entre passageiros e tripulantes de navios estiveram em trânsito no porto do Funchal.

Oito paquetes de cruzeiro (seis soviéticos, um polaco e um norueguês) chegaram às 14 horas do dia 31 ao Porto do Funchal para assistirem às comemorações da passagem do ano.

O espectáculo pirotécnico (às zero horas locais) proporcionou a concentração da Baixa citadina de milhares de residentes e forasteiros, tendo a Direcção Regional de Turismo da Madeira efectuado a montagem de quatro dezenas de postos de lançamento de fogo.

O programa das «festas de im-de-ano» elaborado por aquele departamento encerra a 15 de Janeiro com a realização da tradicional volta à cidade do Funchal em atletismo que até 1982 foi corrida sempre a 30 de Dezembro de cada ano.

Americanos receiam ofensiva no Salvador

A guerrilha salvadorenha terminou o passado ano com uma demonstração de força. Apoderou-se, e destruiu parcialmente, na sexta-feira, do quartel de El Paraíso, 60 quilómetros a norte de San Salvador. El Paraíso é (ou era?) a sede da quarta brigada de Infantaria na província de Chalatenango. Foi construído segundo o esquema sugerido pelos «conselheiros militares» americanos. Os «peritos» consideravam que El Paraíso era uma praça forte quase impossível de conquistar.

Tentando minimizar o assalto guerrilheiro, o Exército salvadorenho fez saber que dois mil e 500 militares que guarneciam o quartel estavem em «operações no exterior». Ainda assim, continuavam em El Paraíso 340 caçadores — tropas de élite — formadas nos Estados Unidos.

Rádio Venceremos, da Frente Farabundo Marti de Libertação Nacional, forneceu números diferentes. Segundo a emissora guerrilheira, duzentos militares foram mortos ou feridos durante o assalto. Duzentos outros foram feitos prisioneiros.

Os guerrilheiros destruíram também a ponte de Cuscatlan, e uma parte da barragem hidroeléctrica situada no mesmo local. A ponte de Cuscatlan, que liga San Salvador aos departamentos de Usulutan e San Miguel (Leste do país) era considerada como a mais importante de San Salvador, a seguir à Ponte de Oro, destruída pela guerrilha em 1982, e que ainda não foi reconstruída.

O governo proibiu os jornalistas de veicularem informações que não sejam as constantes dos comunicados oficiais.

Alguns analistas citados pela revista «Newsweek» dizem acreditar que os guerrilheiros, rompendo a sua táctica habitual, poderiam tentar assassinar um ou vários candidatos às «eleições».

Ex-CIA s não querem "marines" no Líbano

Três antigos directores da CIA (James Schlesinger, Stansfield Turner e William Colby) pronunciaram-se a favor da retirada do contingente americano da Força Multinacional instalada no Líbano.

Durante dois programas distintos que passaram ontem nas cadeias televisivas ABC e NBC, os três antigos directores da CIA, consideraram que os «marines» americanos são demasiado vulneráveis a um ataque inimigo e muito pouco numerosos para cumprir a sua missão.

Os três ex-responsáveis dos serviços de informação norte-americanos estão de acordo em que os «marines» estacionados em Beirute deveriam ser retirados das suas posições, próximo do aeroporto internacional, se a sua missão de manutenção da paz não fosse modificada.

«A menos que estejamos prontos a modificar o equilíbrio de forças na região, colocamo-nos numa posição em que os sírios podem brincar o rato connosco... e as perdas americanas aumentarão».

Enquanto os ex-patrões da CIA peroravam na ABC e na NBC, recomeçavam os confrontos entre os partidários das «forças libanesas» («milícias cristãs unificadas») e os partidárias do Partido Socialista Progressista, de Walid Jumblat.

Os duelos de artilharia, que rompem uma trégua de dois dias, atingiram várias cidades costeiras, situadas na estrada Saida-Beirute.

Registou-se, entretanto, na manhã de hoje, novo atentado contra o contingente francês estacionado em Beirute, na «Casa dos Cedros».

Situação económica na base do golpe de Estado na Nigéria

As dificuldades económicas e a corrupção foram os motivos dados pelos militares que na madrugada do passado sábado levaram a cabo um golpe de Estado na Nigéria. Falando à meia noite de sábado o novo «homem forte» de Lagos, general Mohamed Bohari, explicitou que foi a necessidade de ultrapassar a grave situação económica e a séria crise de confiança que levou os militares a derrubarem o presidente eleito, Shegu Shagari e a proibirem os partidos políticos.

A Nigéria entrava, assim, no ano de 1984 com o quinto golpe de Estado da sua história. As razões apontadas pelo Conselho Supremo Militar que agora controla o país são, para os observadores, facilmente verificáveis. No entanto, como sublinham alguns, é duvidoso que os militares consigam restabelecer a prosperidade económica e pôr cobro à corrupção.

Ao princípio era o petróleo

Proclamada independente em 1960, a República Federal da Nigéria conheceu nestes 23 anos datas atribuladas e cinco golpes de Estado.

Uma dasrazões de base para todas as movimentações ocorridas naquele país africano resultam das suas riquezas petrolíferas.

Em 1966, no espaço de dois dias, (15 e 17 de Janeiro) registaram-se duas alterações políticas pela força das armas. No primeiro golpe seria executado o primeiro-ministro de então, Tafala Balewa. Quarenta e oito horas depois o poder é tomado pelo general Ironsi. Seis meses volvidos, a 29 de Julho de 66, o general Yakubu Gowon assume a liderança do país, pouco depois de se ter desencadeado a Guerra no Biafra.

Terminado o sangrento conflito em 12 de Janeiro de 1970, Gowon é deposto por outro general, Murtali Ramat Mohammed. Este apenas conserva o poder durante cinco meses, até que uma nova acção armada, desta vez comandada pelo general Olusegum Obasanjo o depôs.

A partir de 1979, com a resitituição do poder aos civis, a República Federal da Nigéria conhece um período de estabilidade política e democrática sob a liderança do presidente Sheshu Shagari. Paralelamente, os ganhos da exploração do petróleo garantem ao país um tempo de prosperidade económica.

O auge da exploração petrolífera, iniciada em 1973, convertera a economia nigeriana na mais florescente da África Negra, com uma taxa de crescimento económico anual de cerca de oito por cento. No entanto,a s receitas do petróleo, para além de terem permitido o lançamento de projectos ambiciosos nos doínios da indústria e da agricultura, generalizaram a corrupção.

Seria a crise petrolífera desencadeada a partir de 1981 que desferiria um profundo golpe no país mais populoso de África (90 milhões de habitantes) e cujas receitas externas dependem em mais de 90 por cento da venda do petróleo.

Degradação da economia

Os últimos dois anos foram assinalados por elvadíssimas taxas de inflação. Os preços de alguns produtos de primeira necessidade quintiplicaram e houve um drástico aumento do desemprego. O Governo de Lagos, viu-se então ogribado a realizar um dos maiores èxodos da história contemporânea, expulsando do país dois milhões de estrangeiros que se encontravam na Nigéria em situação ilegal. Na frente «puramente» económica, a dívida externa foi renegociada nos últimos meses com um grupo de bancos estrangeiros e na altura do derrube, o Governo de Shagari estava em negociações com o Fudo Monet rio Internacional (FMI) para um empréstimo de 2500 milhões de dólares. Por outro lado, o presidente tinha apresentado, há dois dias, ao Parlamento, um orçamento de austeridade para 1984.

Na sequência do golpe, os partidos políticos foram proíbvdos, omposto o recolher obrigatório em todo o país, encerradas as fronteiras e suspensa a Constituição que foram promulgada em 1979.

Poucas horas após a sublevação militar, o presidente eleito, Shehu Shangari foi detido, enquanto as novas autoridades aceitaram a demissão «voluntária» dos anteriores comandantes das Força Armadas, inspector geral da Polícia e dos membros do anterior Governo. A Nigéria passa agora a ser governada por um Conselho Militar Supremo dirigido pelo general Mohammed Buhari, chefe do Governo Federal Militar e chefe das Forças Armadas.

Este conselho compreende, ainda, o ministro da Defesa, general Dy Bali, o chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas, general Sintia isiako, o chefe do Estado-Maior do Exército, general Igrahim Babangida, o chefe do Estado-Maior da Força Aérea, marechal Ibraim Alfa e o chefe do Estado-maior da Marinha, comodoro Augustin Aykomo.

Do petróleo ao poder

O general Mohammed Buhari, o novo «homem forte» da República Federal da Nigéria, é um militar com 42 anos com grande xperiência na administração da indústria petrolífera.

Buhari,q que se formou na Academia Militar Britânica de Aldershot, foi governador militar, director-geral do Petróloe e presidente da Companhhia Nacional do Petróleo.

Antes do golpe de Estado do passado sábado, Buhari já tinha também «experiência» de uma situação como eta quando, e 1975, interveio na acção militar que derrubou o general Yakubu e fez parte, até 1977, do Conselho Supremo Militar criado em Fevereiro de 1976 depois do assassínio do general Muhammed.

Anteriormente a 1979, o general Mohamed Buhari foi um dos intervenientes no processo de restauração da democracia.

Apesar da, na sua intervenção, na meia-noite do passado sábado ter afirmado que as novas autoridades desencadearão uma luta eficaz contra a corropção, o que, para a Imprensa londrina, é duvidoso, o «Times» salienta que os militares golpistas têm razão quanto à incapacidade do anterior Governo em contrariar o sistema de corrupção, mas duvidam que o problema se resolva com a arrogância demonstrada pelos novos governantes. O «Guardian», por seu lado, sublinha a rectidão e discrição do anterior presidente, tomada internamente como sinal de fraqueza à medida que «as coisas pioravam».

Enquanto Washington «segue atentamente» a evolução da situação, os primeiros comentários da Imprensa norte-americana são particularmente pessimistas. «O golpe de Estado destruiu um dos marcos mais notáveis nestes últimos anos da vida política da África Negra», escreve, na sua edição de ontem, o «Washington Post».

Noite de S.Silvestre sangrenta em França

Atentados provocam 4 mortos e 46 feridos

O terrorismo ensanguentou à noite de São Silvestre em França, onde morreram 4 pessoas e 46 ficaram feridas, devido à explosão de duas bombas – uma na estação de caminhos-de-ferro de Marselha e a outra no comboio de grande velocidade (TGV) da linha Marselha-Paris.

Só foi reivindicado o atentado da estação Saint-Charles de Marselha, onde explodiu uma bomba às 20 h 03 locais de sábado (19 h 03 TMG), matando duas pessoas e ferindo outras 85, a maior parte das quais de origem mahgrbina.

Um correspondente anónimo que disse pertencer ao movimento «Ocidente», uma organização de extrema-direita dissolvida em 1968, reivindicou a autoria da acção, em telefonemas para a direcção dos caminhos-de-ferro franceses (SNLF) e para o jornal «La Marseillaise». Os investigadores parecem conceder porém pouco crédito a esta «pista negra», limitando-se a colocar a tónica na quase simultaneidade dos dois actos.

Com efeito, o atentado a bordo do TGV, registou-se às 19 h 14 locais de sábado (18 h 41 TMG), ou seja 27 minutos antes do de Marselha. A explosão de uma bomba na parte destinada à bagagem do comboio, que circulava entre Mareselha e Lyon, matou duas pessoas e feriu 11. Segundo um responsável da SNCF, o atentado poderia ter sido mais mortífero, visto que a composição se tinha cruzado 35 segundos antes com outro TGV.

Os dois abentados destinados, manifestamente, a «desestabilizar» o governo, segundo os observadores, foram perpetrados na própria altura em que o chefe de Estado, François Mitterrad, pronunciava a tradicional mensagem de Ano Novo através da Televisão.

Em Marselha, a bomba tinha sido colocada na sala dos volumes da estação Saint-Charles, «com a vontade de matar», indicou um polícia. Vontade de matar maghrebinos, talvez: com efeito, a principal estação de caminhos-de-ferro de Marselha é um local onde se juntam tradicionalmente imigrados de origem maghrebina, da região, quer se trate de pessoas que moram nos arredores, em trânsito ou de desempregados que passam o tempo nesse local público. Na realidade, mais de metade dos feridos de Marselha têm nomes árabes. A identidade e a nacionalidade dos dois mortos ainda não foi estabelecida oficialmente.

A segunda cidade de França é teatro, há uma dezena de anos de números atentados visando cidadãos ou interesses do Norte de África.

Dois portugueses entre os feridos

A lista das vítimas dos atentados de sábado à noite em Marselha e no comboio TGV inclui dois feridos de nacionalidade portuguesa: Manuel Saaverdra, em Marselha, e António Figueiredo, no TGV.

Mensagens de fim de ano

A guerra e a fome são temas dominantes

As tradicionais mensagens de fim de ano, lidas ou escritas no dia 31 de Dezembro por chefes políticos ou espirituais, foram centradas em dois temas: o perigo da guerra e a crise económica. Tratou-se assim de um fim do ano dominado pelas maiores ameaças que o ser humano pode sofrer: a da guerra e a da fome.

Na sua homilia de fim de ano, o Papa João Paulo II afirmou que no horizonte do mundo aumentaram as horríveis ameaças que nos fazem temer pelo futuro da humanidade. Os dois fatais «cavalerios do apocalipse», segundo o Papa, são a ameaça de catástrofe nuclear e o flagelo da fome. A causa disto é a perda da fraternidade de entre os homens. No sentido Leste-Oeste, disse o Papa, reforçam-se as suspeitas, no sentido Norte-Sul, agrava-se o fosso da desigualdade económica. O Papa acabou por fazer um apelo a Moscovo e a Washington para afastar a ameaça da guerra nuclear.

Em Moscovo o Comité Central do Partido Comunista da União Soviética enviou uma mensagem «às forças amantes da paz» apelando para que estas 1cerrem fileiras na luta contra os monstruosos planos do imperialismo». A mensagem afirma que a URSS e os demais países socialistas adoptarão todas as medidas necessárias para prevenir a guerra nuclear e preservar a paz para a geração actual e as vindouras».

O dirigente francês, presidente François Mitterrand, na sua mensagem de fim de ano, afirmou que 1984 será o ano da Europa, para o bem ou para o mal. No plano do comércio mundial – disse – a França aproveitará o facto de exercer a presidência da CEE durante o próximo semestre para assumir um papel de exportador.

Em política externa, Mitterrand afirmou que os soldados franceses sairão do Líbano e do Chade, logo que o possam fazer. No plano interno, os combates de 1984 serão contra a inflação, contra o envelhecimento do aparelho industrial e pela correspondente modernização acelerada de estruturas.

O coronel Kadhafi, dirigente líbio, numa mensagem de fim de ano que dirigiu aos chefes do Estado dos países membros da NATO, afirmou: «Não quero exortar-vos à paz em 1984 porque sois vós quem ameaça a paz. Não quero exortar-vos ao amor, porque vós atiçais o ódio a ponto de terdes criado os piores meios de destruição da vida». Noutro passo, Kadhafi culpa os países cristãos de terem atraiçoado os textos sagrados e culpa os judeus de terem feito o mesmo como os Mivros Santos.

O presidente cabo-verdeano, Aristides Pereira, considerou na sua mensagem que os países subdesen olvicos são as principais vítimas da actual crise económica internacional que o clima de tensão entre as superpotências provoca a corrida aos armamentos sob cujo signo terminou o ano de 1983. Quanto a Cabo Verde, 1983 foi o pior ano agrícola daquele país, o que não impede que o povo encare o futuro com confiança, apontando os principais acontecimentos de 83 em Cabo Verde, Aristides Pereira referiu o congresso do PAIVC, a inauguração dos estaleiros de São Vicente, a lei das bases da reforma agrária a conclusão dos silos na cidade da Praia e o reforço da cooperação com outros países lusófonos.

O dirigente da Guiné-Bissau, Bernardino Vieira, pediu à população que «apertasse um pouco mais o cinto» e que o ano de 1984 fosse transformado num ano de rigor e disciplina.

MOBÍLIAS — VENDEM-SE

Estilos: Inglês, Império, Barroco, Luís XV e XVI, Renascença, D. José, D. João V, louceiros, estantes, armários de vidrinhos, papeleiras, cómodas, roupeiros, jogos de maples em veludo e em pele.

AV. DA REPÚBLICA, 12 (PERTO DO SALDANHA)

DESPORTO

Atletismo de fundo entra de 1ª em 84

Rosa Mota tornou-se a primeira mulher a vencer por três vezes a mais importante das São Silvestres: a de São Paulo (Brasil). A atleta do Centro de Atletismo do Porto liderou sempre a prova (de 12 600 metros percorridos nas ruas de São Paulo) e venceu pela 3.ª vez consecutiva.

Este foi o maior feito entre o excelente conjunto de resultados obtidos pelos nove portugueses que mudaram de ano a correr no estrangeiro. Em Luanda, o triunfo coube a José Sena, seguido de Rafael Marques. Em Madrid, António Leitão foi 2.º a escassos segundos do vencedor, o espanhol José Luís Gonzalez. António Henriques e Fernando Reis foram, respectivamente, 7.º e 9.º classificados. Mas outros dois bons lugares foram conquistados em São Paulo, palco da mais tradicional das São Silvestres: Luís Horta subiu ao pódio, ao alcançar o 5.º lugar, depois de ter perdido o 4.º quase à vista da meta, para o queniano San Ngatia. Rita Borralho foi 6.º classificada na prova ganha por Rosa Mota.

A nível nacional, as ruas da Amadora foram palco da mais importante das São Silvestres no nosso país, e, conforme previsto, Carlos Lopes (o grande ausente de São Pulo, onde ganhou o ano passado) triunfou destacado, à frente de João Campos, enquanto a prova feminina era igualmente conquistada pela favorita: Aurora Cunha.

Amadora: Carlos Lopes venceu como lhe apeteceu

S. Paulo

Pela 3.ª vez, a nossa Rosa Mota venceu (sábado à noite) a corrida de São Silvestre de São Paulo, a 9.ª edição da prova feminina, uma minimaratona de 12 600 metros traçada nas ruas da cidade de São Paulo e na qual participaram 10 000 atletas de 19 países. Rosa Mota fez o percurso em 43 minutos, 41 segundos e 59 centésimos e tornou-se a primeira mulher a vencer por três vezes esta prova.

Entretanto, o brasileiro João da Matta Ataíde obteve uma brilhante vitória na 59.ª edição da corrida masculina, impondo-se nitidamente a corredores famosos, como os colombianos Victor Mora e Domingos Tibaduiza, o tranzaniano Zakaria Barie e o queniano Sam N'Gata. O êxito de João Ataíde é mais surpreendente porque o atleta brasileoro não é considerado o melhor especialista do seu país em corridas de fundo, contrariamente a José da Silva, que era considerado um dos favoritos.

O sucesso de João da Matta Ataíd não sofre (no entanto) qualquer discussão. Com efeito, o atleta impôs-se, com cerca de 18 segundos de avanço sobre o 2.º (o colombiano Tibaduiza) e mais de 36 segundos sobre o 3.º (Zakaria Barie). Por seu turno, o veterano Victor Mora (40 anos), que já venceu a prova por quatro vezes (1972, 1973, 1975 e 1981), não conseguiu obter uma 5.ª vitória. Na sequência de um acidente de viação que o manteve afastado do desporto durante longos meses, alinhou à partida em fraca forma física, tendo terminado a mais de um minuto do vencedor, em 7.º lugar. O melhor representante eorupeu foi o português Luís Horta (Benfica) que fiou em 5.º lugar. Registaram-se numerosos abandonos (designadamente do britânico Collin Taylor) e fracassos como o de Jean Michel Charbonnel, especialista da maratona, que ficou na 26.ª posição.

Rita Borralho (Benfica) foi 6.ª classificada na prova feminina e afirmou-se triste ao não ter conseguido, por escassos metros, o 5.º lugar final que lhe daria direito a figurar no pódio.

Foram os seguintes os 10 primeiros na São Silvestre de São Paulo: 1.º, João da Matta Ataíde (Brasil), 37m 39,19s; 2.º, Domingo Tibaduiza (Colômbia), 37.57,40; 3.º, Zakaria Barie (Tanzânia), 38.16,55; 4.º, Luís Pinzon (Colômbia), 38.18,26; 5.º, Luís Horta (Portugal), 38.28,82; 6.º, Sílvio Salazar (Colômbia), 38.44,57; 7.º, Victor Mora (Colômbia), 38.45,19; 8.º, San N'Gata (Quénia), 38.49,29; 9.º, Eloir Rodrigues (Brasil), 38.57,34; 10.º, German Pena (Colômbia), 38.59,80.

Luanda

José Sena venceu a 27.ª edição da São Silvestre de Luanda, enquanto Rafael Marques alcançou o 2.º lugar. José Sena cobriu a distância no tempo de 25 m, 34 s e Rafael Marques gastou mais 5 segundos. Na 3.ª posição classificou-se Stanley Mandebele (Zimbawe), que gastou o tempo de 26 m, 17 s. O atleta angolano melhor classificado foi Pedro Luciano, que obteve o 9.ª lugar.

José Sena atribuiu simbolicamente o troféu a todo o povo de Angola. **Gostaria de atribuir simbolicamente o troféu a todo o povo de Angola** – disse no programa dominical da TPA «Remate Final». José Sena adiantou que só hoje estará em condições de anunciar em que prova tomará parte no «meeting internacional» que se realiza em Luanda, hoje e amanhã.

Madrid

António Leitão foi o 2.º a contar a meta na São Silvestre de Madrid, prova ganha pelo espanhol José Luis Gonzalez. António Leitão (Benfica) cumpriu os 12 quilómetros do percurso urbano em 33 minutos e 47 segundos, ais 24 segundos do que o vencedor. Nas posições seguintes classificaram-se, respectivamente, o espanhol José Manuel Abascal (33.49), o belga Bob Veerbeech (33.55) e o galês Roger Hackney (34.16).

Gonzalez foi o 1.º espanhol a vencer esta tradicional corrida de fim-de-ano, que teve a sua 19.ª edição, com 438 participantes. Após cinco quilómetros percorridos, apenas três atletas disputaram o triunfo: Gonzalez, Leitão e Abascal, que cortaram a meta por esta ordem. Gonzalez (bom conhecedor do percurso) arrancou à entrada do último quilómetro. Uma subida pronunciada em que apenas António Leitão o acompanhou. A duas centenas de metros da chegada, o corredor português passou para a frente, num «sprint» final que, no entanto, não aguentou, sendo ultrapassado è entrada do Estádio de Vallecas, onde se encontrava a meta.

António Henriques foi 7.º (com o tempo de 34.23) e Fernando Reis o 9.º (em 34.38).

Houilles

Fernando Mamede ganhou (facilmente) a 12.ª Corrida de Houilles (região parisiense), isolando-se a meio dum percurso de 9,5km. Só houve três outros corredores que pareceram aptos a reagir quando Mamede lançou uma aceleração inesperada na subida situada a meio do traçado: Philippe Legrand (França), David Clarke (Inglaterra) e Alex Gonzalez (França) que formaram com Mamede um quarteto; antes do final da 1.ª volta. A ordem de chegada foi a segunte: 1.º, Fernando Mamede, 26,31,11; 2.º, Alex Gonzalez (França), 26.46; 3.º, Jacky Bozberber (França), 26.46; 4.º, Philippe Legrand (França), 26.52; 5.º, David Clarke (Inglaterra), 26.54; 6.º, Frank Zimmermann (RFA), 27.03. A corrida feminina foi ganha pela belga Francine Peters.

«Foi muito fácil para mim, embora não seja um especialista de corridas de estrada. Depois da S. Silvestre de São Paulo, onde me classifiquei uma vez em 4.º e outra vez em 3.º esta foi a minha segundo corrida de estrada. A minha próxima aparição será em Lisboa no dia 5 de Fevereiro, num corta-mato, para a Taça da Europa dos Clubes Campeões. Depois, no dia 12 de Fevereiro, voltarei a Paris para o corta-mato de «L'Équipe».

A Imprensa francesa dá grande destaque à vitória de Fernando Mamede e tanto o diário desportivo «L'Equipe» como o diário «Le Parisien Liberè» empregam o mesmo título: **«Mamede de uma ponta à outra. Corrida portuguesa, ontem, em Houilles,** comenta o «Le Parisien Liberè», que acrescenta: **«Intrinsecamente, Mamede era bem superior aos outros», ainda que o pelotão dos seus adversários** (acrescenta o jornal)**contasse com alguns nomes prestigiados do corta-mato europeu, como sejam Jacky Boxberger e Alex Gonzalez (França) e David Clarke (Inglaterra). Para o «L'Equipe», Fernando Mamede, «perante uma multidão considerável, manobrou como quis: com talento e determinação.**

Amadora

Carlos Lopes e Aurora Cunha ganharam a 9.ª edição da São Silvestre da Amadora (organizada pelo Desportivo Operário Rangel) a mais importante das corridas de fim-de-ano realizadas em Portugal. Carlos Lopes (Sporting) cortou a meta destacado dos seus mais directos adversários sem dificuldade o percurso de 8,5 quilómetros. Aurora Cunha (do FC Porto) triunfou na prova feminino.

Nas 2.ª e 3.ª posições classificaram-se João Campos e Fernando Couto (ambos do Benfica). Em 4.º lugar entrou Carlos Capítulo Académico da Régua) e na 5.ª posição ficou Joaquim Pinheiro (Sporting).

Participaram mais de 700 concorrentes nesta edição da prova, aberta a atletas federados, populares e veteranos.

Carlos Lopes gastou 22 minutos e 45 segundos a percorrer os 8500 metros da prova, menos 11 segundos do que João Campos. Lopes considerou bem delineado e difícil o percurso da São Silvestre da Amadora e destacou a boa forma de João Campos: **Procurou acompanhar-me toda a corrida, para me surpreender na parte final, ao «sprint», mas eu estava prevenido e comecei a descolar a cerca de 3000 metros da chegada,** disse o atleta do Sporting, vencedor (em 1982) da São Silvestre de São Paulo, a mais prestigiada do mundo.

Fernando Couto gastou 22 minutos, 27 segundos. Entre o 6.º e o 8.º lugar classificaram-se (respectivamente) Fernando Miguel, Manuel Oliveira, José Abreu, Hélder de Jesus e Óscar Santos.

Aurora Cunha (vencedora da prova feminino) gastou no percurso 26 minutos e 43 segundos, seguida de Alice Silva (27.48).

Santa Iria de Azóia

José Pinto (Belenenses) venceu o prova de marcha atlética realizada em Santa Iria de Azóia, classificando-se em 2.º lugar Francisco Reis, do Santa Iria. Na prova de corrida saíu vencedor Jaime Gonçalves (do Amigos de Atletismo de Lisboa) ficando em 2.º lugar Hélder Costa (Alhandra Sporting Clube). Na prova feminina foi vencedora Ana Manteigas (do Leões Apelaconense.

Sena: prémio para todo o Povo angolano

Madrid: Leitão (à direita) assiste aos cumprimentos do 3.º classificado (José Manuel Abascal) ao vencedor (José Luiz Gonzalez)

Ténis: ganhos e pontos

Classificação final de ganhos do circuito mundial: 1.º Martina Navratilova (Estados Unido), 1 456 030 dólares; 2.ºChris Evert-Loyd (Estados Unidos), 430 436; 3.º Pam Shriver (Estados Unidos), 312 216; 4.º Andrea Temesvari (Hungria), 261786; 6.º Jo Durie (Grã-Bretanha), 211 342; 7.º Wendy Turnbull (Austrália), 206 391; 8.ºAndrea Temesvari (Hungria), 168 3012; 9.ºSylvia Hanika (RFA), 154 950; 10.º Hana Mandlikova (Checoslováquia), 151 762.

A classificação final por pontos do campeonato feminino de ténis de 1983 é a seguinte: 1.º Martina Navratilova (Estados Unidos), 3900 pontos; 2.º Chris Evert-Lloyd (Estados Unidos), 2214; 3.º Andrea Jaeger (Estados Unidos), 1695; 4.º Jo Durie (Grã-Bretanha), 1640; 5.º Sylvia Hanika (RFA), 1615; 6.º Pam Shriver (Estados Unidos), 1605; 7.º Hana Mandlikova (Checoslováquia), 1545; 8.º Wendy Turnbull (Austrália), 1490; 9.º Kathy Jordan (Estados Unidos), 1434 e 10.º Andrea Temesvari (Hungria), 1285.

Classificação do Grande Prémio Masculino, em singulares: 1.º, Mats Wilander (Suécia), 3101 pontos, em 19 torneios jogados; 2.º, Ivan Lendl (Checoslováquia), 2969 (15); 3.º, John McEnroe (Estados Uniudos), 2490 (12); 4.º, Jimmy Connors (EUA), 2355 (15); 5.º, Yannick Noah (França), 1682 (11); 6.º, Jimmy Arias (EUA), 1680 (15); 7.º, José Higueras (Espanha), 1363 (15); 8.º, Andrés Gomez (Equador), 1279 (21); 9.º, José-Luís Clerc (Argentina), 1125 (12); 10.º, Eliot Teltscher (EUA), 1113 (18). Pares: 1.º, Peter Fleming/John McEnroe (EUA), 493 pontos (11); 2.º, Anders Jarryd/Hans Simonsson (Suécia), 408 (19); 3.º, Tim e Tom Gullinkson (EUA), 354 (18); 4.º, Mark Edmondson/Sherwood Stewart (Austrália), 308 (9); 5.º, Pavel Slozil/Tomas Smid (Checoslováquia), 261 (12).

Benfica diz adeus ao basquetebol?

Depois do Sporting, o Benfica: o presidente «encarnado» Fernando Martins acaba de, publicamente, declarar que também o clube da águia pode deixar de praticar basquetebol se (como disse) **o que se passou na época passada (na fase final do campeonato nacional), os constante cortes de energia eléctrica (quando os clubes visitantes estão, perto do fim, em desvantagem no marcador) e muitos outros acontecimentos estranhos, levam-me a pensar que, em vez de andar a gastar dinheiro mal gasto, é preferível não pactuar com este tipo de situações.**

A concretizar-se a abdicação benfiquista, será mais uma importante machadada em modalidade que está ficando completamente adulterada, não apenas pela importação «por grosso» de praticantes norte-americanos que travam a revelação de valores portugueses mas, também, por factos verdadeiramente insólitos que parecem não encontrar reacção drástica nas entidades federativas.

Porto em França

A Universidade de Pádua ganhou, a final masculina de basquetebol do torneio universitário ao bater a slecção francesa por 81-80. No jogo a contar para a 3.ª posição, entre a equipa universitária de Tunis e a sua congénere de Budapeste, verificou-se uma severa luta, tendo os tunisinos vencido por 60-61. A equipa do Porto ficou-se pela 7.ª posição. Por outro lado a selecção francesa feminina ganhou por larga vantagem ãa sua homóloga de Budapeste, por 75-55. Classificação final: 1.º Pádua; 2.º Selecção francesa; 3.º Tunis; 4.º Budapeste; 5.º Loire; 5.º Loire; 6.º Osnabruck; 7.º Porto; 8.º Argel.

MICROSCÓPIO

Boxe francês

Pugilistas tradicionais e praticantes do boxe francês vão exibir-se amanhã no Pavilhão dos Salesianos, no Estoril. O boxe francês, conhecido por «Savata' é uma modalidade pouco conhecida entre nós, encontrando-se em Portugal um técnico francês com o objectivo de fomentar a modalidade no nosso País. Este técnico (Alexandre Walnier) que ministra os cursos, veio a Portugal acompanhado pelo campeão belga da modalidade (Jean-Luc Decourecelle) que participa nas exibições de amanhã. A 1savata», reconhecida em França como «desporto útil», é uma forma de «combate eficaz e educativa, pois não ensina apenas golpes de ataque, mas também de defesa melhor: golpes que permitem evitar o ataque» – disse um dos praticantes.

Luz: dois excelentes golos Manniche e Álvaro) colocar de Chaves que, para jogar

"Taça

Metade das equipas da são não passaram aos oit finalda Taça de Portugal bol, após a 4.ª eliminatóri das oito já afastadas foran «tomba-gigantes», com d para o Gil Vicente (da 2.ª que derrotou o Vitória sac Setúbal) por 1-0. O outro ços de Ferreira (também escalão) que venceu em

Desport

Quem tem

Manuel Sérgio

Quem tem liberda aos portugueses, reco des políticas fundamen quistar) tenham espera dade respeitadora da soa humana, da sua c seja o espaço onde ca de nós seja o arauto consciente de que não libertação dos outros (está liberto.)

Todavia, a felicida mente na democracia ção das necessidades de, aptidão, comunica dades básicas do hom questões a levantar e

1. Quais as neces senvolvimento mente?
2. Quais os aspec taculizam o pro
3. Que outros estr senvolvimento
4. De que forma dos, na elabora mento desporti

Julgo que deve ser níveis (chegando até combate aos obstácul mento desportivo, em (ou quase tudo), visto dade social donde eme às interrogações acima tidos e capacidade de concretização correcta

A manutenção da m dividualista e burguês, da totalidade social; o muito desequilibrado – aliemnta a estagnação rácter oportunista e de vezes se tomam (emb vam ainda mais a situa lativos. Depois, o pred se fazem sentir, tanto mo e à sua triste sorte, dos para a resolução d ção generalizada do c tos eficazes de organiz

Quando desejo feliz por desejar se materia dos Desportos traz de são-no... à medida do

DESPORTO

Luz: dois excelentes golos de Diamantino (que alternou na marcação com Manniche e Álvaro) colocaram o Benfica tranquilo perante um Desportivo de Chaves que, para jogar em Lisboa, fez uma viagem de onze horas num mini-autocarro

Antas: a nova coqueluche portista (Vermelhinho) fez um tento perante o Valonguense e, prolongando a excelente actuação na conquista da «Supertaça», mostrou que tem lugar indiscutível no bloco azul-branco que compete ao mais alto nível

Estoril: a correndo a um centro vindo da esquerda, feito pelo britânico Byrne (o melhor jogador no terreno) o «canarinho» Garcés faz, de cabeça, no último minuto do tempo regulamentar, o 2-1 que derrotou o Águeda

Futebol por aí fora

"Taça" lá vai andando com um "caso" atrasado

Metade das equipas da 1.ª divisão não passaram aos oitavos de finalda Taça de Portugal em futebol, após a 4.ª eliminatória. Duas das oito já afastadas foram-no por «tomba-gigantes», com destaque para o Gil Vicente (da 2.ª divisão) que derrotou o Vitória sadino (em Setúbal) por 1-0. O outro foi o Paços de Ferreira (também do 2.º escalão) que venceu em casa o Farense, por 3-1.

Em encontros entre clubes primodivisionários, Varzim, Salgueiros e Estoril eliminaram (nos seus terrenos, e por margem tangencial) respectivamente o Braga (1-0, após prolongamento), o Portimonense (1-0) e o Águeda (2-1).

Os três grandes continuam em prova, e ainda não defrontaram equipas difíceis. O Benfica venceu na Luz (4-0) o Chaves (da 2.ª divisão), o FC Porto derrotou o Valonguense (também da 2.ª) nas Antas (3-0) e o Sporting foi a Portalegre vencer o Estrela, igualmente do escalão secundário, por 5-1.

Guimarães e Rio Ave venceram (fora) o Paredes e o Riopele por 4-1 e 1-0, respectivamente.

Portanto, quatro eliminatórias passadas, ficaram pelo caminho da taça os primodivisionários Braga, Portimonense, Águeda, Vitória de Setúbal, Farense, Boavista, Penafiel e Espinho.

O Montijo (da 3.ª divisão) conseguiu a proeza de eliminar o Leixões (da 2.ª) vencendo por 4-0.

Para os oitavos de final, cujo sorteio se realiza no dia 5, haverá oito equipas da 1.ª divisão (Benfica, FC Porto, Sporting, Guimarães, Rio Ave, Varzim, Salgueiros e Estoril) seis da segunda (quatro dos quais já apurados: Belenenses, Gil Vicente, Riopele e Barreirense) e3 um da 3.ª (Montijo), para além da dúvida quanto ao adversário do Elvas no jogo que já se deveria ter disputado mas está suspenso por recurso na Federação.

Das 16 equipas na 5.ª eliminatória, falta saber três: duas que resultarão de jogos de desempate entre equipas da 2.ª divisão (Vizela-Beira Mar e Torriense-Covilhã), e a outra da questão que envolve o Elvas, Olhanense, o Paroquial de Fátima e o Santacruzense (dos Açores).

Para a história

Resultados da quarta eliminatória da Taça no tocante a jogos entre clubes da 1.ª Divisão: Varzim - Braga, 1-0 (após prolongamento); Salgueiros - Portimonense, 1-0 e Estoril - Águeda, 2-1. Entre clubes da 1.ª e 2.ª divisões: Benfica - Chaves, 4-0; FC Porto - Valonguense, 3-0; Riopele - Rio Ave, 0-1; Paços de Ferreira - Farense, 3-1 e Setúbal - Gil Vicente, 0-1. Entre clubes da 1.ª e 3.ª divisões: Estrela de Portalegre - Sporting, 1-5 e Paredes - Guimarães, 0-4. Entre clubes da 2.ª Divisão: Beira Mar - Vizela, 0-0 (após prolongamento); Covilhã - Torreense, 0-0 (após prolongamento) e Belenenses - Nacional, 5-0. Entre clubes da 2.ª e 3.ª divisões: Montijo - Leixões, 4-0 e Barreirense - Atlético, 2-0.

Vidal Pinheiro: o defesa portimonense Coelho e o médio salgueirista Silva em jogada repartida do embate que afastou os comandados por Manuel José para junto dos pupilos farenses de Mladenov.

Divisão 3

Resultados dos jogos em atraso referentes ao Campeonato da 3.ª Divisão, na Série C: Sourense - Viseu e Benfica, 0-1; Série D: Alpalhoense - Alcains, 1-2; Sérrie F: Paio Piras - Trafaria, 1-2; Estrela - Comércio e Indústcia, 2-0; e Canaviais - Alvorense, 1-1.

Juniores

Resultados dos jogos em atraso do campeonato de juniores, Zona Norte, Série A: Chaves-Varzim, 0-1 (atraso da 10.ª jornada) e Merelinense-Guimarães, 1-1 (atraso da 13.ª jornada); Zona Sul, Série E: Olivais e Moscavide-Sporting, 1-5 (atraso da 1.ª jornada).

Campeonato

O campeonato nacional regressa no próximo fim-de-semana com a ronda 13, que apresenta os seguintes duelos: Braga - Sporting, Benfica - Guimarães, Porto - Rio Ave, Águeda - Portimonense, Penafiel - Salgueiros, Farense - Espinho, Varzim - Boavista e Estoril - Setúbal.

Itália

A Juventus venceu o Avellino (por 2-1) em jogo da 14.ª jornada do campeonato do campeonato italiano. Numa jornada sem surpresas, o Roma e o Torino, que repartem o 3.º lugar da classificação venceram os seus jogos (por 1-0) frente ao Catânia (e 2-1) perante o Sampdoria, respectivamente. Outros resultados d ronda: Ascoli-Lazio, 2-0; Génova-Fiorentina, 2-2; Inter-Verona, 1-0; Pisa-Milão, 0-0 e Udinese-Nápoles, 4-1. Classificação actual: 1.º Juventus, 20 pontos; 2.º, Roma e Torino, 19; 4.º, Sampdoria, 17; 5.º, Verona e Fiorentina, 16; 7.º, Milão, Udinese e Inter, 15; 10.º, Ascoli, 14; 11.º, Nápoles e Génova, 11; 13.º, Avellino e Pisa, 10; 15.º, Lázio, 9; 16.º, Catânia, 7.

Espanha

Resultados da 17.ª jornada do campeonato da Espanha de futebol: FC Barcelona - Atlético de Madrid, 2-1; Salamanca - Sevilha, 1-0; Saragoça - Osasuna, 2-0; Cádis - Maiorca, 3-0; Real Sociedad - Atlético de Bilbau, 0-1; Valencia - Múrcia, 1-1; Málaga - Gijon, 3-1; Bétis (Sevilha) - Valla-

Continua na pág. 12

Desporto: mitos e símbolos

Quem tem liberdade tem esperança

Manuel Sérgio

Quem tem liberdade — tem esperança! Permita-se, por isso, aos portugueses, reconquistadas há quase dez anos as liberdades políticas fundamentais (além destas, há outras ainda por conquistar) tenham esperança num ano novo, ou melhor: numa sociedade respeitadora da dignidade e direitos fundamentais da pessoa humana, da sua consciência e vontade. Uma sociedade que seja o espaço onde cabem todos os portugueses, onde cada um de nós seja o arauto da justiça e do diálogo, autor da história e consciente de que não há homem ideal sem que inclua na sua a libertação dos outros (enquanto houver um só oprimido ninguém está liberto.)

Todavia, a felicidade pessoal e colectiva não se queda unicamente na democracia política, pois não se esgota nela a satisfação das necessidades humanas. O desporto como factor de saúde, aptidão, comunicação, diálogo e festa, está entre as necessidades básicas do homem do nosso tempo. Por isso mesmo, há questões a levantar e a responder, urgentemente:

1. Quais as necessidades individuais e colectivas, que o desenvolvimento desportivo deverá satisfazer, prioritariamente?
2. Quais os aspectos culturais da nossa sociedade que obstaculizam o processo de desenvolvimento desportivo?
3. Que outros estrangulamentos entravam o processo de desenvolvimento desportivo?
4. De que forma deverá assegurar-se a participação de todos, na elaboração e execução dos planos de desenvolvimento desportivo e no controlo da sua execução?

Julgo que deve ser orientação firme dos dirigentes, a todos os níveis (chegando até onde puderem) diagnosticar e organizar o combate aos obstáculos que bloqueiam e atrasam o desenvolvimento desportivo, em Portugal. Não se lhes pede que façam tudo (ou quase tudo), visto que o desporto também é reflexo da totalidade social donde emerge, mas que ofereçam algumas respostas às interrogações acima expressas e, acima de tudo, objectivos nítidos e capacidade de organização e direcção, para tentar a sua concretização correcta e oportuna.

A manutenção da mentalidade geral pré-científica; o espírito individualista e burguês, hipertrofiando o «caso local», desinserido da totalidade social; o desenvolvimento socioeconomico regional, muito desequilibrado — formam, de facto, um contexto que gera e aliemnta a estagnação! No entanto, a inoperância política e o carácter oportunista e de visão a curto prazo das medidas que por vezes se tomam (embora as frases sonoras e tribunícias) agravam ainda mais a situação de penúria, em termos absolutos e relativos. Depois, o predomínio da mentalidade liberal cujos efeitos se fazem sentir, tanto no clubismo inteiramente entregue a si mesmo e à sua triste sorte, como na organização dos serviços, montados para a resolução de situações individuais e não para a promoção generalizada do desporto, conduz à ausência de instrumentos eficazes de organização e fomento.

Quando desejo feliz Ano Novo ao Desporto Português começo por desejar se materializem os sonhos que o novo director-geral dos Desportos traz dentro de si. É que, embora sejam sonhos, são-no... à medida do tempo!

O antigo futebolista «Internacional» Carlos Canário foi homenageado, em Portalegre, antes do jogo Estrela de Portalegre-Sporting, a contar para a Taça de Portugal, que os «leões» venceram por 5-1. Carlos Canário iniciou-se no Estrela de Portalegre (clube que lhe prestou agora homenagem) oferecendo um troféu ao único atleta que, saído da colectividade, atingiu a selecção A. O antigo futebolista foi felicitado por dirigentes e jogadores do Estrela de Portalegre e do Sporting (clube que representou como atleta) e dirigentes da Associação de Futebol de Portalegre. Aqui o vemos entre João Rocha e o «capitão» sportinguista Manuel Fernandes

TOTOBOLA a chave

1. Varzim-Braga	X
2. Estoril-Águeda	1
3. Salgueiros-Portim.	1
4. Paços Ferreira-Farense	1
5. Belenenses-Nacional	1
6. Montijo-Leixões	1
7. Covilhã-Torreense	X
8. Beira Mar-Vizela	X
9. Aston Villa-Queens Park	1
10. Arsenal-Southampton	X
11. Everton-Coventry	X
12. Nottingham-Liverpool	2
13. West Ham-Tottenham	1

Previsão

O concurso número 50 do Totobola terá entre 150 e 200 totalistas – segundo as previsões das Apostas Mútuas Desportivas. Com 12 resultados certos estão previstas 4500 a 5000 apostas. O valor de cada prémio deste concurso, com jogos da Taça de Portugal e da Liga Inglesa, é de 17 929 825 escudos.

TRIBUNAL CÍVEL
DA COMARCA
DE LISBOA
16.º JUÍZO

ANÚNCIO

Dr. JOAQUIM MARIA FERREIRA PASCOAL, M.º Juiz de Direito do 16.º Juízo Cível da Comarca de Lisboa

FAZ SABER que, pela segunda secção deste Juízo, nos autos de Acção Especial de Justificação Judicial n.º 5830 que Armando dos Santos e Rosa Pereira Domingues dos Santos, residentes na Av. Cinco de Outubro, n.º 52-3.º Dt.º, em Lisboa, movem contra Ermelinda Marques Martins, viúva, residente em parte incerta, mas com última residência conhecida na Av. General Roçadas, 39-2.º Esq.º, em Lisboa, Gertrudes Marques Martins, que também usa Gertrudes Marques Martis Gomes, residente em parte incerta, mas com última residência conhecida na Rua Cavaleiro de Oliveira, 45-3.º Dt.º, em Lisboa, e Herdeiros desconhecidos de Domingos José Martins, natural de Feiral, Amares, e com último domicílio conhecido na Av. General Roçadas, 39-2.º Esq.º, em Lisboa, correm éditos de trinta dias, que começarão a contar-se da data da segunda publicação do presente anúncio, citando os réus acima indicados, para, no prazo de dez dias, findo o prazo dos éditos, contestarem, querendo, a presente acção, sob pena de virem a ser condenados no pedido que é o de serem os autores declarados únicos e legítimos proprietários do prédio rústico que se compõe de um terreno com a área de 124 m², sito no caminho de Baixo da Pena, freguesia de Penha de França e omisso na matriz, conforme consta da petição inicial, cujas cópias se encontrem arquivadas nesta secretaria e serão entregues quando solicitadas.

Lisboa, 30 de Novembro de 1983

O Juiz de Direito
Joaquim Maria Ferreira Pascoal

O Escriturário
Filipe Carvalho

«DL» — 2/1/84 — 1.ª Publicação

MICROSCÓPIO

Boxe francês

Pugilistas tradicionais e praticantes do boxe francês vão exibir-se amanhã no Pavilhão dos Salesianos, no Estoril. O boxe francês, conhecido por «Savata' é uma modalidade pouco conhecida entre nós, encontrando-se em Portugal um técnico francês com o objectivo de fomentar a modalidade no nosso País. Este técnico (Alexandre Walnier) que ministra os cursos, veio a Portugal acompanhado pelo campeão belga da modalidade (Jean-Luc Decourecelle) que participa nas exibições de amanhã. A 1savata», reconhecida em França como «desporto útil», é uma forma de «combate eficaz e educativa, pois não ensina apenas golpes de ataque, mas também de defesa melhor: golpes que permitem evitar o ataque» – disse um dos praticantes.

m 84

cumprimentos do 3.º classificado
edor (José Luiz Gonzalez)

is:
pontos

res: 1.º, Mats Wilander (Suécia), 3101 pontos, em 19 torneios jogados; 2.º, Ivan Lendl (Checoslováquia), 2969 (15); 3.º, John McEnroe (Estados Uniudos), 2490 (12); 4.º, Jimmy Connors (EUA), 2355 (15); 5.º, Yannick Noah (França), 1682 (11); 6.º, Jimmy Arias (EUA), 1680 (15); 7.º, José Higueras (Espanha), 1363 (15); 8.º, Andrés Gomez (Equador), 1279 (21); 9.º, José-Luis Clerc (Argentina), 1125 (12); 10.º, Eliot Teltscher (EUA), 1113 (18). Pares: 1.º, Peter Fleming/John McEnroe (EUA), 493 pontos (11); 2.º, Anders Jarryd/Hans Simonsson (Suécia), 408 (19); 3.º, Tim e Tom Gullinkson (EUA), 354 (18); 4.º, Mark Edmondson/Sherwood Stewart (Austrália), 308 (9); 5.º, Pavel Slozil/Tomas Smid (Checoslováquia), 261 (12).

DESPORTO

Só oito maiorais continuam na "Taça"

Continuação da pág 11

dolid, 3-1 e Real Madrid - Espanhol (Barcelona), 1-0

Classificação da 1.ª divisão espanhola ao fim da 1.ª volta do campeonato. 1.º Real Madrid, 25; 2.º At. Bilbau, 24, 3.º Barcelona, 21; 4.º SDaragoça, 20; 5.º Málaga, 19; 6.º Bétis, 19; 7.º Espanhol, 19; 8.º At Madrid, 19; 9.º Sevilha, 17; 10.º Múrcia, 17; 11 Valência, 17; 12.º Gijon, 16; 13.º Real Sociedad, 15; 14.º Osasuna 15; 15.º Valladolid, 13; 16.º Salamanca, 12; 17.º Cádis, 10; 18.º Maiorca, 8

Inglaterra

O Liverpool, 1.º classificado no campeonato inglês de futebol venceu o Nottingham Forest, no terreno deste, por 1-0. Com este resultado, o Liverpool mantém um avanço de três pontos sobre o 2.º classificado, o Manchester United, que bateu o Stoke City, por 1-0. Outros desfechos da jornada: Arsenal - Southampton, 2-2; Aston Villa - Queens Park, 2-1; Everton - Coventry, 0-0; Ipswich - Notts County, 1-0; Leicester - West Bromwich, 1-1; Sunderland - Luton Town, 2-0; Watford - Birmingham, 1-0; West Ham - Tottenham, 4-1 e Wolverhampton - Norwich City, 2-1

Classificação actual: 1.º Liverpool, 44 pontos; 2.º Manchester United, 41; 3.º West Ham, 39; 4.º Southampton, 38; 5.º Nottingham, 36, 6.º Luton e Aston Villa, 35, 8.º Coventry, 34; 9.º Queens Park, 32; 10.º Norwich, 31; 11.º Tottenham e Sunderland, 30; 13.º Arsenal e Ipswich, 29; 15.º West Bromwich e Everton, 24; 17.º Watford e Leicester, 22; 19.º Birmingham, 19; 20.º Notts County, 18, 21.º Stoke City, 16 e 22.º Wolverhampton, 14

Guine-Bissau

A equipa militar do Estrela Negra (de Bissau) colocou-se a par do Sporting de Bissau no 1.º lugar da classificação do campeonato de futebol da Guiné-Bissau, no termo da 9.ª jornada. O Estrela Negra (da capital guineense) somou os 14 pontos, que o Sporting alcançara antes das suas duas primeiras derrotas desta época, registadas nas 7.ª e 8.ª jornadas. O UDIB (União Desportiva Internacional de Bissau) mantêm-se no 3.º lugar (com 13 pontos) e o Atlético de Bissorá ocupa o último lugar da tabela (3 pontos). Os resultados da 9.ª jornada do campeonato: Ténis CMKAG DE Bissau - Sporting de Bissau, 2-0; Estrela Negra de Bissau - Canchungo, 3v-0; Qui'Nara - Ajuda Sport Clube 1-3; Sporting de Bafata - Benfica, 3-0; Balantas de Mansoa - Bissorá, 3-2; Bolama - Tombali, 2-1; Bula - Gabu, 2-2 e Udib - Farim, 1-0.

Portalegre: logo aos quatro minutos Jordão (nesta jogada) abriu a vitória sportinguista sobre o Estrela, que marcou o regresso de Oliveira (durante 34 minutos), mas o centro-campista de Alvalade ressentiu-se da lesão no pé direito

Dassaev desejado no Brasil

O Internacional (de Porto Alegre, Brasil) anunciou ter iniciado diligências para contratar o guarda-redes soviético Dassaev, do Spartak de Moscovo. Dassaev, «internacional» soviético, foi considerado o melhor guarda-redes do «Mundial 82» (em Espanha) e o clube brasileiro já estabeleceu contactos com o Ministério dos Negócios Estrangeiros para averiguar a forma de contratar o jogador. O empresário brasileiro Arnaldo Guiller foi encarregado das negociações diplomáticas e teve já um encontro com o embaixador soviético no Brasil, para abordar o assunto.

Torneio de campeões

Cinco equipas da Europa e da América do Sul disputarão este ano em Milão (Italia) um torneio de futebol de clubes campeões mundiais. Os participantes no torneio, cuja data não foi ainda estabelecida, serão o Inter, Juventus e Milão (de Itália) o Real Madrid (de Espanha) e o Olimpia (do Paraguai)

Restelo: o moçambicano Djão contribuiu com dois golos para o rotundo 5-0 com que o Belenenses (de Melia e Raul Figueiredo) afastou da Taça o Nacional madeirense, comandado por Pedro Gomes

Brasil: "craques" não saem

Sócrates, Júnior, Eder e Roberto Gaúcho fazem parte de uma lista de jogadores considerados intransferíveis entregue na Confederação Brasileira de Futebol (CBF) - anunciou o treinador Carlos Alberto Parreira. O técnico da selecção brasileira de futebol considerou excelente a medida do presidente da Confederação (Giulite Coutinho) tendente a impedir os melhores futebolistas brasileiros de serem contratados por clubes estrangeiros.

Da lista fazem também pasrte os jogadores que participarão no torneio olímpico, em 1984. Parreira considerou que o único problema prende-se com o facto de a CBF não ter poderes para impedir os clubes de negociar os seus próprios jogadores. No entanto (disse) «o problema pode resolver-se com um acordo entre os clubes e a Confederação, a vigorar até 1986.

Distinções

Futebolista do ano na URSS

O «internacional» Fiodor Tcherenkov, de 24 anos, foi eleito, o «melhor futebolista soviético do ano», após uma consulta efectuada pela revista soviética «Futebol-Hóquei» junto de 180 especialistas da Imprensa soviética. Tcherenkov que joga no Spartak Moscovo, geralmente como médio ofensivo, ficou à frente do guarda-redes do Spartak Moscovo e da selecção nacional soviética Rinat Dassaev, e do «capitão» do Dínamo Tbilissi (Alexandre Tchivadze).

Futebol: passagem de testemunho

Enquanto o fisco ameaça deixar cair um implacável cutelo sobre os vencimentos e as «luvas» das nossas «estrelas» futebolísticas, arrastando na rede legal os principais emblemas do jogo-rei, vive-se a eurofia (quase mirítica) que roçou o zero e está agora no infinito: a selecção portuguesa, graças à prodigiosa sorte de uma grande penalidade atempadamente marcada pelo árbitro e a um tiraço soviético ter escorregado para o topo Norte do Estádio da Luz, aí está, prestes a arrancar para o Junho francês, cumprindo um calendário que terá correr de pano a 13 de Maio e, uns dias antes, tudo previamente acertado com os clubes, a edição normal da mirabolante final da Taça de Portugal que, durante semanas, andou de Herodes para Pilatos até que o «team» de Eriksson a foi conquistar no proprio palco portista

Aliás, o Benfica foi o autêntico «onze» do ano: título embolsado, presença inédita na final da Taça UEFA, rei incontestável cá por estas bandas nem seuqer ficou chamuscado pela partida dos episódicos alunos de António Morais, quando desceram em Lisboa para arrebanhar a Supertaça, afinal também um prémio que é devido aos comandados por José Maria Pedroto, o técnico português que, para além de mérito impar e de amizade em todos os quadrantes, neste momento tem em seu redor uma onda de carinho que procura minimizar a doença de que sofre.

Focalizados os topos do futebol lusíada, renovando que continuamos a dispor de uma geração de ouro que vai ter a última «chance» de não desfilar nos relvados tricolores ao lado de um épico final de carreira, fica na peneira da melhor apreciação esse punhado de atletas que bem pode escrever história belíssima entre o octeto distinguido para cintilar perante um milhão de emigrantes portugueses, ávidos de poderem chorar, rir e vibrar com as proezas de Oliveira e Alves, Humberto Coelho e Gomes, Pietra e Bento, Jaime Pacheco e Jordão, Manuel Fernandes e Nené, João Pinto e Chalana, Carlos Manuel e Futre, Shéu e Inácio, Dito e Eurico, Diamantino e Sousa, Damas e Romeu, Frasco e Lito, Costa e Vermelhinho, Norton de Matos e José Rafael, Virgílio e Silvino, Gabriel e Alfredo, Carlos Xavier e Laureta, Paquito e Venâncio, José Luís e Litos e Sérgio Mourato, toda a legião (coberta de louros ou pedindo passagem para a fila cimeira) está já de olho em França: e desejará mostrar na mais rutilante moldura do futebol europeu o valor e o talento de um futebol infelizmente (e ciclicamente) corrompido por erros na classificação de juniores, pelo turbulento mar de castigos sonegados através intrometidos embates de reservistas «ad hoc» organizados, pela onda de pés-de-arara brasileiros ou de países europeus que nada trazem de novo para uma referência que não vá quase exclusivamente para Stromberg e Manniche, Kostov e Nivaldo, Byrne e Walsh, Filipovic e Meszaros, Elden e Brito.

Mas, volta a onda negra submergindo os pensamentos mais doces: a violência que cerca as arbitragens, os protestos que se arrastam até às Calendas, de quarto para quarto no areópago da Praça da Alegria, a poupança que escandalosamente vai protegendo rondas a fio os primodivisionários dentro da Taça de Portugal, a farsa do controlo antidoping, essa aberração de clubes que investem fortunas em artistas de 3.ª apanha vindos dos confins do Mundo não apresentarem campos relvados, das dívidas amontoadas nas tesourarias e dos cheques-borracha que os jogadores recebem vindos dos bancos onde muitos dirigentes já fizeram figura de proa. E esquece-se que não estaremos presentes em Los Angeles com o futebol que era lícito e honesto apresentar, que a Lei Quadro da Cultura Fisica e Desporto demora tanto a dar à luz como a mais ilustre esposa de um elefante. E que não existem sindicatos (a sério) que protejam técnicos, jogadores, qualquer profissional de futebol

La por fora, o tecto salarial dos futebolistas baixa no Uruguai, fazem-se subscrições no Brasil para que as liras italianas não vão pescar Sócrates para o juntar a Cerezzo, Zico e Paulo Falcão no mais bonito futebol do Mundo, paradoxalmente aquele que, com a permissão transalpina, reduziu a cisco as proezas de Rossi e Conti, colocou o jogo italiano de selecção na nuvem mais negra da sua vida.

Até Rummennigge, capitão do Bayern de Munique e da selecção da RFA quer emigrar para a Juventus: Platini e Boniek, Dalglish e Pfaff, Simonsen e Magath, os homens que arrebataram os mais rutilantes troféus mundiais (desde o Grémio de Porto Alegre ao Hamburgo, do Aberdeen ao Anderlecht) são hoje estrelas pagas em diamantes, quais Júlios Iglésias ou Roberto Carlos, assim a modos que Sinatra ou Vitória Principal, espécie de primas-donas que se podem permitir aos devaneios maiores, senhores como são de tom emocional das melhores plateias

Portugal, filho bastardo do futebol mundial, levantou cabeça quando Travaços e Matateu, José Augusto e Simões, Hilário e Humberto Coelho, Nené e Yazalde, andaram nas bocas do Mundo Mas, foi especialmente devido ao senhor Eusébio da Silva Ferreira, moçambicano de berço, que conseguimos avançar até uma meta de ouro. Coube agora a outro atirador, o senhor Rui Jordão, nado em terras angolanas, fazer a agulha até Paris. Acabado o filão africano, conseguimos (em tom de herança) continuar a depender de um continente que se ergue pedindo voz e saltando já as barreiras em que estava confinado para nos gritar que, só com o produto local, ainda não era desta vez que fugiamos do anonimato, nisto do chuto-rei

Neves de Sousa

Paris-Dacar: por enquanto tudo é esperança e fé

Paris-Dacar: por enquanto, tudo é esperança. Os motociclistas Cyril Neveu (à direita) três vezes vencedor da corrida (em «Honda») e Hubert Auriol (esquerda) na sua BMW, despedem-se na Praça da Concórdia, à partida para a grande aventura em que estão competindo cinco carros portugueses

O
que foram estes três
mos dias de Televisã
velinho de confusões,
más intenções e outras p
de rima mais difícil –
dando conta, assim Deus
alguma paciência para ir at
a Televisão e para me ir at
a mim próprio, cousa ma
conforme com os limites d
reza
Que vos direi, com
meus, do serão e do dia
tem?
Em primeiro lugar, que a
uma prova de rubricas a ve
vamos...) de um luxo p
mente nababico. Mesmo
palhado ao longo do ano,
é cá de um tamanhão!
Na fortissima maior pa
origem americana. Signif
que, economicamente, n
rem colonizados pela
CEE, mas ideológica e «c
mente» se pretende fazer
tugal uma colónia america
O serão deu o mote d
vai ser em regra. Claro
produções dos «nossos v
do outro lado do Atlântico
lhes chamou Mário Soar
são todas beruscas, em e
as fabricadas com vista à
cativa, como foi o caso d
bografia de Leonardo Da
fraca circulação destas
na grande audiência dos E
Unidos (dominada pela m
dade comercial) revela-
números sobre a situação
dessa mesma audiênci

ENSINE
O SEU FILHO
Ensine o seu Filho a olhar para o lado esquerdo e para o lado direito antes de atravessar a rua
PREVENÇÃO RODOVIARIA PORTUGUESA

CARR
TOYOTA
Dia 24 de Dezem
Agradece-se inf

AOS CONDU
"Reduza s
crianças, p
dão atenç
PRP
PREVENÇÃO RODO

canal da crítica

MARIO CASTRIM

O instante de ouro chamou-se Mário Viegas

O que foram estes três últimos dias de Televisão – torvelinho de confusões, ilusões, más intenções e outras palavras de rima mais difícil – vos irei dando conta, assim Deus me dê alguma paciência para ir aturando a Televisão e para me ir aturando a mim próprio, cousa mais desconforme com os limites da natureza

Que vos direi, compadres meus, do serão e do dia de ontem?

Em primeiro lugar, que assisti a uma prova de rubricas a ver (a ver vamos...) de um luxo perfeitamente nababico. Mesmo que espalhado ao longo do ano, o farnel é cá de um tamanhão!

Na fortíssima maior parte, de origem americana. Significa isto que, economicamente, nos querem colonizados pela Europa CEE, mas ideológica e «culturalmente» se pretende fazer de Portugal uma colónia americana?

O serão deu o mote de como vai ser em regra. Claro que as produções dos «nossos vizinhos do outro lado do Atlântico» como lhes chamou Mário Soares, não são todas beruscas, em especial as fabricadas com vista à TV educativa, como foi o caso da minibografia de Leonardo Da Vinci. A fraca circulação destas rubricas na grande audiência dos Estados Unidos (dominada pela mediocridade comercial) revela-se em números sobre a situação cultural dessa mesma audiência. Por exemplo, em inquérito recentemente efectuado verificou-se que poucos sabiam onde ficava situada a Itália, pouquíssimos sabiam qual a sua capital e quase ninguém sabia quem era Leonardo Da Vinci.

Perante a avalancha da produção estrangeira, a RTP viu-se na necessidade de esclarecer que não senhor, ora essa, então por quem nos tomam, nem tudo era estrangeirófilo na Televisão, muitas rubricas estavam na forja cá pelo burgo, de modo a preencher... 65 por cento da programação total...

A RTP gosta muito deste número. Cavalgadura-o tanto que, em vez de cabalístico, o tem por cavalístico. Há anos, há para aí 20 anos, que oiço este disco rachado. Ainda há dias estive com uma gravação de 1965 onde se dizia precisamente o mesmo.

Falsamente, claro. Confunde-se percentagem de emissão com percentagem de audiência. Salta à vista que uma rubrica transmitida ao meio-dia não tem o alcance doutra lançada às nove horas da noite. Para já não falar do que se entende, na pura da verdade, por produção nacional. Mas isso é já outra história que fica para depois...

Niza (sobre quem publicamente recaíram acusações de discriminação bem dolorosas de ouvir...) acentuou o factor de qualidade que presidira à escolha do repertório. Eu, porém, e tantos como eu, gostaríamos de saber se também tal critério foi seguido quando não se encomendou sequer **uma** produção dos países socialistas. Na Televisão dos países socialistas (por alguns acusada de excessivamente cultural) não haverá uma única produção capaz de satisfazer as lusas exigências? Ou será que manda aqui a inércia que vem desde o seu colega Soares Louro?

Também gostaria de saber se a qualidade vai ser privilegiada no sector da Informação – ou se, pelo contrário, a Informação da TV vai continuar a ser o filme de terror que actualmente é. Temo que seja assim. A primeira notícia do primeiro bloco informativo do primeiro dia do ano meteu logo o rebentamento de uma bomba.

Igualmente seria bom que nos garantissem maior respeito pelo cumprimento de horários. De modo a evitarem-se casos como este: às 20 e 43 a locutora anuncia que «Falcon Crest» terminaria às 21 e 15 o que, de facto, aconteceu às 21 e 34. Então a simples aritmética anda por lá tão por baixo que se veja ser materialmente impossível respeitar aqueles limites?!

Eu já agora, com aquela humildade que me caracteriza, lembro a quem na RTP ainda mantiver coluna vertebral lusitana razoavelmente vertical que Portugal não foi, não é e não será colónia dos Estados Unidos. Que «Devlin Connection», que «Falcon Crest», etc. são títulos usados no país de Reagan, de quem o Governo português é satélite, mas de quem o povo português não é capacho..

Quanto ao dia de ontem, «A Festa Continua» foi o grande acontecimento. O programa de Júlio Isidro é o melhor programa cultural português e continua sendo o mais bem estruturado de toda a Televisão portuguesa. Não sei mesmo onde haverá, em todo o Mundo, um programa de quatro horas onde os pontos mortos fossem, assim, totalmente eliminados. Não será caso de «Guiness Book»?

Lamentável, certamente, a entrevista com um responsável do **Expresso**, noma colossal operação «publicitária». Lamentáveis, sobretudo, as «deixas» de Júlio Isidro para que o entrevistado extravasasse o seu fundo ideológico.

Mas recordemos a forma como Ana Bola, Maria Vieira, Henrique Viana e António Feio construiram quatro «pessoas» a partir do nada. Recordemos a presença fulgurante de Mário Viegas, no momento mais vivo de um domingo que era Dia Internacional da Paz.

A paz. Mário Viegas tem razão: como ele, milhões de pessoas, em todo o Mundo, saberão defendê-la.

É por momentos como este que «A Festa Continua». E a esperança também.

Hoje

O programa, A Vez e a Voz desta noite na RTP-1, é preenchido com a actuação do Duo Ouro Negro

15.40 **Sessão da tarde** «Hawai Azul» Intérpretes: Elvis Presley, Joan Blackman, Iris Adrian, Angela Lansbury. Realizador: Norman Taurog
17.20 **Os Cem Grandes Quadros** «O incêndio do Parlamento»
17.35 **Le Grand Pas Classique** «Sylvia»
18.00 **Sumário**
18.05 **Janela Mágica** «D'artacão e os 3 Moscãoteiros»
19.00 Tele-Regiões
19.30 A Revolução de 1383/1385 Programa da série «As Cortes de Coimbra de 1385»
20.00 **Telejornal**
20.30 **Telenovela** «Pai Herói»
21.20 **Espectáculo** «A Vez e a Voz» Com o Duo Ouro Negro Espectáculo musical com três partes, a segunda das quais é dedicada aos convidados: Maluda e Carlos Bastos
22.25 **Parlamento**
22.50 **Últimas notícias**

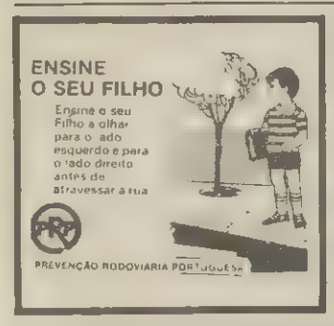
Orson Welles, intérprete e realizador do filme «Othello», que se exibe na RTP-2

19.32 **Desenhos animados** «Mighty Man and Yukk»
19.55 **D'Hoje Pr'Amanha** «Como Nasceu a Vida»
20.15 **Cine Clube** «Othello» Intérpretes: Orson Welles, Suzanne Cloutier Robert Coote Michael Lawrence Fay Compton Realizador Orson Welles
21.45 **Telenovela** «Gabriela»
22.40 **Ultimo Jornal**

Amanhã

12.00 Meio Dia, 13.00 Jornal da Tarde Das 13.35 às 17.15 Ciclo Preparatório TV, 18.00 Sumário, 18.10 Janela Mágica, 19.00 Tele-regiões, 19.30 Bem Dizer, Bem Escrever, 20.00 Telejornal 20.30 «Pai Herói» 21.40 Grande Informação 22.35 Ultimas Notícias

19.30 Desenhos animados 19.55 Um toque de música com o conjunto Jafumega, 20.20 Os Açores e o Património 20.50 A Família Belamy 21.45 «Gabriela» 22.20 Ultimo jornal



COMPLETE OU ADQUIRA
A SUA ENCICLOPÉDIA LUSO-BRASILEIRA DE CULTURA
«VERBO» (20 VOLUMES) PAGANDO EM PRESTAÇÕES ACESSÍVEIS
TELEFONES: 54 58 55 ou 243 59 12. OU ENTÃO ESCREVA UM
SIMPLES POSTAL AO APARTADO 2938 1100 LISBOA CODEX

CARRO ROUBADO
TOYOTA CINZENTO CLARO
FV–61-15
Dia 24 de Dezembro, noite, da R. dos Eucaliptos-Laranjeiro.
Agradece-se informações para Telef. 2200832

FIRMA-TECTOS FALSOS E DIVISÓRIAS
ACEITA
Operários, com vista à possibilidade de sociedade, de acordo c/as qualidades de execução e orientação profissional
RESPOSTA A ESTE JORNAL AO N.º 2101

EXTERNATOS
SÉNECA
SEBASTIÃO DA GAMA
CICLO PREPARATÓRIO – GERAL – UNIFICADO
COMPLEMENTAR – 11.º E 12.º ANOS
Av. Almirante Reis, 73, 1.º e 2.º – Telef 4 00 92
Av. Almirante Reis, 106, 1.º e 2.º – Telef. 82 27 76
1100 LISBOA

AOS CONDUTORES
"Reduza sempre a velocidade ao avistar um grupo de crianças, porque estas vão normalmente distraídas e não dão atenção ao trânsito."
PREVENÇÃO RODOVIÁRIA PORTUGUESA

CONDUZIR OU BEBER HÁ QUE ESCOLHER!

GRUNDIG
a segurança de um grande nome seleccionou para si.
Duo Ouro Negro (21.20)
Filme «Othello» (20.15)
André diz a Norah que quer acertar as contas sobre o dinheiro de Carina e entrega-lhe os documentos, provando tudo o que fez com o dinheiro dela. Olga procura César e pede-lhe uma carta de recomendação e dinheiro, sob a ameaça de contar tudo à justiça. Irene promete a Januária arranjar um lugar na Companhia de Baile para Walkiria. Walkiria diz a Gustavo que o ama e que quer casar com ele Rafael discute com César por tê-lo surpreendido cortejando Filhinha César entrega o dinheiro a Osorio e promete-lhe mais se ele contar tudo na polícia a respeito de André e Carina.
Assistência Técnica Grundig
NACIONAL RÁDIO
Rua Bento Jesus Caraça, 17 - Cruz Quebrada - Telef. 2112871

emunho

Meszaros, Elden e Brito.
nda negra submergindo os penoces: a violência que cerca as rotestos que se arrastam até às rto para quarto no areópago da a poupança que escandalosando rondas a fio os primodivisioaça de Portugal, a farsa do conessa aberração de clubes que em artistas de 3.ª apanha vindo Mundo não apresentarem das dívidas amontoadas nas teneques-borracha que os jogadoos dos bancos onde muitos dirigura de proa. E esquece-se que esentes em Los Angeles com o cito e honesto apresentar, que a ultura Física e Desporto demora omo a mais ilustre esposa de um ão existem sindicatos (a sério) nicos, jogadores, qualquer pro-ol
o tecto salarial dos futebolistas fazem-se subscrições no Brasil alianas não vão pescar Sócrates erezzo, Zico e Paulo Falcão no ol do Mundo, paradoxalmente a permissão transalpina, reduziu s de Rossi e Conti, colocou o jogo o na nuvem mais negra da sua

igge, capitão do Bayern de Muão da RFA quer emigrar para a Boniek, Dalglish e Pfaff. Simons homens que arrebataram os féus mundiais (desde o Grémio ao Hamburgo, do Aberdeen ao oje estrelas pagas em diamanlésias ou Roberto Carlos, assim tra ou Vitória Principal, espécie que se podem permitir aos devanhores como são de tom emoes platéias
bastardo do futebol mundial, leando Travaços e Matateu, José s, Hiláno e Humberto Coelho, andaram nas bocas do Mundo. nente devido ao senhor Eusébio , moçambicano de berço, que nçar até uma meta de ouro rro atirador, o senhor Rui Jordão. golanas, fazer a agulha até Paão africano, conseguimos (em ontinuar a depender de um conue pedindo voz e saltando já as estava confinado para nos gritar duto local, ainda não era desta s do anonimato, nisto do chuto-

Neves de Sousa

quanto
e fé

veu (à direita) três vezes vencedor edem-se na Praça da Concórdia, à nco carros portugueses

roteiro cultural

Marionetas no Centro de Arte Moderna

O Centro de Arte Moderna da Fundação Gulbenkian vai apresentar a partir de amanhã, às 18 horas, uma exposição de marionetas de Helena Vaz, que é constituído por um levantamento das personagens-tipo da obra de António José da Silva, «O Judeu», e da maquinaria teatral do século XVIII.

A exposição é uma produção da Companhia de Teatro de Ópera «Marionetas de S. Lourenço» e foi subsidiada pelo serviço de Belas-Artes da Fundação Gulbenkian, apresentando uma característica inédita em exposições: um «cicerone-cantor» acompanhado por um conjunto de música de câmara guiará o público através da exposição, dando um complemento musical à visão plástica da obra de «O Judeu» expressa na exposição.

Exposição-Espectáculo sobre a obra de «O Judeu», um dos mais importantes dramaturgos portugueses e fundador da tradição portuguesa da ópera para marionetas, encontrar-se-á aberta ao público até Fevereiro.

Realizar-ão visitas guiadas, musicadas e encenadas, em datas a marcar oportunamente, tendo música de José Alberto Gil, além da colaboração de Fernando Serafim como «cicerone-cantor» e um pequeno conjunto de câmara constituído pela cantora Fernanda Nunes e pelos músicos Artur Moreira (clarinete), Carlos Passos (violino), Leonardo de Barros (violoncelo) e Nélson Rocha (trompeta).

TEATRO

No Auditório da SPA, Av. Duque de Loulé, 31, realizar-se-á, na próxima quarta-feira, uma sessão cultural em que será apresentada a peça «A la minuta» de Carlos Correia, da qual serão lidas algumas passagens. Esta peça foi galardoada com o 1.º Prémio (exaequo) do concurso de peças originais promovido pelo Teatro Experimental do Porto, em 1982. Entrada livre.

CINEMA

O Ciclo Cary Grant começa amanhã, às 21.30, na Cinemateca, com a exibição de Sylvia Scarlett (1935), de George Cukor, prosseguindo na quarta-feira com «Com a Verdade me Enganas» (1937), de Leo McCarey, às 18,30, e «As Duas Feras» (1938), de Howard Hawks, às 21,30.

«O Testamento de Orfeu» (1960), de Jean Cocteau, será amanhã exibido, às 18.30, na Sociedade Portuguesa de Autores, em sessão promovida pelo ABC Cine-Clube de Lisboa.

EXPOSIÇÕES

Mestre Pinheiro — pintor «naif» — vai expor três dezenas de quadros a óleo na Galeria de S. Francisco, à Rua Ivens, 40. A «vernissage» é na quarta-feira, às 17 horas. Nascido em Nisa em 1905, começou a pintar aos 66 anos. Já participou em várias exposições individuais e colectivas em Portugal e no estrangeiro. O arquitecto Mário de Oliveira, que o descobriu, escreveu sobre este artista: «Augusto Pinheiro tem o poder mágico de fazer vibrar a cor até às suas ultimas consequências, dando a cada matiz as exactas subtilezas cromáticas, que definem espaços e dinamizam as estruturas do quadro».

Augusto Pinheiro, pintor «naive», expõe a partir de amanhã na Galeria de S. Francisco

Guilherme Parente expõe sete moedas pelo processo de ceras perdidas e 14 relevos aguarelados (numa edição limitada a dez exemplares) no Espaço A-Clube 50, à Rua de S. Mamede ao Caldas, às quartas-feiras, das 21.30 às 23.30 e aos sábados das 15 às 20 horas (até 25 de Janeiro).

Gil Teixeira Lopes expõe uma retrospectiva de pintura e desenho no Módulo, do Porto, à Avenida da Boavista. A exposição pode ser visitada de 2.ª a sábado, das 16 às 20 horas, até ao próximo dia 6.

Conferências

João Resina Rodrigues vai falar na quarta-feira, às 17 horas, no IFM-INIC (Av. Prof. Gama Pinto, 2) sobre «Crítica das Filosofias da Vida». A palestra insere-se no ciclo «A Roda das Origens do Universo e da Vida».

AOS CONDUTORES

"Junto das paragens de transportes públicos, abrande a marcha, porque a qualquer momento pode surgir uma criança a atravessar, quer pela frente quer pela retaguarda do autocarro."

PREVENÇÃO RODOVIÁRIA PORTUGUESA

CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS
Banco Fundado em 1864
BANCO CENTENÁRIO UM BANCO MODERNO

COTAÇÕES DE NOTAS

	(Por unidade) COMPRA	VENDA
AFRICA DO SUL (rand)	99$75	105$75
ALEMANHA FED (marco)	47$65	48$75
AUSTRIA (xelim)	6$65	6$85
BÉLGICA (franco)	2$161	2$361
BRASIL (cruzeiro)	$060	$110
CANADÁ (dólar – notas de 1 a 2)	104$75	106$75
(notas de 5 a 1000)	105$25	107$25
DINAMARCA (coroa)	13$15	13$55
ESPANHA (peseta)	$791	$911
EUA (dólar –notas de 1 as 2)	130$65	132$75
(notas de 5 a 1000)	131$15	133$15
FINLÂNDIA (marka)	22$30	22$90
FRANÇA (franco)	15$55	16$25
HOLANDA (florim)	42$35	43$35
INGLATERRA (libra)	188$60	192$60
IRLANDA (libra)	148$20	152$20
ITÁLIA (lira)	$071	$081
JAPÃO (iene)	$534	$569
NORUEGA (coroa)	16$85	17$35
SUÉCIA (coroa)	16$20	16$80
SUÍÇA (franco)	59$65	60$75
VENEZUELA (bolivar)	8$00	9$00

Observações:
1. – No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo
2. – Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 5 por mil

rádio

ANTENA UM

16.00: «Batida de Limão», **17.00:** Zghibz – (RDP/Norte) Tranquilamente ao entardecer na Antena 1; **18.30:** Informativo de Trânsito, **19.00:** Informação e musica **20.00:** Folhetim – Cerromaior – adaptaçao de Filipe La Féria, da obra de Manuel da Fonseca, **21.00:** O Espaço é seu,' – Toda a gente é pessoa, **21.30:** Viva a noite – Martins Costa, **23.00:** Titulos do ultimo Jornal, **23.30:** Último Jornal Noticiário s intercalares às 16.00, 17.00, 18.00, 21.00 e 22.00 horas

PROGRAMA 2

15.55: Música portuguesa; **16.45:** Efeméride do nascimento de Mili Balakirew, **17.00:** Musicantes uma viagem mais no mundo das artes e oficios, **17.30:** Intérpretes portugueses – O Amor Bruxo bailado, de Falla; **18.05:** Culturando diário de actualidade cultural; **19.30:** Terra viva, Planeta Azul **20.00:** Musica sinfónica — O Carnaval Romano, op. 9, abertura, de Berlioz: — Sinfonia n.º 7 em lá menor, op. 92, de Beethoven **21.00:** O canto e os seus interpretes, **22.00:** Tudo isto é música também, **23.00:** Retrospectiva/83 — Literatua (poesia) **00.00:** Música, **01.00:** Fecho Noticiário de hora a hora

RADIO COMERCIAL

14.00: Matinée, **17.00:** Rápido das cinco, **19.00:** Musical, **20.00:** Conta corrente **20.30:** Quando o telefone toca(3 edições), **22.00:** Portugal e a CEE, **22.15:** Programa religiosos, **23.30:** Tempo de desporto, **20.00:** 24.ª Hora, **01.00:** O passageiro da Norte Noticiário de hora a hora

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.00: O vapor; **16.00:** O som da frente; **18.00:** Circulo em FM, **19.00:** Em órbita **20.00:** Cinco estrelas, **21.00:** Jazzofone, **22.00:** Café concerto, **00.00:** Dois pontos Noticiário de hora a hora

RADIO RENASCENÇA

15.00: clube da Casa, **18.00:** Jornal das Regiões; **18.30:** Transmissão do Terço, **19.30:** Horizonte, **20.30:** Programa da LAR, **21.00:** Ouvir e pensar (inclui «Rosa dos Ventos»), **22.00:** Hora de música, **23.40:** Bola branca (3.ª edição); **23.55:** Meditando. Noticiários a todas as horas

REDE SUL DE FM

14.00: Duas vezes seis; **21.00:** Papú, **21.30:** Pentagrama.

Tiragem média diária do mês anterior: 43.150 exs.

palavras cruzadas

COM PROVERBIO PROBLEMA N.º 13 923

HORIZONTAIS:

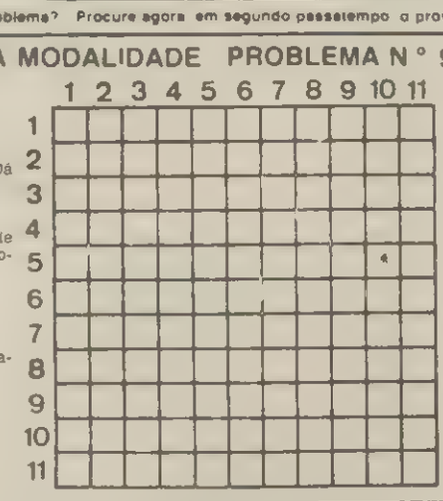
1 Paixão Centimetro Preposiçao
2 Regiao da Italia Central, ao longo do mar Tirreno. Animal de mama
3 Rezara Engula
4 Zombar Mulher de Isaac.
5 Nesse lugar. Zelosos
6 Composiçoes poéticas.
7 Era crista Tempo do verbo ir. Anda com as pernas tortas.
8 Associarias.
9 Palavra gaélica que significa filho e precede um grande número de nomes irlandeses e escoceses. Brisa. Chefe etiope
10 Arrel Vasilha de madeira.
11 Ilha da Polinésia Guarnecem de asas

VERTICAIS:

1 Grande afecto Pronome reflexo
2 Lago do rio Japurá Ilha do estado do Para
3 Lenço usado entre os Romanos para limpar a boca Habitação ou barro pobre de indígenas, na ex-India Portuguesa
4 Raer Pseudónimo poético de Tomás António Gonzaga
5 Actor francês criador da mímica do tipo «Bip»
6 Centiare Aqui está Salario
7 Concelho do distrito de Cabo Delgado Rostos.
8 Tostar Cânhamo de Manila
9 Falta de habilidade Observam
10 Interjeição brasileira. Carta de jogar Entre os semitas ocidentais, nome dado a Hadad, deus da Atmosfera
11 Imensidade Atravessas

Resolveu completamente este problema? Procure agora em segundo passatempo o provérbio nele inscrito

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 9775



HORIZONTAIS:

1 Nome de fruto Rio de França
2 Sufixo que designa pequenez Dá vida
3 Serra de Portugal
4 Apre! Cais à cama
5 Autores Arsénio (s.q.) Carta de jogar Quinhentos e um em romano
6 Carimbar Vende a crédito
7 Ruim Lista Brisa
8 Lavrar Assassinara
9 Veneraram
10 Passados Que têm sabor agradavel
11 Maior Uniras por casamento

VERTICAIS:

1 Paete em migalhas. Estima Prefixo de negaçao
2 Tolera Charrua
3 Filtraras Adória
4 Rénio (s.q.) Enganos
5 Idem Gavinha
6 O mesmo que uma (ant e pop) Cidade de Portugal
7 Bailar Aneis
8 Garra Acomete
9 Escarneçam Frade catalão que veio a Portugal tratar do casamento de D. Dinis com Santa Isabel
10 Transferir para outro dia Apelido
11 Bario (s.q.). Fecharas as asas para descer mais depressa

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 13 922

HORIZONTAIS:

1 A. VERDADE. É.
2 Credo. Sardo.
3 Ouriços. Geo.
4 Cravos.
5 Enio. CCC.
6 Orlas. CMill.
7 El. Iradas.
8 Omitimos. Sm.
9 Rã. Alpaca.
10 Frigia. Asar
11 Aarão. Grita.

VERTICAIS:

1 Acordo. ÓRFÃ.
2 Ru. Remara.
3 Vercelli. Ir.
4 Edima. Taga.
5 Roçais. Ilio.
6 Ovo. Impa.
7 Asso. Croa.
8 Dá. Mascar.
9 Erg. Cid. Asi.
10 Descias. At.
11 Eco. Crismara.

Provérbio: A VERDADE É ÓRFA

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9774

HORIZONTAIS:

1 Amanuense. Ata. Sãs.
3 It. Aracu. Cr.
4 Remir. Os Or.
5 Cia. Aar. Ore.
6 Um. Arpar. Am.
7 Lacaios.
8 Araras. At.
9 Ra. Om. Ara.
10 Amo. Lavar.
11 Castigara.

VERTICAIS:

1 Circularam.
2 Teimaram
3 Má. Ma. Ca. Oc.
4 Atai. Aaro
5 Narrariamos.
6 Após
7 Escoras. Ali
8 Naus. Ag
9 SS. Avá
10 Cora. Arar
11 Arrematara

cartaz

ALVALADE 89748

Av. de Roma

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– Para Todos
OS 101 DALMATAS
3.ª Semana

AVIS 54716

Av. Duque de Ávila, 45

Às 15.30, 18.30 e 21.30
– M. 6 a
O REGRESSO DA 7.ª COMPAN

BERNA 77609

Av. Marquês de Tomar

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
M. 6 a
FLASHDANCE
8.ª Semana

CALEIDOSCÓPIO 79509

Campo Grande

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– N. ac. men. 13 a
FLASH GORDON

CASTIL 53019

Rua Castilho

Às 15.30, 18.30 e 21.30
men. 16 anos
MALANDRICES CASEIRAS

CINE 222 5794

Av. Pr. da Vitória, 37 (ao Saldanh

As 14, 19 e 21.30 – Para Tod
O KRULL
As 24
GUERRA AO CRIME

CINE BLOCO

R. Pinheiro Chagas, 10

As 14.30, 16.45, 19 e 21.30
– N. ac. men. 18 a
OFICIAL E CAVALHEIRO
Às 24
HERÓIS DO CÉU

CINE CAMÕES 3241

Rua do Loreto, 15

Às 14, 16.45 e 21.30
– N. ac. men. 13 a
A FORÇA DO PASSADO

outr

Lisboa

ALFA-1 – «Nunca Mais Digas Nunc 21.45 (12 anos)

ALFA-2 – «Os Supergénios», às (12 anos)

ALFA-3 – «Flashdance», às 21 anos)

APOLO 70 – «Os Supergénios», às (12 anos)

CITY-CINE – «Por Favor Não Ma Dentista», às 21.30 (13 anos)

MUNDIAL – «Flashdance», às 21 anos)

CINE-ESTUDIO ACS – «Querido toche», às 21.15 (6 anos)

OLIMPIA – «Violações Sexuais» soes permanentes (18 anos)

CAPITOLIO – «As Mil e Uma Noite ticas», às 21.00 e 23.00 (18 anos)

Linha de Sintra

AMADORA – Cine Plaza – «Ofi Cavalheiro», às 21.30 (18 anos)

AMADORA – Lido – «O gresso de Jedi», às 21.30 (6 anos

AMADORA – Cinestudio – «F dance», às 21.30 (6 anos)

CACÉM – Cine Estudio Flores Varredor», às 21.30 (6 anos)

ERICEIRA – Cinestúdio – «E nuelle Negra», às 21.15 (18 ano

Outra Banda

ALMADA – Incrivel – «O Ano de T os Perigos», às 21.15 (12 anos)

ALMADA – Academia – «Las Ve Cidade Implacável», às 21.15 (12

ALMADA – Cine-Estudio – «Las V Cidade Implacável», às 21.30 (12

S. Francisco, à Rua Ivens, 40. A «vernissage» é na quarta-feira, às 17 horas. Nascido em Nisa em 1905, começou a pintar aos 66 anos. Já participou em várias exposições individuais e colectivas em Portugal e no estrangeiro. O arquitecto Mário de Oliveira, que o descobriu, escreveu sobre este artista: «Augusto Pinheiro tem o poder mágico de fazer vibrar a cor até às suas últimas consequências, dando a cada matiz as exactas subtilezas cromáticas, que definem espaços e dinamizam as estruturas do quadro».

Guilherme Parente expõe sete moedas pelo processo de ceras perdidas e 14 relevos aguarelados (numa edição limitada a dez exemplares) no Espaço A-Clube 50, à Rua de S. Mamede ao Caldas, às quartas-feiras, das 21.30 às 23.30 e aos sábados das 15 às 20 horas (até 25 de Janeiro)

Gil Teixeira Lopes expõe uma retrospectiva de pintura e desenho no Módulo, do Porto, à Avenida da Boavista. A exposição pode ser visitada de 2.ª a sábado, das 16 às 20 horas, até ao próximo dia 6.

Conferências

João Resina Rodrigues vai falar na quarta-feira, às 17 horas, no IFM-INIC (Av. Prof. Gama Pinto, 2) sobre «Critica das Filosofias da Vida». A palestra insere-se no ciclo «A Roda das Origens do Universo e da Vida».

das

923

VERTICAIS

1 Grande afecto Pronome reflexo
2 Lago do no Japurá Ilha do estado do Para
3 Lenço usado entre os Romanos para limpar a boca. Habitação ou bairro pobre de indigenas, na ex-India Portuguesa
4 Raer Pseudónimo poetico de Tomas António Gonzaga
5 Actor francês criador da mimica do tipo «Bip»
6 Centiare Aqui está Salario
7 Concelho do distrito de Cabo Delgado Rostos
8 Tostar Cânnamo de Manila
9 Falta de habilidade Observam
10 Interjeição brasileira. Carta de jogar Entre os semitas ocidentais nome dado a Hadad, deus da Atmosfera
11 Imensidade Atravessas

overbio nele inscrito

9775

VERTICAIS:

1 Paete em migalhas Estima Prefixo de negação
2 Tolera Charrua
3 Filtraras Adoria
4 Renio (s.q.). Enganos
5 Idem Gavinha
6 O mesmo que uma (ant e pop) Cidade de Portugal
7 Bailar Aneis
8 Garra. Acomete
9 Escarneçam Frade catalao que veio a Portugal tratar do casamento de D. Dinis com Santa Isabe.
10 Transferir para outro dia. Apelido
11 Bário (s.q.). Fecharas as asas para descer mais depressa

O PROBLEMA N.º 9774

VERTICAIS:

1 Circularam
2 Temaram
3 Má Ma Ca Oc.
4 Atai Aaro
5 Narraríamos
6 Após
7 Escoras Ai
8 Naus Ag
9 SS Avá
10 Cora Arar
11 Arremataram

cartaz de cinemas e teatros

ALVALADE 697480

Av. de Roma

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– Para Todos
OS 101 DALMATAS
3.ª Semana

AVIS 547163

Av. Duque de Ávila, 45

Às 15.30, 18.30 e 21.30
M. 6 a
O REGRESSO DA 7.ª COMPANHIA

BERNA 776098

Av. Marquês de Tomar

As 14, 16.30, 19 e 21.30
M. 6 a
FLASHDANCE
8.ª Semana

CALEIDOSCÓPIO 795093

Campo Grande

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– N. ac. men. 13 a
FLASH GORDON

CASTIL 530194

Rua Castilho

Às 15.30, 18.30 e 21.30
men. 16 anos
MALANDRICES CASEIRAS

CINE 222 579460

Av. Pr. da Vitória, 37 (ao Saldanha)

Às 14, 19 e 21.30 – Para Todos
O KRULL
As 24
GUERRA AO CRIME

CINE BLOCO 556824

R. Pinheiro Chagas, 10

Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30
– N. ac. men. 18 a
OFICIAL E CAVALHEIRO
Às 24
HERÓIS DO CÉU

CINE CAMÕES 324194

Rua do Loreto, 15

Às 14, 16.45 e 21.30
– N. ac. men. 13 a
A FORÇA DO PASSADO

CONDES 322523

Av. da Liberdade, 2

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– M. 6 a
O HOMEM DE RIO NEVADO

2000 2100055

Av. Bomb. Voluntários, lts. 113/4

As 15.30, 18.30 e 21.30
– M. 6 a
MEGAFORCE

EDEN 320768

P. Restauradores, 21

As 14, 16.30, 19 e 21.30
– N. ac. men. 18 a
OFICIAL E CAVALHEIRO

ESTUDIO 555134

Alam. Afonso Henriques, 35

Às 15.30, 18.30 e 21.30
– N. ac. men. 13 a
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS
75.ª Semana

ESTÚDIO 444 779095

Av. Defensores de Chaves, 83-B

Às 15.30, 18.30 e 21.30
– M. 13 a
O BOM CASAMENTO

HOLLYWOOD Tel. 802859

Centro Comercial Alvalade

SALA 1

As 14, 16.30, 19, 21.30 e 24
– M. 6 a.
O REGRESSO DE JEDI

SALA 2

Às 14.15, 16.30, 19, 21.30 e 23.45
– M. 6 a.
O HOMEM DO RIO NEVADO

IMPÉRIO 555134/5

Al. Afonso Henriques, 35

As 15.15, 18.30 e 21.30
– M. 6 a.
KRULL
2.ª Semana

LONDRES 801313

Av. de Roma, 7-A

As 14, 16.30, 19 e 21.30
– M. 16 a
CLASSE

MONTECARLO 681117

Av. Pedro Álvares Cabral, 37
As 14.15, 16.30
N. ac. men. 16 anos
MULHER DEPUTADA MARIDO FALHADO
Às 24
O HOMEM QUE NOS SEGUE

QUINTETO 573407

R. Actor Taborda, 27-B

As 14.30, 16.45, 19 e 21.30
– M. 12 a
OPERAÇÃO THOR
Às 24
PERFUME DE MULHER

ÁVILA 539995

Av. Duque d'Avila, 92-A

As 14.30, 17, 19.10, 21.30 e 23.45
– M. 12 a
007, MISSÃO ULTRA-SECRETA
c/ Roger Moore

NIMAS 574362

Av. 5 de Outubro, 42-B

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– M. 16 a
CLASS

ODEON 328283/4

R. Condes, 12 a 20

Às 15.15, 18.15 e 21.30
– M. 18 a
O HOMEM LEÃO

POLITEAMA 326716

R. Portas S. Antão, 109

As 14.15, 16.30, 19 e 21.30
– M. 6 a
ESPIÕES POR CONTA PRÓPRIA
2.ª Semana

PATHE 821933

R. Francisco Sanches, 122

Às 14, 16.30 e 21.30
– M. 16 a
ESMERALDAS SANGRENTAS

«CRIMES A SANGUE FRIO» (FILME DE QUALIDADE)
com GERARD DEPARDIEU, BERNARD BLIER e JEAN CARMET
em exibição no QUARTETO

QUARTETO 771378

R. Flores de Lima, 16

SALA 1

As 14.15, 16.30, 19 e 21.15
– M. 18 a
OS VIAJANTES DA NOITE
de Amos Poe

SALA 2

As 14.30, 16.45, 19 e 21.15
– M. 18 a
QUERELLE

SALA 3

As 14.30, 16.45, 19 e 21.30
M. 12 a
CLIENTE MORTO NÓ PAGA CONTA

SALA 4

As 14.30, 16.45, 19 e 21.30
M. 16 a
CRIMES A SANGUE FRIO

ROMA 887778

Av. de Roma, 14 M-N
As 22 men. 14 anos
GRANDE NOITE DE REVEILLON
Na Tela
ESPIÕES POR CONTA PRÓPRIA
GELADO DE LIMAO IV

ROXY 548560

Av. Almirante Reis, 20

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– N. ac. men. 13 a
CHAMAVAM-LHE GÉNIO

SÃO JORGE 579144-579344

Av. da Liberdade, 175

SALA 1

As 15.15, 18.30 e 21.30
– M. 12 a
NUNCA MAIS DIGAS NUNCA
3.ª Semana

SALA 2

As 14, 16.30, 19 e 21.45
– M. 12 a.
OCTOPUSSY, 007 OPERAÇÃO TENTÁCULO
10.ª Semana

SALA 3

As 14.45, 18.15 e 21.15
– M. 6 a
OS SAPATOS VERMELHOS
2.ª Semana

TURIM 706666

E. de Benfica, 723-A

Às 14, 16.45, 19 e 21.30
– Para Todos
OS 101 DALMATAS

7.ª ARTE 730715

Av. Republica, à Est. de Entre Campos Junto ao n.º 68

As 14.30, 17, 19.10, 21.30 e 24
– M. 12 a
NUNCA MAIS DIGAS NUNCA

STAR 804210

Av. Guerra Junqueiro, 14-C

As 15, 18.15 e 21.30
– M. 12 a
A VIDA É UM ROMANCE

TERMINAL 371573

Estação do Rossio

As 11, 13, 15, 17, 19, 21.30 e 23.30
M. 6 a
KRULL

TIVOLI 570595

Av. da Liberdade, 188

As 14, 16.30, 19 e 21.30
– Para Todos
OS 101 DALMATAS
3.ª Semana

VOX 880808

Av. Fr. Miguel Contreiras, Lote 879

Às 15, 18.15 e 21.30
– M. 12 a
Musical! Alegria! Amor!
A FEBRE LOUCA DOS ANOS 60

XENON 368480

Av. da Liberdade, 9

As 14.15, 16.30, 19 e 21.30
– N. ac. men. 13 a
GUERRA CONJUGAL

outros cinemas

Lisboa

ALFA-1 – «Nunca Mais Digas Nunca», às 21.45 (12 anos)

ALFA-2 – «Os Supergenios», às 21.15 (12 anos)

ALFA-3 – «Flashdance», às 21.30 (6 anos)

APOLO 70 – «Os Supergénios», às 21.30 (12 anos)

CITY-CINE – «Por Favor Não Matem o Dentista», às 21.30 (13 anos)

MUNDIAL – «Flashdance», às 21.30 (6 anos)

CINE-ESTUDIO ACS – «Querido Fantoche», às 21.15 (6 anos)

OLIMPIA – «Violações Sexuais», sessões permanentes (18 anos)

CAPITOLIO – «As Mil e Uma Noites Eróticas», às 21.00 e 23.00 (18 anos)

Linha de Sintra

AMADORA – Cine Plaza – «Oficial e Cavalheiro», às 21.30 (18 anos)

AMADORA – Lido – «O Regresso de Jedi», às 21.30 (6 anos)

AMADORA – Cinestudio – «Flashdance», às 21.30 (6 anos)

CACÉM – Cine Estudio Flores – «O Varredor», às 21.30 (6 anos)

ERICEIRA – Cinestudio – «Emmanuelle Negra», às 21.15 (18 anos)

Outra Banda

ALMADA – Incrivel – «O Ano de Todos os Perigos», às 21.15 (12 anos)

ALMADA – Academia – «Las Vegas – Cidade Implacável», às 21.15 (12 anos)

ALMADA – Cine-Estúdio – «Las Vegas, Cidade Implacável», às 21.30 (12 anos)

COSTA DE CAPARICA – Sliding – «Onde Se Meteu a 7.ª Companhia?», às 21.30 (6 anos)

Linha de Cascais

CASCAIS – Oxford – «Banzai, o Grito da Vitória», às 21.30 (6 anos)

ESTORIL – Casino – «Flashdance», as 21.15 (6 anos)

Porto

JULIO DINIS – «Os Repetentes em Férias» às 21.30 (18 anos)

PASSOS MANUEL – «Os 101 Dalmatas» às 21.45 (6 anos)

CHARLOT – «O regresso de Jedi» às 21.30 (6 anos

FOCO – «Nunca Mais Digas Nunca», às 21.30 (12 anos)

OLPIMPIA – «O Archeiro de Fogo», às 21.30 (12 anos)

BATALHA – «Espiões por Conta Própria», às 21.30 (6 anos)

PEDRO CEM – «A Vida é um Romance», às 21.30 (12 anos)

SÃO JOÃO – «Oficial e Cavalheiro», às 21.30 (18 anos)

LUMIÈRE-e – «O Fabricante de Idolos», às 21.30 (13 anos)

LUMIÈRE-L – «O Golpe dos Enrascados», às 21.45 (12 anos)

ÁGUIA – «Flash Gordon», às 21.30 (13 anos)

TRINDADE – «Um Drícil Adeus», às 21.30 (12 anos)

BEBÉ – «Feliz Natal Mr. Lawrence», às 21.30 (12 anos)

TERÇO – «Os e Magos da Bola» às 21.30 (13 anosZ)

RAIONE – «Tootsie», às 21.30 (13 anos)

ESTUDIO – «Não há Nada Que Não Aconteça» às 21.30 (6 anos)

RIVOLI – «O Regresso de Jedi», às 21.30 (6 anos)

VALE FORMOSO – «McQuade, o Lobo Solitário», às 21.45 (12 anos)

farmácias

Lisboa

ALAMEDA D. AFONSO HENRIQUES: Paes, R. Abade Faria, 22-A (T. 883965). **ALVALADE: Brisália**, Av. Rio de Janeiro, 66-66-A (T. 862368). **AVENIDAS NOVAS: Fátima**, Av. 5 de Outubro, 147-A (T. 763107). **BAIRRO AZUL: Sírius**, R. Fialho de Almeida, 38-A (T. 544000). **BAIXA: Barral** R. Augusta, 225 (T. 361534); **BELÉM: Bom Sucesso**, R. Bartolomeu Dias, 63-A (T. 611454). **CALHARIZ - BENFICA: Rebocho**, R. Tenente Coronel Ribeiro Reis, 12-B (T. 743871); **CAMPO D'OURIQUE: Pinheiro**, R. Campo de Ourique, 135 (T. 686640); **CHELAS - COLÉGIO VALSASSINA: Serra**, R. Luís Cristino da Silva, lote 221, loja 133, zona 2, Chelas (T. 853720), **LUMIAR: Alameda**, Al. das Linhas de Torres, 201-B (T. 790942). **SANTOS: Fontoura Carvalho**, R. Santos-o-Velho, 12 (T. 6620675); **ALGÉS: Miramar**, R. Ernesto da Silva, 83 (T. 2112048). **IDOVELAS: Catela Tavares**, R. Prof. Dr. Augusto Abreu Lopes, 29-A (T. 915446). **PONTINHA: Leitão Ribeiro**, R. A. do Falcão, 3-A (T. 993912)

REFORÇO

ALFAMA: Pereira, Suc., R. Paraíso, 98-100 (T. 863224). **ALTO DE SANTO AMARO: Santo Amaro**, R. Filinto Elísio 29-A-B (T. 637070). **ARGO DO CEGO - ESTEFÂNIA: Palma**, Av. Duque d'Avila, 25-31 (T. 547088). **AVENIDA DE ROMA: Avis**, Av. de Roma, 56-B-C (T. 895370). **CAMPOLIDE - SETE RIOS: Nova**, R. de Campolide, 297-C (T. 687475). **INFANTE SANTO: Andrade Ribeiro**, Av. Infante Santo, 66-B (T. 666971); **LARGO DA LUZ - FRENTE AOS MENINOS DA LUZ: Gény**, R. Conselheiro José Silvestre Ribeiro, 12-A, ao 218 da E. da Luz (T. 780342); **OLIVAIS SUL: Fernandes Borges**, R. D. Alaxo Corte Real, lote 388 cruzamento com a R. Cidade de Bolama (T. 311091); **PENHA DE FRANÇA: Higiénica**, R. Heliodoro Salgado, 20-A (T. 844361), **PICHELEIRA: Luzmar**, R. João Nascimento Costa, 16 (T. 880703). **RATO: São Mamede**, R. Escola Politécnica, 82-B (T. 660280). **TIVOLI: Morais Sarmento**, R. de Santa Marta, 16-A-B (T. 546490), **BURACA: Vaz Martins**, R. António Ferro, 6-A (T. 970660), **OLIVAL BASTO: Nova**, R. Açores, 11-A (T. 910305), **PRIOR VELHO: Matos**, T. Prioras (T. 2519939)

Outra banda

ALMADA — Algarve — R. Fernão Lopes, 1 (Telef. 2750271). Até às 22 horas, **COVA DA PIEDADE — Castro Rodrigues** — L. 5 de Outubro, 62 (Telef. 2750121). Permanente; **LARANJEIRO — OLIVEIRA Sérgio** — R. dos Álamos, 2-A (Telef. 2296464). Até às 22 horas, **COSTA DA CAPARICA — Higiénica** — Av. da Republica, 23 (Telef. 2400020). Até às 19 horas, **SESIMBRA — Leão** — Av. da Liberdade, 13 (telef. 223471), **BARREIRO — Neto** — R. D. Francisca Azambuja (Telef. 2074446). Permanente. **AMORA — Duarte Ramos** — R. Bataté 11-Loja 30 — Centro Comercial Belsul — Cruz de Pau. Até as 22 horas. **SEIXAL — Alves Velho** — Camões, 27 — Torre da Marinha (Telef. 221132). Até as 22 horas. **MONTIJO — S. Pedro** — L. Camões 16 (Telef. 2311133). **MOITA — União Moitense** — Av. Dr. Teofilo Braga (Telef. 239025). **ALHOS VEDROS — Gusmão** — R. Cândido dos Reis, 30 (Telef. 204020). **ALCOCHETE — Gameiro** — L. Antonio Santos Jorge, 15 (telef. 234100). **SETUBAL — Higiene** — R. Frei Agostinho Cruz, 5 — Permanente. **PORTUGAL** — R. Camilo Castelo Branco, 34 — Até às 22 horas

Linha de Sintra

AMADORA — Nova — R. Elias Garcia, 10 (Telef. 972530). Permanente. **CAVACA** — R. Elias Garcia, 209 (Telef. 930019). Até às 22 horas, **QUELUZ — Pereira Dias** — Monte Abraão (Telef. 965566). Até às 22 horas; **CAMARATE — Mendonça** — Apelação — Até às 19 horas, **CACÉM — Rodrigues Garcia** — Av. dos Bons Amigos, Lote 5-D (Telef. 9243693). Permanente, **MEM MARTINS — Quimia** — Est. de Mem Martins, 285 (Telef. 9210012) Permanente, **MERCÉS — Claro Russo** — R. Abade Faria, 2-A (Telef. 9215275). Até às 22 horas; **RINCHOA — Cargaleiro Lourenço** — Até às 22 horaS, **SINTRA — Simões** — Estefânia (Telef. 9230832) Permanente, **COLARES — Abreja** — (Telef. 9290088)

OUTRAS FARMACIAS

MOSCAVIDE — Varela — Av. Moscavide, 44-B (Telef. 2518520) Permanente. **SACAVÉM — Lourenço** — Av. Almirante Reis, 31 (Telef. 2518151). Até às 22 horas, **LOURES — Sarsiva** — Av. da República, 86 (Telef. 2530027). Até às 22 horas

Linha de Cascais

TIRES: Guimarães, L. Duartes lote A r/c (T. 2441616). Até às 22 horas. **ALCABIDECHE: Carvalho**, B. Joao P. Correia 40-B (T. 2690363). Até às 22 horas. **PORTO SALVO: Ferreira Bastos** R. D. Firmino Rebelo (T. 2421015). Até às 22 horas. **MALVEIRA DA SERRA: Luz**. Até as 22 horas. **CARCAVELOS: CEntral** R. 5 de Outubro, 25 (T. 2470037). Permanente. **SÃO DOMINGOS DE RANA. Godinho da Silveira**, Av. Sabóia, 29-B (T. 260085). Até às 22 horas. **PAREDE. Macau**, R. Jose Elias Garcia, 42 (T. 2471785). Permanente; **SÃO PEDRO DO ESTORIL: São Pedro** R. 9 de Abril (T. 2683052). **SÃO JOÃO DO ESTORIL: São João** Quinta da Carreira, lote 29-A (T. 2681186). **MURTAL: Primavera** R. das Parreiras, 2 (T. 2472278). **SASSOEIROS: Amaral Sembiano** Quinta das Encostas. Até às 22 horas. **MADORNA: Madeira** Até às 22 horas. **AMOREIRA: Abrantes**, Vivenda Maria Carlos Anj (T. 2682313). Até às 22 horas.

Porto

ATÉ ÀS 22 HORAS

FONTE DA MOURA, R. de Tânger, 1463), **SERPA PINTO**, R. de Serpa Pinto, 645; **ANTAS**, Av. Fernão de Magalhães, 1076, **SANIL**, R. do Paraiso, 214, **SARABANDO**, L. dos Lóios, 36.

teatros

Lisboa

COLISEU – O Circo do Natal, às 21.30 (6 anos)
PRAÇA DE TOIROS DO CAMPO PEQUENO – Circo Chen, às 21.30 (6 anos)
ABC – «Todos Tesos» às 20.30 e 23.00 (18 anos)
VARIEDADES – «Um Fantasma Chamado Isabel» às 21.30 (13 anos)

Porto

COLISEU – Festival de Circo, às 21.30 (6 anos)
PALÁCIO DE CRISTAL – Circo Hamar, às 21.30 (6 anos)

PORTE PAGO

DL

Propriedade, Composição e Impressão:
RENASCENÇA GRÁFICA, SARL
Administração, Redacção, Publicidade e Serviços Técnicos:
RUA LUZ SORIANO, 44 – 1200 LISBOA
TELEFONES 321154/5 – 320271/2/3
Publicidade: 368740
Serviço de [illegible] depois das 21:
Portaria 321154
Redacção 320271/2/3

Depósito Legal n.º 1426/82
Endereço Telegráfico DIBOA
Telex 12363 LISBOA PORTUGAL

DELEGAÇÃO DO PORTO
Rua do Almada 30-2.º – 4000 PORTO
Telefones: 20954/5

Distribuição: INTERPRESS
Rua do Norte, 115-1.º – 1200 LISBOA
Telefones: 322100-322204-320784

MARES DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
02.23	04,00 m	08.07	01,30 m
14.47	03,80 m	20.17	01,30 m
Dia 3			
03.05	04,00 m	08.45	01,20 m
15.28	03,80 m	20.53	01,20 m

TEMPERATURAS DO AR ÀS 6 HORAS

V. CASTELO	8°
BRAGANÇA	0°
V. REAL	3°
PORTO	8°
COIMBRA	6°
C. CARVOEIRO	8°
PORTALEGRE	6°
LISBOA	5°
ÉVORA	7°
BEJA	6°
FARO	7°
SAGRES	
P. DELGADA	11°
FUNCHAL	15°

Diário

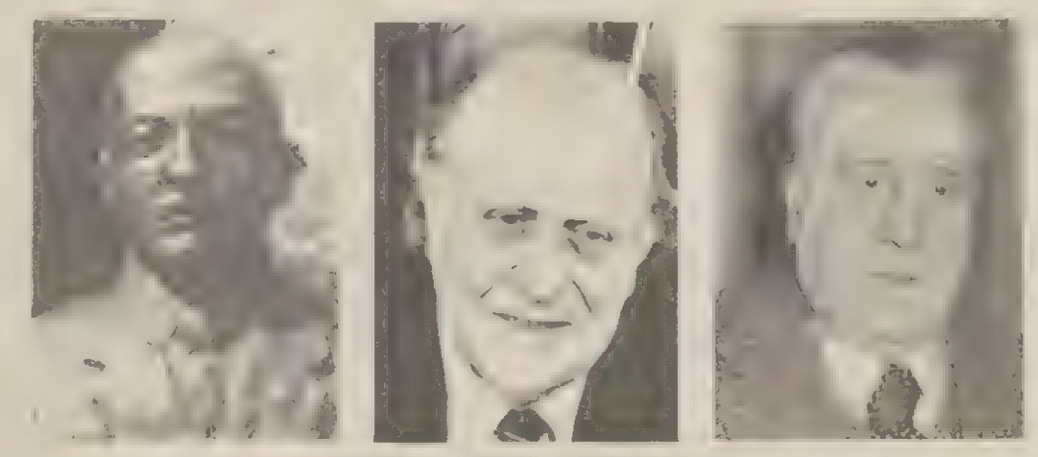
Enquanto a igreja rompe fogo

As eleições na Maçonaria

•Simões Coimbra (Grão-Mestre) Oliveira Marques (Grão-Mestre Adjunto) batem Raúl Rego, Daniel Gomes Pinho e Antero da Palma Carlos

O discurso do dr. Raul Rego, proferido no dia 8 de Dezembro, no Cemitério dos Prazeres, por ocasião da tradicional romagem ao túmulo de Sebastião Magalhães Lima, fundador da Liga Portuguesa dos Direitos do Homem e que foi durante um largo período grão-mestre da Maçonaria portuguesa (G.: O.: L.:), desencadeou uma viva reacção da hierarquia da Igreja Católica.

Ao relativo comedimento de D. António Ribeiro que comentou: «Alguns chegam a erguer a voz, em estilo de velho jacobinismo maçónico, para protestarem contra as aulas de religião no quadro do ensino oficial»; sucedeu a exaltada diatribe de D. Eurico Dias Nogueira, arcebispo de Braga: «Surgem de quando em quando sinais de vozes de forças subterrâneas que em nada contribuem para ajudar o País a sair da crise em que mergulhou Pelo contrário, maiores agravos provocarão, como a história tem testemunhado». E D Eurico prosseguiu: «São forças que germinam na escuridão, longe do ar livre e da clareza do sol: *alfurjas maçónicas* lhes chama o povo. Das lojas secretas procuram comandar as alavancas do poder, escondendo a mão que as detém. De tempos a tempos, alguns dos seus mestres, ou grão-mestres, deixam os esconderijos e dirigem-se aos cemitérios. »



Norton de Matos, Adão e Silva e Mario Cal brandão

Era clara a alusão à romagem a Magalhaes Lima, directo o ataque ao discurso de Raul Rego, indirecta a alusão a «mestres» e «grão-mestres» (no plural). Com efeito, a romagem ao cemitério dos Prazeres registou a presença do dr. Armando Adão e Silva que, eleito para exercer o cargo de grão-mestre para o triénio de 1981-1983, cessa agora as suas funções no governo do Grande Oriente Lusitano, e, entre os oradores, destacou-se o dr Raul Rego, então candidato a sucessão do grão-mestre para o triénio 1984-1986. Muitos consideraram que a sua vibrante alocução, de resto concordante com posiçoes no ambiente da «ordem» e no quadro «profano» do dr. Ramon de La Féria, podena ser classificada como um discurso de campanha eleitoral

Atacado pela Igreja Católica, e referenciado por órgãos de Imprensa, o dr. Raul Rego replicou num jornal nortenho «Não há República verdadeira, porque esta não passa de uma fórmula quando esvaziada do seu conteudo social, como a Igreja não passa de uma organização temporal quando esvaziada do conteudo cristão e solicitando privilégios e mais privilegios.»

A campanha exaltada da hierarquia da Igreja Católica contra Raul Rego chamou a atenção dos meios de Comunicação Social para a censura da Maçonaria, ou de uma parte da Maçonaria, à questão do ensino da religião nas escolas, e referiu a circunstância de se estarem a processar as importantes eleições para o grão-mestrado (cargos de grão-mestre e de grao-mestre adjunto) do Grande Oriente Lusitano (Maçonaria portuguesa)

Na semana finda, um semanario de Lisboa publicou, em fac-simile e em transcriçao documentos internos da Maçonaria. E mesmo que consideremos, levando à letra uma expressão de Raul Rego que a Maçonaria é, apenas, «uma associação discreta», a indiscrição surpreendeu um público curioso e atento. Não nos recordamos que uma eleição para o grão-mestrado tenha dado lugar a semelhante controvérsia e que as diferenças de opinião tenham transbordado, do seio da Ordem, para o ambiente profano.

A sucessão do grão-mestre professor Luís Ernâni Dias Amado suscitou o confronto de duas candidaturas: a do dr. Cal Brandão e a do dr. Armando Adão e Silva. Este foi eleito pela Grande Dieta, no final de 1980, e tomou posse do seu cargo em Fevereiro de 1981. A abertura da Maçonaria ao mundo profano, um dos pontos do programa do dr. Adão e Silva, só limitadamente foi realizada. E nas eleições que se vão processar, é esse um ponto em que os candidatos insistem, o candidato Irmão Simões Coimbra pretende mesmo reivindicar o direito de tempo de antena

Com tempo de antena, com os nomes e programas dos candidatos ao alto cargo de grão-mestre divulgados, com uma politica de abertura ao mundo profano, dificilmente se compreende o que no Grande Oriente Lusitano se realizará como *actividade discreta* e deixara de ser *actividade secreta*

A Imprensa — ou, pelo menos, o semanário «O Jornal» — teve acesso a dois documentos maçónicos: a carta de desistência de dois candidatos concorrentes ao alto cargo de grão-mestre, os drs. Daniel Gomes Pinho e Raul Rego, e o texto programático das candidaturas do comandante José Eduardo Simões Coimbra, ao cargo de grão-mestre, e do professor António Henrique de Oliveira Marques, ao cargo de grão-mestre adjunto.

O documento subscrito pelo soberano grande comendador do Supremo Conselho do Grau 33 do Rito Escocês Antigo e Aceite (cargo em que sucedeu ao engenheiro Carlos Sá Cardoso), comandante José Eduardo Simões Coimbra, tratava de quatro questões: liturgia; relações internacionais; actuação interna; relações profanas. Realçando a importância simbólica do ritual, preconizando o rigor na vida interna da Ordem, sublinhando a sua vocação de intervenção publica em defesa das liberdades e do laicismo, declarando a necessidade de intensificar o trabalho das oficinas, exprimindo a vontade de «projectar a imagem e a presença da Maçonaria portuguesa na sociedade hodierna, conseguir tempo de antena na rádio e na televisão assumir nos jornais uma voz própria sobre o que somos e o que pensamos, como maçons dos problemas da actualidade», o programa do comandante Simões Coimbra conquistou apoios e justificou a desistência de duas candidaturas em concorrência

Simões Coimbra, que tinha sido um dedicado colaborador do grão-mestre Dias Amado, situava-se na tradição maçónica do combate pelo laicismo, pela liberdade e pela democracia. O apoio do professor Oliveira Marques, personalidade de relevo intelectual, catedrático da Universidade Nova de Lisboa, historiador da Maçonaria, dava à sua candidatura uma expressão de rigor histórico-ritualista e de fidelidade à tradição de intervenção cívica democrática

Outra corrente no interior da Maçonaria aproveitou a desistência dos drs. Daniel Gomes Pinho e Raul Rego, para opôr ao «poderoso Irmão» Simões Coimbra, Soberano Grande Comendador, a candidatura, a Grão-Mestre, do Professor Antero da Palma Carlos (Ir.: Paracelso), e a Grão-Mestre Adjunto do Poderoso Irmão Carlos Alberto Leitão Marques (Ir.:Aristóteles II)

Os curriculos, maçónico e profano, do doutor Antero da Palma Carlos eram impressionantes. Muito importante a sua actividade maçónica, designadamente no campo das relações internacionais do Grande Oriente Lusitano; enorme a soma de trabalhos, cursos, conferências e galardões respeitantes à sua actividade científica. Mas, no quadro maçónico o rigorismo ritualista correspondia a uma declarada intençao de neutralização política e ideologica da Ordem. No texto, datado de Dezembro de 1983, e intitulado: «A Clarificação das Candidaturas», dizia-se: «Nestas eleições confrontam-se duas concepções da Maçonaria Portuguesa — a política e a maçónica. Respeitamos e admiramos as figuras de lutadores, autênticos sustentáculos morais contra a repressão da liberdade, de que a Maçonaria Portuguesa se orgulha. Recusamos, após a recuperação da liberdade, que continuem a agachados, por acção de reduzido numero de Irmãos, a ideia de mantermos o G.:O.:L.: Como grupo de conspiração e de radicalismo anti-religioso»

Apoiado pelos Veneráveis das Lojas «Estrela de Alva» «Cândido dos Reis», «Simpatia e União», «Aljubarrota», «Progresso» (ao vale de Lisboa), «Obreiros do Trabalho», «O Futuro», «Progresso» (ao vale de Torres Vedras), pelo Presidente do Conselho da Ordem, pelo Grande Secretário das Relações de Justiça, pelo Grande Tesoureiro e por qualificados maçons, o doutor Antero da Palma Carlos apresentava-se como um forte candidato. O seu ponto de vista fundamental era: «A pesquisa da luz e da verdade deverão estar acima das ideologias»

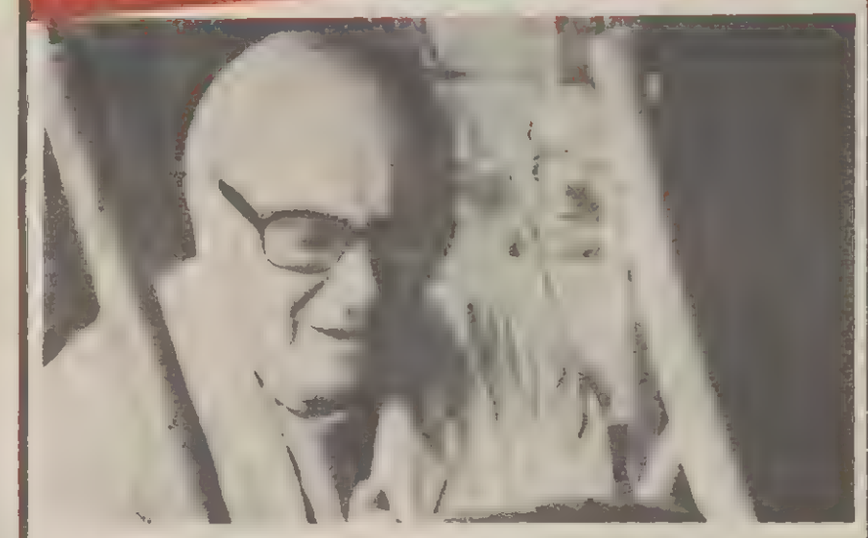
Nos meios maçónicos, e designadamente entre os resistentes democráticos maçonicos, está generalizado um sentimento de desgosto pela entrada no Grande Oriente Lusitano de elementos que não deram provas políticas e morais A tradição maçónica de Magalhães Lima a Dias Amado é democratica e socialista. Todavia o Grande Oriente Lusitano reagiu às tentativas de influência e de controlo do Partido Socialista. Cal Brandão, um maçon prestigioso, foi batido na carreira para Grão-Mestre por ser um fiel de Mário Soares. O Grande Oriente Lusitano reage, igualmente, às manobras dos maçons vindos do estrangeiro ou dos antigos territórios coloniais. O Grão-Mestre Adão e Silva esforçou-se por realizar uma gestão equilibrada da Ordem, mas não conseguiu impor-se à Obediência Maçónica Por alegadas razões de saúde, diz-se, mas, também, se alega que por voluntário distanciamento, o Grão-Mestre Adjunto, dr. Álvaro Ataíde, renunciou ao seu cargo

Varrido o campo, pela desistência, de comum acordo (veja-se documento interno publicado por «O Jornal», 30/12/83), dos drs. Daniel Gomes Pinho e Raul Rego, a liderança política e ritual da Maçonaria foi disputada pelo Comandante Jose Eduardo Simões Coimbra e pelo doutor Antero da Palma Carlos Ambos tinham sido colaboradores intimos do Grão-Mestre Luís Ernâni Dias Amado, mas representavam duas concepções diferentes, não do caracter iniciatico e do rigorismo ritual da Ordem, mas da sua posiçao face a realidade politica e social do nosso País

A eleição para Grão-Mestre de Simões Coimbra e para Grão-mestre Adjunto de Oliveira Marques corresponde à vontade maioritária dos maçons portugueses e corresponde a uma tradição de militantismo laicista, democrático e social. A tradição de Magalhães Lima, António José de Almeida, Norton de Matos, **Ramon Nonato** de La Féria, Dias Amado, está nas mãos de um velho maçon e de um jovem maçon que à História da Maçonaria em Portugal tem dedicado anos de investigação e de inapreciável labor historiográfico

Sete Ponto Sete

Mensagens pessoais



Na morte de Miró

Pág. 6

Da série «Os amantes», de Magritte, 1928

1984: de Orwell ao real

Pág. 2

Responsavel de edição, João Mendes.
Correspondência «Diario de Lisboa»/Sete Ponto Sete, Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa.

Editorial

Paisagem

Há fundamentalmente duas atitudes possíveis perante o andar do tempo: para uns, os melhores anos da nossa vida são sempre os que já passaram e que se podem invocar como se conta uma boa história, transformados em ficção. Para outros, os melhores anos são os que estão por vir, aqueles cuja figura final depende, ainda, do modo como agirem os actores — do modo como agirmos.

A metáfora da viagem de comboio é a que melhor serve esta duplicidade: há quem se sente de costas para o sentido da marcha, e prefira comentar as paisagens que vão ficando para trás. E há os outros, aqueles que, embora viajando na mesma carruagem, espreitam quando podem para diante, tentando adivinhar o que se vai seguir, e alertando par um ou outro aspecto da paisagem que se vai atravessar, para que ele não nos passe diante sem ser devidamente observado.

1984 emerge da sombra iluminado por Orwell e, entre nós, antecipadamente condenado como mais um ano de dificuldades: a imagem da «crise», que tudo justifica e nada explica, é agitada desesperadamente como a bandeira em nome da qual se pedem tréguas, para «ainda» poder gerir o actual estado das coisas.

O cidadão português está a ser ensinado, com grande brutalidade, a respeitar, submetendo-se, a trajectória e a velocidade de cruzeiro do bólide onde o meteram à custa de grandes discursos contraditórios. E o Poder ameaça retirar o bilhete válido para a viagem a quem enjoe... explicando a todos que não há transporte alternativo. Só que esta viagem não tem destino previamente marcado, e os passageiros desta noite não sabem — e até já se esqueceram de perguntar — onde os leva o comboio. Ao «bem estar»? À «Suíça»? À CEE?

No princípio deste ano, cremos que vale a pena aprender mecânica e pilotagem: talvez o motor esteja avariado, e a condução que nos transporta não seja a única possível. Mas ao mesmo tempo, vale também a pena descrevermos, em conjunto, o local para onde nos dirigimos, e a distância a que está de nós.

— Assim correremos menos o risco de tomar como bom o destino e o percurso a que nos obrigam. De outro modo, arriscamo-nos a que o nosso papel nesta peça — a ninguém sabe ainda se ela é uma tragédia — seja o da capideira, a quem se paga para chorar o morto.■

Actual

'1984' de George Orwell: *Quem enfia a carapuça?*

Ultrapassou os dois milhões de exemplares no espaço cultural da língua inglesa, mas só conheceu, em Portugal, uma pobre edição da Ulisseia, em 1958. A Morais vai agora relançá-lo, no princípio do ano. O "1984", de George Orwell, escrito e publicado em 1949 (um ano antes da morte do seu autor), é uma terrível antevisão política do que seria o Mundo neste ano que ontem começou...mas entretanto, o seu vocabulário característico -"Novilíngua", "Duplipensar", "Polícia do Pensamento", e a enorme metáfora do poder representada pelo "Grande Irmão"- entraram, de uma forma ou de outra, na linguagem corrente dos ingleses.

"O Grande Irmao e infalível e omnipotente. Cada sucesso, realização, vitória, descoberta científica, toda a sapiência, virtude, felicidade, são atribuídos directamente à sua orientação e inspiração. Nunca ninguém viu o Grande Irmão. É uma cara nos tapumes,uma voz nas teletelas. Podemos ter a razoável certeza de que nunca morrerá, e já existe acentuada dúvida sobre a data em que nasceu. O Grande Irmão é a forma em que o Partido resolveu apresentar-se ao Mundo"...

Os habitantes da Oceânia, onde decorre a acção da narrativa, nunca sabem se estão em guerra com a Eurásia ou com a Lestásia, mas em cada momento devem estar dispostos a aplaudir ou condenar freneticamente uma delas, conforme a versão de actualidade militar que o Poder põe a funcionar. Um departamento de registo altera continuamente a História, de modo a impedir que esta comporte a mais pequena contradição. Um outro suprime toda e qualquer memória escrita sobre todos os cidadãos que o Poder faz desaparecer -de tal modo que um sem número de pessoas, algumas das quais porventura ainda vivas, não existem nem existiram nunca, pura e simplesmente.

"Todas as crenças, hábitos, gostos, emoções e atitudes mentais que caracterizam a nossa época são realmente destinados a manter a mística do Partido (...) Espera-se que o membro do Partido não tenha emoções pessoais nem lapsos de entusiasmo. Supõe-se que vive num frenesi contínuo de ódio aos inimigos estrangeiros e aos traidores internos, de gozo ante as vitórias e de autodegradação perante o poderio e a sabedoria do Partido".

O 1984 de Orwell é um universo de constrangimento sem precedentes:

"Ver-se-á que o domínio do passado depende, acima de tudo, do treino da memória. Não passa de acto mecânico a certeza de que todos os registos escritos concordam com a ortodoxia do momento, mas também é necessário recordar que os acontecimentos se deram da maneira desejada. (...) Esse é um truque que pode ser aprendido como se aprende qualquer outra técnica mental.(...) Em Novilíngua chama-se duplipensar, apesar de duplipensar abranger muita coisa mais".

Orwell foi para Espanha em 1936, combater pela República. Ali viria a ser ferido. Durante a Segunda Grande Guerra fez parte da Home Guard e trabalhou para o Eastern Service da BBC. Quando morreu de tuberculose, em 1950, com 46 anos, tinha o perfil de um liberal pessimista e conservador, para quem comunismo e nazismo se equivaliam.

Esta convicção habita explícitamente o seu "1984", em algumas das suas páginas. Por outro lado, Orwell escolheu, para metáforas maiores do poder omnipresente e pervertido, a imagem do "Partido", e o fantasma implacável de certa forma de "colectivismo" que esmagou, até ao último fluxo nervoso, o que restava do sujeito unário, habitualmente descrito como "indivíduo".

Por estes motivos, Orwell foi sempre avançado como bandeira do liberalismo contra os socialismos, dos personalismos conservadores contra os totalitarismos que se reproduzem através da brutal perversão do Poder.

A Esquerda histórica evita-o por temer as tumultuosas consequências de uma adesão ao seu enunciado: que purga não significaria uma mudança de atitude perante tal texto! E por isso mesmo, neste início de 1984, numa Europa aparentemente tão longe do imediato post-guerra, esse texto é um terrível desafio. Quem tem medo do "1984" de George Orwell? Que paz tumular ameaça ele?

"Duplipensar quer dizer a capacidade de conservar simultaneamente na cabeça duas crenças contraditórias e aceitá-las a ambas. O intelectual do Partido sabe em que direcção as suas recordações devem ser alteradas;portanto sabe que está a aplicar um truque à realidade; mas, pelo exercício do duplipensar ele convence-se também de que a realidade não está a ser violada. O processo tem de ser consciente, ou não seria realizado com a precisão suficiente, mas também deve ser inconsciente, ou provocaria uma sensação de falsidade, e portanto de culpa".

Winston Smith, o "herói" da narrativa, tem 39 anos e é funcionário do Departamento de Registo.

No início do texto, quando Winston sobe para o seu apartamento, "em cada patamar, diante da porta do elevador, o cartaz da cara enorme fita-o da parede. É uma dessas figuras cujos olhos seguem a gente por toda a parte. O GRANDE IRMÃO VELA POR TI, diz a legenda."

Winston decide-se a escrever, desafiando a teletela (espécie de televisão de onde é observado em sua própria casa), um diário.

"Não era um acto ilegal -nada era ilegal, porque não havia leis- porém, se descoberto, havia razoável certeza de que seria punido com a morte ou, no mínimo, vinte e cinco anos de trabalhos forçados".

Winston interessa-se também por uma mulher, de um modo característico em "1984":

"Ele antipatizava sempre com todas as mulheres, principalmente com as novas e bonitas. Eram sempre as mulheres, e principalmente as raparigas, os militantes mais fervorosos do Partido, os devoradores de palavras de ordem, os espiões amadores e os farejadores dos desviados da doutrina". Mais tarde, ele dirá que a castidade é necessária à ortodoxia política...

As feministas não gostaram nunca de "1984": nele, a mulher "só é rebelde da cintura para baixo", simulando uma ortodoxia exemplar em todos os comportamentos públicos. Mas, justamente porque é "rebelde da cintura para baixo", a mulher,Júlia, vai conduzir Winston à sua própria rebeldia... "1984" é efectivamente um desafio -um desafio à identificação e um teste à capacidade de rejeição do próprio desafio.

Vale a pena começar o verdadeiro 1984 com ele à cabeceira, mesmo que seja para o esquecer logo após a leitura. Se o leitor pode esquecê-lo assim, sem trauma, isso quer dizer que o seu 1984 será, sem dúvida, pouco orwelliano. Tanto melhor para si. Mas se a sorte de Winston Smith o perseguir como um pesadelo, se lhe acontecer supô-lo a seu lado algum dia em que, rapidamente, sai de um cinema de bairro ou toma um café em qualquer anódino balcão, então valerá a pena interrogar-se sobre o Mundo em que vive, sobre o arquipélago em que subsiste, sobre os silêncios e as cumplicidades de que o seu ar estabilizado porventura depende, sobre que mestres são os seus.■

Português Suave Filtro

2 de Janeiro de 1984

Animismo e

O deli e a qu

João M

O

discurso filosófico
discurso dominante
humanas, mantivera
damental dos enfoq
reza. No entanto,
trabalho de sedimen
ram o paradigma '
mico, de tal forma
gam-se hoje a analis
sar o sentido em qu

Por exemplo o
onze sentidos difere
reconhecer-lhe, e
rodapé de vários
segue o seu trabalho

«Concedo totum primeira é que, no e seja permitido esco nuas desta transfor mais importantes, p — e isso sobretudo sentido vão até ao mesma palavra, com acepções diametralm que, no uso da língu mos não sirva, com para enunciar fórm bem, onde a impress lavras cobre ideias c ao serem analisadas fraqueza aparece ao **natureza** é uma das destes defeitos» (1).

Não podendo ap ocupe demasiado es conta da diversidade apelação da palavra, eixo paradigmático volvimento do texto tações de sentido. E o seu âmbito.

Autopoiese e personificação

O que parece pode a partir da qual gen cas, é sobretudo, a p primitivo da «fusis naturae» (a natureza de desenvolvimento coisa, e da sua plas ideia onde dominam **dade** e **autodeterm** humana. É o que lem Mill datado de 1874 **natureza** indica fund dade das coisas co propriedades, quer que aqui retenho — pendentemente de t humana (mesmo que terminação não expr

A estas coordena como princípio de de traduzindo-se num g poiesis exterior, por intervenção e mesmo é indispensável acres o da sua relativa « pelo antropomorfism

Winston Smith, o "herói"
narrativa, tem 39 anos e
funcionário do Departamen
de Registo.
início do texto, quando
nston sobe para o seu a-
rtamento, "em cada pata-
r, diante da porta do ele
dor, o cartaz da cara e-
rme fita-o da parede. É
s dessas figuras cujos o-
os seguem a gente por to-
a parte. O GRANDE IRMÃO
LA POR TI, diz a legenda."
Winston decide-se a es-
ever, desafiando a telete-
(espécie de televisão de
de é observado em sua pró
ia casa), um diário.
"Não era um acto ilegal
ada era ilegal, porque não
via leis- porém, se desco-
rto, havia razoável certe-
de que seria punido com
morte ou, no mínimo, vinte
cinco anos de trabalhos
rçados".
Winston interessa-se tam-
m por uma mulher, de um mo
característico em "1984":
"Ele antipatizava sempre
m todas as mulheres, prin-
palmente com as novas e
nitas. Eram sempre as mu-
eres, e principalmente as
parigas, os militantes mais
rvorosos do Partido, os de
radores de palavras de or-
m, os espiões amadores e
farejadores dos desviados
doutrina". Mais tarde,
e dirá que a castidade é
cessária à ortodoxia polí
ca...
As feministas não gosta-
m nunca de "1984": nele, a
lher "só é rebelde da cin-
ra para baixo", simulando
a ortodoxia exemplar em
dos os comportamentos pú-
icos. Mas, justamente por-
e é "rebelde da cintura
ra baixo", a mulher Júlia,
i conduzir Winston à sua
ópria rebeldia... "1984"
efectivamente um desafio
m desafio à identificação
um teste à capacidade de
jeição do próprio desafio.
Vale a pena começar o ver-
deiro 1984 com ele à ca-
ceira, mesmo que seja para
esquecer logo após a lei-
ra. Se o leitor pode esqu
-lo assim, sem trauma,
so quer dizer que o seu
84 será, sem dúvida, pou
orwelliano. Tanto mel-
r para si. Mas se a sor-
de Winston Smith o per-
guir como um pesadelo, se
e acontecer supô-lo a seu
do algum dia em que, ra-
damente, sai de um cine-
de bairro ou toma um ca-
em qualquer anódino bal-
o, então valerá a pena
terrogar-se sobre o Mundo
que vive, sobre o arqui-
lago em que subsiste, so-
e os silêncios e as cum-
icidades de que o seu ar
tabilizado porventura de-
nde, sobre que mestres
o os seus. ■

Português Suave Filtro
2 de Janeiro de 1984

Viagem

Animismo e desligação entre o homem e a natureza 1

O delírio cartesiano de dominação e a questão social do maquinismo

João Mendes

O discurso filosófico e, talvez por causa dele, o discurso dominante nas ciências ditas sociais e humanas, mantiveram até aos nossos dias o fundamental dos enfoques gregos da ideia de natureza. No entanto, a deriva semântica e o lento trabalho de sedimentação que a acompanha tornaram o paradigma 'natureza' fortemente polissémico, de tal forma que numerosos autores obrigam-se hoje a analisar a sua economia ou a precisar o sentido em que o usam.

Por exemplo o Lalande, depois de enunciar onze sentidos diferentes que se tornou necessário reconhecer-lhe, e depois de publicar notas de rodapé de vários colaboradores, conclui como segue o seu trabalho sobre a palavra:

«**Concedo totum**; mas com duas reservas: a primeira é que, no estudo crítico do vocabulário, seja permitido escolher, entre as nuances contínuas desta transformação semântica, os pontos mais importantes, para os notar e fazer ressaltar — e isso sobretudo quando esses movimentos de sentido vão até ao ponto de se atribuir a uma mesma palavra, como acontece neste caso, certas acepções diametralmente opostas; — a segunda é que, no uso da língua, esta elasticidade dos termos não sirva, como acontece frequentemente, para enunciar fórmulas rebuscadas, que soam bem, onde a impressão favorável dada pelas palavras cobre ideias confusas, que se desvanecem ao serem analisadas, ou mesmo sofismas, cuja fraqueza aparece ao serem traduzidos. A palavra **natureza** é uma das que fornecem mais exemplos destes defeitos» (1).

Não podendo apresentar aqui, sem que ela ocupe demasiado espaço, uma genealogia que dê conta da diversidade dos sentidos e dos poderes de apelação da palavra, reterei o que parece ser o seu eixo paradigmático; ocasionalmente, o desenvolvimento do texto fará emergir outras sedimentações de sentido. Em cada caso tentarei elucidar o seu âmbito.

Autopoiese e personificação

O que parece poder ser considerado como base a partir da qual germinaram as derivas semânticas, é sobretudo, a partir e para além do sentido primitivo da «fusis» enquanto «vis medicatrix naturae» (a natureza considerada como princípio de desenvolvimento e de realização do ser de cada coisa, e da sua plastificação numa forma), uma ideia onde dominam as componentes **exterioridade** e **autodeterminação** face à experiência humana. É o que lemos num texto de John Stuart Mill datado de 1874: (2) segundo ele, a palavra **natureza** indica fundamentalmente, quer a totalidade das coisas com as suas características e propriedades, quer — e é esta segunda denotação que aqui retenho — essas mesmas coisas independentemente de toda e qualquer intervenção humana (mesmo que, contra Kant, a sua autodeterminação não exprima um sentido finalista).

A estas coordenadas maiores — a natureza como princípio de determinação do ser das coisas, traduzindo-se num gigantesco processo de autopoiesis exterior, portanto, a qualquer forma de intervenção e mesmo de pensamento humanos — é indispensável acrescentar um outro paradigma, o da sua relativa «personificação», produzido pelo antropomorfismo que caracteriza o uso corrente das línguas. Esta é a ideia de natureza que melhor é expressa no nosso imaginário social: a natureza é «boa» ou «má» conforme se deixa, ou não, domesticar, dominar; desejaríamos que ela se submetesse ao nosso «Vor...Da...», que ela mantivesse o carácter de ama bem-querente que Rousseau e Cournot, entre outros, lhe atribuíram:

«A Natureza trata todos os animais abandonados aos seus cuidados com uma predilecção que parece mostrar o quanto ela é ciumenta a este respeito» (3).

«Ao oxigénio e ao hidrogénio, a Natureza julgou bom acrescentar dois outros radicais químicos singulares, o carbono e o azoto...» (4).

A outra face desta personificação corresponde às imagens da natureza em que esta se dá a ler como sistema incontrolável ou ameaçador — e são as referências sempre renovadas à «fúria» ou ao «descontrolo» dos elementos, a representação da **necessidade** natural como algo de implacável, e até de punitivo e de castrador, como nos mitos de Licurgo e Filacos, onde as violências exercidas sobre a natureza se transformam em crimes expiáveis por experiências de castração (5).

Esta natureza assim separada da ordem humana e oposta à «cultura» e à «sociedade» sofreu no entanto, através da história da produção, ou dos modos de produção, mutações importantes de que o homem ao trabalho se foi tornando responsável: este movimento começa com a prática da agricultura e a criação de gado, com a domesticação do fogo e com os primeiros trabalhos de irrigação, e vem até às nossas máquinas energéticas, às tecnologias pesadas das nossas sociedades, que provocam alterações irreversíveis nos diferentes ecossistemas, até às máquinas cibernéticas.

É por isso que vale a pena perguntarmos como pôde a ideia de uma natureza **separada** da ordem humana subsistir até nós: cada vez mais laborada pelo homem, a natureza permaneceu, no quadro dos discursos que atravessam a superestrutura social, mas também no nosso imaginário colectivo, sobretudo dependente, herdeira da «fusis» aristotélica, evacuando do seu conceito aquilo exactamente com que o homem, tentando «dominá-la», entrava nela: o utensílio, a máquina, as técnicas, as forças produtivas em geral.

Creio que a estabilidade da ideia, que a sua capacidade de resistência às tendências reestruturantes e que o facto dos acrescentos se terem duradouramente feito **ao lado** do que ela mantém de paradigmático, sem conseguirem integrar, enriquecendo-o, o paradigma, dependem especialmente de três ordens de razões:

Raridade

Primeiro, ao propor-se a natureza como «exterior» às determinações humanas e/ou sociais, aproximando-a da ideia de **raridade** porque ela é aquilo «contra» o que desde sempre a espécie humana teve de lutar para sobreviver, acabou-se por exprimir a ligação que com ela mantemos em termos de «domínio» e de «posse», como Descartes viria a exprimir, em palavras que não perderam actualidade: seduzido pelos progressos da 'mechanica', e sobretudo por 'quão diversos autómatos, ou máquinas moventes, a indústria dos homens pode fazer', ele desenhou o esboço de uma 'ciência', pela qual «conhecendo o forno e as acções do fogo, da água, do ar, dos astros, dos céus e de todos os outros corpos que nos rodeiam tão distintamente quanto conhecemos os diversos ofícios dos nossos artesãos», acabaríamos por nos tornarmos «em senhores, e possuidores da natureza».

Objecto exterior, portanto, dotado de uma mecânica que lhe é própria e que era preciso dominar, domesticar para que, como as primeiras revoluções industriais pareciam mostrar, e Marx não deixou de sublinhar, o homem pudesse deixar o reino da **raridade** para entrar, dominada a natureza, no da **liberdade**.

O sonho cartesiano invocava, no tocante ao papel do maquinismo, o de Aristóteles, para quem «a escravatura deixaria de ser necessária se os teares e os plectros pudessem pôr-se em movimento por si próprios», e anunciava a idade industrial. Com efeito, o horizonte do industrialismo, que a tradição marxista retomou inteiramente, é constituído pela promessa de um estado de sociedade caracterizado pela supressão dos constrangimentos naturais, e representa a realização final do ser do homem no domínio total daquilo a que se chama hoje, em português, «ambiente», querendo traduzir do francês «environnement».

A «exterioridade» incontrolável e ameaçadora tornou-se assim um objecto explorável, funcional: era preciso, segundo as palavras de Marx, encontrarmo-nos cada vez mais «em estado de nos medirmos com ela». A vocação do trabalho humano, das ciências e das técnicas não era a de integrar a natureza, fazendo corpo com ela, mas sim dominá-la enquanto «exterioridade», mantendo-a separada da ordem humana — ou, no mínimo, **substituí-la:**

«A Natureza, até aqui, fez o que pôde: as forças espontâneas não ultrapassarão o estágio que atingiram. Pertence à ciência tomar a obra no ponto em que a Natureza a deixou» (6).

O corte judeo-cristão com o animismo

A separação do homem e da natureza não fora, evidentemente, inaugurada por Descartes: ela enraizava-se, e aqui abordamos a segunda ordem de razões de estabilidade do paradigma, no judaísmo, e mais precisamente na tradição judeo-cristã, que opunha **natureza** a **graça** e a **revelação**, tornando-a significante para os significados **mancha, impureza**:

«A fé cristã quase não faz mais do que estabelecer estas duas coisas, a corrupção da natureza e a redenção de Jesus Cristo» (7).

De facto, como afirmou Weber em **A Ética Protestante e o espírito do Capitalismo**, a racionalidade judeo-cristã corresponde à emergência de um sujeito que já não participa dos poderes anímicos da natureza, e em quem uma desligação irreversível se instaurou:

«...Apenas uma transformação radical do sentido da vida inteira, em cada instante, em cada acção, podia confirmar os efeitos da graça, subtraindo o homem ao **status naturae** para o transportar ao **status gratiae» (8).**

Quer dizer que o sujeito aparecia pela primeira vez como transcendendo a história e a natureza, transportado para uma promessa de futuro eterno a que correspondia, durante a sua existência temporal, um ideal de ascese extramundana baseada na recusa de intimidade com a natureza anímica. O sonho cartesiano retoma esta tradição na medida em que, desligada da ordem mágica que a envolvia, a natureza se torna exterioridade abordável sobretudo pelo trabalho, pela «produção»:

«O cristianismo institui não só (...) um dualismo do Homem e da Natureza, mas afirma, por outro lado, que é da vontade de Deus que o homem explore a natureza segundo os seus próprios fins» (9).

A «repetição» decisiva deste movimento terá sem dúvida sido operada pela escola do direito natural, que domina a filosofia política no séc. XVII: Hobbes, Grotius, Locke, Wolf, e depois Kant, defendem a existência de uma distinção fundamental entre «sociedade natural» e «sociedade civil»; é a «educação», e não a natureza, que torna o homem adaptado à vida civil, e a sua «civilidade» funda-se justamente nas indústrias e convenções, justificando-se pela necessidade de um pacto social. Neste aspecto, esta atitude rompe abertamente com a tradição aristotélica, para quem a sociedade civil é uma sociedade natural, porque a natureza é exactamente o que melhor corresponde ao pleno desenvolvimento das virtualidades individuais

O maquinismo

Deste modo se estabelecia, segundo o modelo da desligação entre homem e natureza, uma segunda desligação entre natureza e sociedade. E o trabalho, a acumulação dos saberes e das técnicas, o desenvolvimento das ciências, viram consagrada a sua não-definição como elementos acrescentados à ordem natural: pelo contrário, definidos como esforço cartesiano de dominação, passaram a estar decisivamente do lado da ordem humana, da ordem social. A. Koiré, comentando P. M. Schuhl, pôde assim dizer, a propósito da máquina encarada como representante do domínio, pelas sociedades humanas, da natureza:

«...Salvo raras excepções, o que interessava e preocupava os filósofos não era a máquina como tal, nem mesmo a máquina como realidade técnica, mas sim a máquina como realidade humana e social. Por outras palavras, o problema filosófico do maquinismo não se põe em função do papel da máquina na produção, mas em função da sua influência na vida humana...» (10).

Estamos, aqui, diante da terceira ordem de razões da estabilidade do paradigma **natureza** enraizado na ideia de **separação**: a introdução massiva do maquinismo na produção e a expansão das grandes concentrações industriais nascidas da manufactura, em vez de libertarem o homem ao trabalho das suas servidões, criava um novo tipo de escravatura e fazia explodir a questão social, que viria a dominar todo o séc. XIX, e que ainda vivemos, hoje, em boa parte, na sua pureza ou em «travesti». A possibilidade de definir o homem, o seu trabalho e as suas técnicas no seio da ordem natural recua para ainda mais longe. Koyré nota que à explicação através de metáforas biológicas se passou a preferir, em todos os domínios, a explicação por metáforas mecânicas, conotando essencialmente a «mecânica» a esfera da produção, a ordem social. Não só a máquina se tornava um instrumento demoníaco nas mãos de aprendizes de feiticeiro — tema que viria a hegemonizar o «socialismo utópico» de um Fourier e de um Owen, por exemplos —, mas o seu modo de apropriação social introduzia, depois da separação do homem e da natureza e da natureza e sociedade, uma terceira separação, traduzida pelo marxismo em termos de contradição entre o desenvolvimento do sistema das forças produtivas e as relações de produção: a do homem e dos seus instrumentos de trabalho, solidária de uma outra — a do homem e do produto do seu trabalho. ■

Notas:

1) *Vocabulaire Technique et Critique de la Philosophie*, Lalande, décima edição, pp 670, 671.
2) *Nature, The Utility of Religion, Theism*, John Stuart Mill.
3) *Discours sur l'Inégalité*, Jean Jacques Rousseau, I, p. 46.
4) *Traité*, Cournot, livro III, cap. V, parágr. 250.
5) Citados por Vernant in *Mythe et Pensée chez les Grecs*, pág. 205, e comentados por Jean Baudrillard in *Le miroir de la Production*, pp. 48, 49.
6) *Dialogues Philosophiques*, Renan, III, p. 116, 3.ª edição.
7) *Pensées*, Pascal, n.º 194.
8) *L'Éthique Protestante et l'esprit du Capitalisme*, Weber, pp. 145, 146.
9) In *Science*, Março de 1967, citado por Baudrillard loc. cit. p. 51.
10) «Les philosophes et la machine», in *Etudes d'histoire de la pensée philosophique*, A. Koiré, NRF 1971, p. 305.

A seguir:

Marx entre o corpo «biológico» e o corpo «produtivo»

Sete Ponto Sete

Mudanças

O tratado de harmonia de Arnold Schoenberg

Harmonia... foi esta, diz-se a última palavra de Schoenberg pouco antes de morrer, em Los Angeles, no dia 31 de Julho de 1951. Quase autodidacta, o autor de **Pierrot lunar** tinha uma verdadeira paixão por uma disciplina geralmente pouco apreciada pelos aprendizes de música a harmonia. E, também paradoxalmente, concebia o ensino como uma missão. Sem dúvida, essa tarefa que nunca negligenciou, confundia-se por vezes com as necessidades alimentares e a mediocridade dos seus alunos, convidava-o a consagrar o melhor do seu tempo à composição. Daí o pequeno número de obras teóricas terminadas, em comparação com as que projectava escrever e cujo conjunto teria podido constituir um magistral curso de composição, como o prova uma carta de 22 de Janeiro de 1945.

Gérard Condé

DEPOIS da sua morte, graças aos esforços de alguns dos seus discípulos, foram publicados em Inglaterra os **exercícios preliminares de contraponto** e os **princípios de composição musical,** enquanto que as **funções estruturais da harmonia** surgiam nos Estados Unidos.

O último título não era, de resto, mais do que uma condensação e uma extrapolação do **Tratado de harmonia,** que continua a ser a obra teórica essencial de Schoenberg.

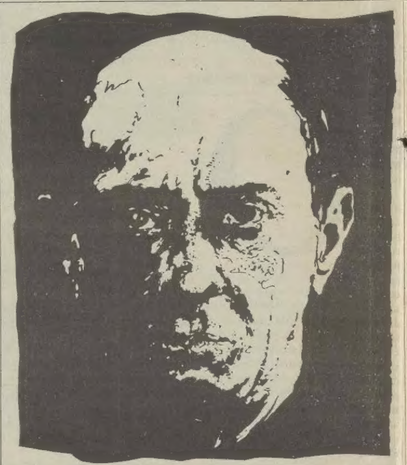
Precisamente redigido na época em que se libertava no seu último **Quatuor** (1908), das regras contidas nos tratados de harmonia tradicionais, podia esperar-se que este se ocupasse de outra harmonia. Mas não. Pondo de parte alguns voos proféticos, é mesmo de harmonia clássica (tonal) que aqui se trata, mas numa perspectiva diferente, isto é, tal como a considera um artista que, depois de a ter explorado até às últimas consequências, acabou por se afastar. Pelo menos, só abandonou o universo que os tratados regem, porque Schoenberg, que não se sentia no exterior, mas, pelo contrário, no coração do sistema tonal vai mostrar aqui que as fronteiras onde até então o encerraram não são só demasiado estreitas mas também incompatíveis com a sua natureza profunda. **As próprias condições da dissolução do sistema,** escreve ele, **são contidas naquelas em virtude das quais se edificou. Em tudo o que vive há aquilo que muda, se desenvolve, se desagrega. A vida e a morte estão contidas, no mesmo germe; o que é eterno é a mudança.**

Para Schoenberg não há música atonal. Trata-se, na realidade, de um regresso à noção alargada de «monotonalidade», a única capaz de explicar e de dominar as realidades harmónicas modernas, enquanto que, com o antigo sistema, já em Wagner, muitas vezes não se podia dizer utilmente porque tonalidades se passava durante uma peça. Quebrar a hipocrisia dos códigos antiquados e iluminar as leis essenciais, **ler no passado os sinais do futuro,** eram as propostas de Schoenberg. O resultado é à medida da sua ambição.

Publicada em Viena, em 1911, esta obra fundamental só teve agora traduções parciais ou contestáveis em inglês e em italiano. Assim, o leitor, francês não se pode queixar por ter tido que esperar durante tanto tempo por uma tradução, porque esta de que as edições Jean-Claude Lattès encarregaram Gérard Gubisch merece mais do que elogios: sempre clara, pertinente e de leitura agradável, soube conservar o áspero sabor característico do autor. Gostaríamos de saber que a publicação deste livro fez grande barulho nos conservatórios, mas isso aconteceu nas férias de Verão.

O barulho tombou e, no começo das aulas, pensava-se, já não se falaria mais nisso. Eis porque foi preciso esperar um pouco para acordar uma tempestade que não podera estalar, ou estalara insuficientemente.

Mas a harmonia — a arte de empregar simultaneamente sons, segundo a expressão do dicionário — faz parte dessas noções cuja mera evocação tem o poder de chocar, tanto os músicos como os amadores, sobre tudo quando é apresentada em tratado. É pois de supor que esta obra não vá entrar facilmente na biblioteca dos melómanos. Não é de crer que os professores de harmonia lhe abram a porta das



suas. Não é, no entanto, lugar que falta, porque, tendo-se desembaraçado há muito dos velhos tratados (Reber, Dubois), nos quais nunca acreditaram, forjaram, cada um por si, um método pessoal capaz de ajudar os alunos a conseguir o melhor possível as provas impostas em concurso. Salvo algumas excepções não vêem na harmonia mais do que uma disciplina escolar, uma língua morta e contraditória que é preciso **pro forma,** conhecer.

Como não se pode aconselhar aos alunos de harmoria do primeiro ou do segundo ano que vão procurar em Schoenberg um complemento de informação (porque podem aí encontrar exemplos, oficialmente reprovados pelos Conservatórios) e que também não é possível tanto com esse tratado como com qualquer outro, aprender a harmonia sem a ajuda de alguém, acabamos por perguntar a nós mesmos em que mãos cairá este monumento erguido à glória da harmonia total, setenta e cinco anos depois da suspensão da tonalidade...

Em toda a lógica eis pois um livro de quinhentas páginas, cuidadosamente encadernados bem apresentado, que deve ter custado uma fortuna ao seu editor, e que poucos leitores terá. O acontecimento é de importância quando se conhece o êxito das iconografias mudas consagradas às glórias do canto. No entanto, quando um livro desta envergadura é lançado no mercado, far-se-ia mal em duvidar da curiosidade a longo termo do público. Assim, o **Traité d'instrumentalisation** de Berlioz nunca se vendeu muito mas continua a ser comprado porque embora a maior parte dos dados técnicos estejam ultrapassados, os problemas de que trata são de todos os tempos, e sobretudo é um artista criador que os põe.

O mesmo se dá com o tratado de Schoenberg: para além dos problemas da harmonia, ele põe sempre os da música em geral — os do artista perante os meios de que dispõe — porque sabe sempre indicar a distância que existe entre as regras que só são úteis para melhorar o artesanato musical, e o livre arbítrio que continua a ser a principal condição de toda a criação propriamente dita.

A obra só pretende ser um tratado, mas sempre que Schoenberg alude a isso, ele descobre um pouco mais a sua concepção da arte, isto é, de tudo o que, por essência não podia ser incluído num tratado. Assim prefere substituir as regras tradicionais e o seu cortejo de excepções com uma fórmula como: **Isto parece preferível por esta ou por aquela razão, mas talvez amanhã em nome de uma necessidade superior (expressiva), uma obra-prima venha provar o contrário.** Schoenberg, nunca esquece que as regras devem sempre estar ao serviço da arte e que esta nunca teve por objectivo confirmá-las nem, é certo, negá-las.

Enquanto os tratados pretendem em geral ensinar o aluno a encontrar a boa harmonia proibindo-lhe severamente todas as outras, este pretende ensinar-lhe a procurá-la, fazendo-o tomar consciência do grande número de soluções possíveis e tornando-as realmente responsáveis por uma escolha entãmefectuada com todo o conhecimento de causa. A única censura que se pode fazer a um ideal como este, é ser demasiado elevado, mas é precisamente isso o que diferencia o ideal das boas intenções. ■

Morte e pilhagem nas ruas de São Paulo

São Paulo, a grande metrópole brasileira (mais de seis milhões de habitantes) está a soçobrar. Claro que isto já se diz há muito tempo...Mas como traduzir de outro modo o que se lê na imprensa, e o que murmuram, num desespero tranquilo, os frequentadores desse imenso «bidonville», que é a periferia paulista? Em Abril deu-se «a grande destruição»: algumas centenas de montras roubadas pelos sem emprego e pelos esfomeados. Depois disso houve centenas, milhares de outras «destruições». São Paulo já integrara à sua vida quotidiana a fome dos mais pobres, a violência dos «marginalizados». Subiu agora um novo degrau na sua ascensão para as maiores turbulências: a pilhagem como risco assumido. Tornou-se banal para quem tem loja ser roubado. As próprias cantinas escolares são saqueadas.

Charles Vanhecke

ENCONTRA-SE em Osasco esse Brasil terrível, atomizado, que se estende por milhares de quilómetros quadrados, no caos das casamatas improvisadas durante a noite, das ruas que nunca figurarão em nenhum cadastro, dos esgotos à superfície e que se tornam pela força das coisas, «jardins» para as crianças, lixeiras onde as pessoas vão procurar, todas as madrugadas, os despojos que lhes são úteis.

Um simples golpe de vista basta para verificar que a fealdade se enraizou e que nada, mesmo nada, foi feito para a atenuar. Um riacho lamacento arrasta os seus detritos, ao lado de canalizações que há meses esperam que as coloquem. Como todos os dias, à mesma hora, os desocupados jogam bilhar em barracões de madeira. Carcaças de automóvel dormem em espécies de jardins. **Propriedade para venda,** escreveu um infeliz por cima do seu pardieiro. Certos cartazes, no interior do «bidonville», são enternecedores: os que anunciam que **aqui corta-se, tinge-se, e alisa-se cabelos** e cuida-se das unhas das senhoras.

Um merceeiro explica em voz branda, igual, que foi roubado dezasseis vezes. Outro mostra a barra electrificada que colocou por detrás do estore de ferro. Muitos comerciantes dormem agora nas lojas, de espingarda à mão. Ontem à noite, um vendedor de criação foi assassinado: por entre as capoeiras. Os vizinhos não sabem. Pelas suas caras, vê-se que não é para eles um drama. Vá-se lá saber porquê...**Eles matam por matar. Para não serem os únicos a serem apanhados.**

Com efeito, é-se «apanhado» facilmente em São Paulo. De noite a Polícia atira facilmente sobre os suspeitos. Ela avalia a sua eficácia pela abundância dos seus troféus de caça. Os perseguidos fazem agora o mesmo.

Há dias, em São Caetano, durante um assalto a um banco, uma jovem e o bebé que levava consigo foram assassinados. Por nada, friamente. Os habitantes dos arredores aprenderam a andar na rua: com os bolsos nunca cheios mas também nunca totalmente vazios. Com efeito, os ladrões são irascíveis e matam aqueles que não têm consigo nada para ser roubado.

Durante um tempo, pensou-se que a fome explicava os assaltos. Essa longa mas segura desnutrição dos homens reduzidos ao desemprego ou despedidos de uma fábrica ou que entraram para outra por um terço ou por metade do preço. Esse enfraquecimento progressivo das crianças, que comem uma vez em duas ou em três, quando conseguiram vender sorvetes ou cafés em taças de cartão.

São, com efeito, os marginais que atacam cada vez mais os supermercados.

Eles dirigem-se para as lojas e a população segue-os. O fenómeno novo é o elo entre a população vulgar e o banditismo, explica Boris Casoy, chefe de redacção do jornal **A Folha de São Paulo.**

Um elo muito ténue porque os agressores não distinguem as suas vítimas: eles atacam, mesmo de preferência, os mais pobres, sabendo que eles não vão resistir. A penúria alimentar é tal que se desenvolveu uma nova forma de pilhagem: a das cantinas escolares. Este ano, em São Paulo, foram privadas das suas refeições cento e cinquenta creches e escolas.

As professoras manifestaram-se várias vezes contra a insegurança nos seus estabelecimentos. Acontece-lhes serem atacadas em plena aula. Algumas já não querem dar aulas nocturnas com receio de serem violadas. As violações são cada vez mais frequentes. As próprias rapariguinhas que saem da escola não são poupadas.

Uma mulher que tem alunos dos sete aos dez anos afirma que a delinquência existe mesmo no interior do estabelecimento. **As torneiras, os fechos das portas, peças do frigorífico, enfim, tudo o que é vendável, é roubado,** diz ela. **Ameaçam-me de represálias se prevenir a Polícia.**

De resto, porque a preveniria ela? A incompetência e a corrupção da Polícia são notórias. Em toda a parte se citam casos de malfeitores conhecidos que foram libertados logo depois de presos, porque os seus advogados haviam pago ao comissário local. O novo governador do Estado, Franco Montoro, tentou moralizar a profissão. O homem que colocou à testa da polícia regional quis fazer uma operação de limpeza e abriu inquéritos contra os «polícias» conhecidos pela sua venalidade e o modo expeditivo com que levavam a efeito os interrogatórios. A reacção foi imediata nos comissariados. A sua greve de zelo deixou São Paulo sem protecção durante meses.

Resultado: uma criminalidade redobrada. Em Outubro tinham-se contado desde o início do ano, 70 000 roubos, 26 000 ataques à mão armada, 2 600 assaltos, 425 hold-up contra bancos e mais de 1 500 homicídios. **O dia 25 de cada mês é o dia do pagamento,** explica Abraão Ramada, chefe de redacção do **Notícias Populares. Os bancos fazem nesse dia, transferências de fundos. No passado dia 25 de Novembro, houve em S. Paulo, um hold-up por hora nos bancos...**Franco Montoro acabou por abdicar perante a polícia. Atribuiu-lhe um novo responsável incapaz de a inquietar.

Os comboios apedrejados

A fome a miséria não bastam para explicar tudo. **O povo brasileiro está habituado a isso. O que o revolta é a imoralidade,** diz um militante de uma comunidade de base da Igreja. A imoralidade que vinte anos de regime militar desenvolveram a todos níveis da sociedade. Para mais o país perdeu muito da sua mobilidade social. **Aqui, em Orosco,** diz o nosso interlocutor, **as pessoas sabem que, façam o que fizerem, não saem desta situação. É um sentimento novo. Ele conduz à desmobilização e ao desespero.**

Actos desesperados: os comboios foram apedrejados o mês passado, por causa de atrasos na rede federal, durante a travessia das cidades dormitório. **Para um operário, um comboio atrasado é um drama. Perde um dia de salário, se não chega a horas ao trabalho.**

Os próprios centros de saúde são às vezes assaltados, quando o médico — um funcionário — não vem ou quando só recebe trinta pessoas, quando cem esperam à porta.

A Imprensa publica permanentemente notícias edificantes. Um dia é uma criança que mata outra com um revólver para lhe roubar a bicicleta. Outro dia, numa rua do centro, é um homem que massacra a pontapés, um garoto de quinze anos que roubara um transeunte. Numerosas pessoas assistem à cena. Ninguém intervém. A polícia chega mas deixa partir o assassino sem mesmo lhe perguntar o nome.

Por várias vezes, mães de família, motoristas de táxi, professoras, operários da periferia, fazem manifestações junto ao palácio do governador. Todos dizem que o medo se instalou nas ruas, nas escolas, e até em suas casas. Outro bairro protesta, dias a fio, contra travestis que são acusados de cometer em pleno dia agressões e **actos indecentes.** Tal é a rotina da cidade. Tal como os jogos clandestinos, o tráfico do ouro e da marijuana. No bairro dos negócios, homens-sandwichs fazem reclamo a oficinas cuja actividade principal consiste na compra de ouro roubado. As crianças que arrancam relógios e jóias às velhas senhoras, levam-nos imediatamente a esses traficantes. Na cidade, dois homens fazem a colecta, com conhecimento da polícia, visivelmente comprada.

A febre do ouro não poupa as igrejas, cujos santos, quando brilham um pouco mais, são cuidadosamente raspados. Nem os cemitérios. Há vagabundos que retiram os dentes de ouro dos defuntos. Quanto à marijuana: **toda a gente a fuma,** diz um padre francês de Osasco, Dominique Barbe. **O inconveniente com ela é que as pessoas se tornam esponjas, perdem a sua estrutura interna. Os jovens mergulhados num ambiente de violência tornam-se agressivos.**

O desemprego, a queda brutal do nível de vida acentuaram a vagabundagem de São Paulo. Há famílias inteiras que dormem debaixo das pontes das auto-estradas, e fazem a sua comida em pequenas fogueiras. Algumas constroem abrigos de papel encostados ao betão das arcadas.

No Rio de Janeiro a miséria desce das favelas. As pontes dos jardins desenhados por Burl Marx na planície do Flamengo são outros tantos textos para os miseráveis que dormem encostados uns aos outros em velhos colchões, com os filhos, às vezes com os cães, e que, quando o lugar é bom, o alugam aos que nada têm. ■

Krull: uma receita híbrida?

Contaram contos aos nossos avós. Quando eles os contaram aos nossos pais, já só uma parte passou. Quando os nossos pais não tiveram tempo para nos contar tudo, ouvimos uma parte do pouco que chegaram a saber dizer-nos. Do que ficou, pouco resta. É muito provável que nem tenhamos tempo de o contar aos nossos filhos.

Manuel Cintra

O que seja: a tradição oral quase desapareceu. Por isso, dos contos dos nossos avós, pouco vamos poder armazenar. Mas esse pouco foi recebendo novas cargas. E se agora ouvirmos os contos que eles pacientemente transmitiam, talvez no meio das bruxas e dos reis nos apareça uma nave espacial. É assim, não há nada a fazer, nem sequer é indesejável que assim seja, porque a roda gira, não deve parar, e embora não se saiba se gira para melhor ou para pior, o caso é que gira. Vamos evoluindo e a resposta é um mundo onde já não são bem os pais que contam contos aos filhos ou quase nunca. Puxam de uma nota de cem, duas, papam o bilhete e mandam os filhos ao cinema, que lhes conte os contos que eles já não têm tempo, ou imaginação ou capacidade para contar, entretidos que estão a calcular se o dinheiro por que puxaram para pagar o bilhete não fazia falta antes para pagar a conta do supermercado.

E os filhos que podem, instalados numa (in)confortável cadeira de cinema, recebem os contos de agora, que alguns dos pais, distantes dali, se dedicaram a forjar, pensando em muitas coisas que não são contos, mas às vezes centenas de contos, que não são sonhos, mas sim dinheiro. Desses pais, os pais dos filmes, os que puxam os cordelinhos dos substitutos dos contos de outros tempos, quer se trate de realizadores, de produtores, ou de simples técnicos, ou ainda dos mágicos inventores de efeitos especiais, alguns estão preocupados com a cabeça do espectador, seja ele criança ou adulto. Outros, menos escrupulosos, pensam sobretudo na melhor maneira de a bilheteira fazer pensar muitas vezes na conta do supermercado.

No meio de toda esta engrenagem, surgem por vezes filmes que não são fabulosos, nem inocentes, nem isentos de nenhumdos males acima apontados, mas que valem a pena, porque **também** são contos, **também** são imaginação, **também** fazem sonhar. É o caso de **Krull**, o filme de Peter Yates que se encontra neste momento em cartaz em Lisboa. Será talvez o filho de «A Guerra das Estrelas» e de «Excalibur», talvez uma espécie de milho híbrido no actual comércio de cereais espaciais e fantásticos que vão aumentando de número à medida que se verifica uma receita de bilheteira sobreposta à conta do supermercado. Vender, vender, vender.

Mas porque não?

1.º) Eu já não sou criança, nem adolescente.

2.º) Na sala, vi muitos adultos, não sei encantados, se simplesmente interessados.

3.º) E no entanto, não só não me aborreci como sonhei o tempo todo.

Há uma certa falta de originalidade, estando o argumento do filme inspirado em parte na lenda do rei Artur, em parte na própria história de «A Guerra das Estrelas». Assim, o Dragão dos contos medievais surge-nos substituído pelo Monstro, a Espada Mágica pelo Gládio, o rei tendo o mesmo ideal de salvar a paz e a felicidade no planeta, etc. Vêm juntar-se as águas de fogo, versão moderna dos cavalos do western tradicional, em que se acrescentam efeitos especiais a uma cena que tanto poderia surgir num filme de cow-boys como de cavaleiros da távola redonda, tendo apenas o aspecto fantástico desejado (o fogo que surge por baixo das águas, a suposta velocidade vertiginosa a que se deslocam.

Por outro lado, a voz do narrador no início e no fim ajuda a esse ambiente de lenda, mas surgindo imediatamente após a chegada de uma estranha montanha voadora, nave espacial maquilhada de pedra, a Krull, o planeta dos dois sóis, e imediatamente após a destruição dessa mesma nave, mantém-nos em permanente contacto copm essa receita híbrida que o filme utiliza. Esta «nave» dá quanto baste o toque necessário para que tudo se torne de outro mundo, Krull, uma terra que só não é a nossa, afinal, porque na nossa não deve ser permitido ou tão fácil sonhar. Pois as paisagens, magníficas, são tudo menos de outro mundo; as personagens, excepto o próprio Monstro, o mais humanas possível, por mágicas que sejam. E a história, tão terra-a-terra como eram aquelas, talvez com gnomos mas sem raios laser, que nos contavam os nossos avós.

Uma fotografia razoável, uma interpretação tão pouco importante e adequada que não salta aos olhos em particular a de nenhum dos actores (os quais se vêem afogados no meio dos efeitos especiais e da presença de personagens como o Monstro ou o Ciclope) e temos um filme que embora já não tenha a força de um «Alien» nem a magia de «A Guerra das Estrelas», mebora não se compare a um «Excalibur», deixar no ar aquela vontade de ser rei, e casar com uma princesa, e libertar as cores para que invadam a sala e não só a tela, e já agora de mandar fechar as bilheteiras também a sonhar um pouco. Talvez com os efeitos especiais, um dia tão desenvolvidos que nos vão permitir, com certeza, entrar na tela e apertar a mão aos actores, apalpar os cenários, estudar as trucagens, confraternizar com essa indústria que fabrica sonhos, já que à noite, tantas vezes, não os conseguimos ter na cama.

Mas e os nossos avós? E os livros que se foram escrevendo, registando tudo isso e mais o que vier? Terão alguma coisa a ver? Irão ficar intactos alguns dos contos que só falavam de reis humanos, de princesas humanas, de dragões humanos?

Haverá por aí alguém que se atreva a tornar a fazer um filme como os nossos avós nos contavam histórias? Ou será que tudo isso acabou?

(Oiço os ti-ti-ti de quartzo. Daí a pouco as palavras mágicas aparecem na tela e o filme chega ao fim. As pessoas olham para o relógio. Talvez ainda haja tempo de ir ao supermercado antes de fazer o jantar e deitar as crianças. E de ler um livro na cama, um livro antigo, antes de dormir...) ■

Mensagens pessoais

Casas

Caramulo-laceiras construção granito. 1976 confortável. Micro-clima, vista para serra da Estrela luz eléctrica. Água Jorge Vieira. Travessa do Paraíso, 12 — Lisboa 1100

●

Vendo andar na Moita com três anos 138 m² 5 assoalh. 2 cas. banho preço de 1700 a 1900 contos a fixar pelos serviços de habitação da Câmara Municipal da Moita com os quais se deve contactar. Manuel Henrique da Silva Figueira.

●

Contacto

Contacto procura-se com pessoas dominando perfeitamente o alemão, ou francês, ou inglês, nomeadamente com estudantes em fim de curso, tradutores, etc.

Enviar carta de apresentação na língua escolhida para: P. Matos, Postbus 12780, 1100 AT Amsterdam ZO — Holanda.

●

Fotografia

Vendo Minolta Autocord 6x6, lentes 1:3.2 e 1:3.5 ambas f = 75 mm, usada, 6000$00, só a particular. E, só a coleccionador, Gaumont de reportagem Grand Prix 1900, Paris, com lente Zeiss. 10 000$00. Escrever a M.G.R., Rua Cidade da Beira, 62, 5.º Esq. Lisboa.

Mensagens pessoais

Regulamento:

Cada leitor poderá enviar-nos, até à quarta-feira de cada semana, as suas «mensagens pessoais», que o Sete Ponto Sete publicará gratuitamente na edição seguinte. Cada mensagem não deve ter mais de 60 palavras (incluindo a identificação), e nem o Sete Ponto Sete nem o Diário de Lisboa podem ser os destinatários das respostas, quer dizer: cada mensagem deve mencionar a morada ou telefone do seu autor. Dactilografe ou redija muito legivelmente o seu texto, e envie-o para «Mensagens Pessoais», Sete Ponto Sete, «DL», Rua Luz Soriano, 44, 1200

Flores de estufa

«O acontecimento mais negativo (do ano) foi a lentidão com que foi resolvido, o processo de exoneração do CEME, após proposta do Governo».

Pedro Coelho
«DN» 30.12.83

«O facto mais negativo (do ano) foi o acordo com o FMI».

Nandim de Carvalho
«DN» 30.12.83

«O povo compreendeu a política restritiva que o Executivo empreendeu e reagiu positivamente porque sabe que a estabilidade é imprescindível».

Mário Soares
S. Bento, 29.12.83

«Até este momento o Governo PS/PSD apenas nos aplicou impostos».

Nuno Rocha
«Tempo» 29.12.83

«Os portugueses atingiram o limite máximo que é possível suportar em termos de impostos».

Alípio Dias
«CM» 30.12.83

«Em Espanha, o PSOE apenas nacionalizou as linhas de alta tensão».

Nuno Rocha
«Tempo» 29.12.83

«A maçonaria é uma associação discreta».

Raul Rego
«O Jornal» 30.12.83

«É absolutamente falso que Mário Soares pertença à Maçonaria, uma vez que é defensor acérrimo do Grande Ocidente».

M. Beça Múrias
«O Jornal» 30.12.83

«É absolutamente falso que Mário Soares deseje, acima de tudo, candidatar-se à Presidência da República. O que ele deseja acima de tudo é ser Presidente».

Idem

«O balanço que este Governo e a coligação nos deixa não culmina ainda com o balanço que o Tollan nos deu em 1983».

F. Semedo
«O Diário» 31.12.83

«Há ainda os que se esfalfam para esticar o dinheiro, de forma a chegarem ao último dia do mês com algum na algibeira, debalde, como se vê pela subida em flecha do fiado nas mercearias...»

A. A. Mesquita
«O Diário» 30.12.83

«Embora pessoalmente goste muito mais do PS do que do dr. Mário Soares, tenho que reconhecer que o dr. Soares funciona muito melhor do que o partido».

Maria Belo
«DL» 27.12.83

Paraísos

Fabulista do nosso tempo, criou um mundo seu, espécie de história imaginária do infinitamente pequeno

Discretamente Joan Miró

Com Miró desaparece o último grande pintor de entre as duas guerras e o último desses artistas infatigáveis, loucos pela pintura, fecundos até aos seus últimos dias, em que foi pródigo a primeira metade do século. Inesperada, deliciosa de incongruência, muito propositada e muitas vezes animada por ambições talvez grandes de mais, para ele, mas sempre original e de uma frescura desarmante, a obra de Miró ocupa um lugar à parte, único na arte contemporânea.

André Fermigier

AIRÓ inventou a pintura poética, apontou o pincel para o inconsciente, criou um mundo seu, o «miromundo», como se diz, onde os sonhos das primeiras idades dão a mão aos pesadelos de Édipo, um mundo que é uma espécie de história imaginária do infinitamente pequeno, do átomo primordial, da natureza, da vida anterior para uso daqueles que recusam as aparências e a ordem da criação. Miró não deixou mitos embora toda a sua obra caminhasse nesse sentido, mas foi o fabulista do nosso tempo.

Ele exprimiu o que restava em todos nós da infância, disse, por vezes com muita força, os nossos túmultos e os nossos medos, e, se lhe aconteceu olhar de modo um pouco indiscreto a pintura dos seus contemporâneos, fê-lo menos por falta da inspiração do que por malícia de bom trabalhador que busca o seu bem onde o encontra e sabe sempre repor-se em causa. O mais espantoso êxito de Miró está talvez em não se ter deixado devorar pelo grande lobo mau que era o mais ilustre dos seus compatriotas, e pode escrever-se que ele era *o único artista que conseguiu retirar de Picasso tudo o que queria, sem por isso cair na imitação ou no plágio*.

Miró era catalão. Como Picasso (nascido em Málaga mas formado na Catalunha de 1900). Como Dali. Como Gaudi, a quem a sua obra esculpida muito deve e cujas incríveis *folies* arquitectónicos fizeram de Barcelona a única cidade onde a imaginação tomou o poder. Nasceu em 1893, chega a Paris em 1917, interessa-se pelo cubismo, conhece Picasso. Como seria bom termos uma narrativa desse primeiro encontro! Miró chegando a casa de Picasso, faz pensar num ratinho penetrando na jaula das feras e não muito tranquilo com a sua sorte. Porque nada era menos impressionante, aparentemente mais frágil do que a personalidade física de Miró.

Era um homem muito baixo, tímido, hermético, cuja presença não pesava mais do que a de um pássasro ou de um daqueles insectos só levemente perceptíveis que circulam nas pregas profundas da natureza e com os quais compôs os seu bestiário familiar. O olhar era sério, a atitude inquieta, espantada, e até ao fim da vida o seu rosto foi sempre o de uma criança reservada, melancólica (e muito maliciosa). *Eu tenho*, dizia ele, *uma natureza trágica e taciturna. Sou bastante equilibrado mas tudo me desconsola: a vida parece-me absurda, penso que tudo vai sempre correr muito mal. Se há algo de humorístico na minha pintura, não foi conscientemente procurado.*

O humor? Negro ou rosa, ele era talvez o fundo da sua natureza, mais ainda do que da de Klee, cuja obra, romântica à alemã, faz antes pensar numa espécie de identificação lírica, prenatal, com os elementos. Mas a liberdade que dá o humor, em relação à ordem, à suposta razão da aparências, não a adquiriu Miro de repente, e teve primeiro que proceder a um inventário minucioso, quase obcessivo da realidade. Diz-se de Balzac que ele se interessou tanto pelo real para se desfazer dele e consagrar-se inteiramente à *procura do absoluto*. Uma tal interpretação do realismo é absurda no que diz respeito a Balzac mas não o é no caso de Miro, como pode ver-se através das suas paisagens de juventude e do conjunto dos quadros pintados em Montroig no início dos anos 20.

O diálogo entre a pedra e o cometa

Em suma, Miró foi hiperrealista antes de todos, mas a sua obcessão maníaca do pormenor cedo desemboca numa interpretação fantástica da realidade, e há poucas obras na nossa época mais eficazmente hipnóticas do que os seus quadros de 1923-1924 *Pastora, o Caçador, Diálogo de insectos, Carnaval, o Arlequim, ou essa Terra Trabalhada* a propósito da qual ele escreveu que se sentia *em pânico como um viajante que anda por caminhos inexplorados*.

Como as crianças, como os *naifs* como os primitivos, artesãos de aldeia ou pintores de cavernas pré-históricas, dos quais sempre se sentiu muito próximo, Miró não conhece as distâncias nem a ordem que hierarquisa os seres e as coisas segundo o seu tamanho e a sua posição na perspectiva. O seu folclore é o de um contador, a um tempo simples e requintado (como La Fontaine ou Walt Dinsey, que preferem à companhia dos homens a dos animais, sobre tudo os que estão na parte mais baixa da escola das espécies), e a sua colecção, a sua arca de Noé recebe de preferência a amiba, o protozoário, o micróbio malicioso e peludo, a minhoca de ancas voluptuosas isto sem falar do óvulo e do espermatozóide. Porque toda a sua obra tem a marca da descoberta de Freud, dessa passagem da sexualidade institiva, primária, que é um dos aspectos mais originais da pintura de entre as duas guerras, sexualidade que, de resto, exprimiu com uma reserva, uma graça, uma eficácia no símbolo que muitos dos seus contemporâneos, lhe poderiam invejar.

Mas todos esses pequenos seres incongruentes e peludos que constituem o bestiário de Miró vivem num espaço global onde o próximo e o longínquo se confundem, onde o infinitamente grande e o infinitamente pequeno trocam as suas propriedades — e neste diálogo do insecto e da estrela, da pedra e do cometa (*a Lebre*), o ácaro de Pascal, as minorias oprimidas da criação desforram-se finalmente, a classificação anárquica das espécies é estabelecida e a história natural de Miró é um pouco o anti-Buffon, o triunfo do girino e do verme, porque eles são a fonte da vida e entre eles e o infinito não se encontra nada que mereça na verdade a pena ser longamente discutido. *Há nos meus quadros*, dizia ele um dia, *formas muito pequeninas em espaços vazios. De noite, uma cidade vista de avião é uma maravilha. Vê-se tudo. Um pequeno indivíduo, mesmo um pequeno cão. E isto toma uma importância enorme, como neste negro absoluto, durante um voo nocturno, uma ou duas luzes de camponeses*. «E dizia ainda, depois de uma viagem à Holanda, de onde traria algumas das suas obras-primas, os famosos interiores holandeses: *Fui seduzido por essa capacidade dos pintores holandeses fazerem ressair esses pontos minúsculos como grãos de pó e concentrar a atenção sobre uma pequena luz no meio da escuidão*. Miró talvez fosse um miniaturista, mas um miniaturista cujo hálito era por vezes o de Lucrécia.

Daí essas praias desertas, esses horizontes petrificados num silêncio compacto, esse espaço sem pontos de referência, esse *fora do mundo* a que Miró deu a eloquência mais inquietante na *Paisagem com serpente*, uma das telas principais de entre as duas guerras, ou na série das *Constelações* de 1940-1941, que talvez resumam, com certos «objectos poéticos» dos anos 30 ou das telas «selvagens» de 35-36 (*Nocturno, Homem chorando diante de um monte de excrementos*) a contribuição do surrealismo para a pintura. Só Picasso, o Picasso do Minotauro, das banhistas de Dinard e dos monstros de Cannes, pode comparar-se-lhe neste aspecto, e Miró talvez tenha sido o maior dos pintores surrealistas. Em 1974 em Paris, quando da apresentação da colecção Guggenheim, os três Miró ali expostos, sobre tudo uma *Mulher sentada*, de 1939 e um dos *Interiores holandeses*, faziam parecer um pouco literárias e artificiais as telas próximas. Miró não precisava do surrealismo para existir, mas o surrealismo deu-lhe uma grande parte da sua «credibilidade.»

Por volta de 1930, a evolução de Miró atingiu o seu ponto de equilíbrio. O pós-guerra colocou-o em primeiro plano da pintura contemporânea e deu-lhe em especial a ocasião de se exprimir com muita autoridade nos grandes formatos da pintura mural. Os *Azuis* de 1960-1961 mostraram que ele se mantinha muito atento às investigações dos mais novos e que não queria deixar-se ficar para trás no domínio da abstracção lírica.

A retrospectiva de 1974 não teve todo o êxito que podia ter tido, Miró, mal aconselhado ou já sem a sua habitual lucidez crítica, resolveu apresentar aí muitas obras posteriores a 1970, a maioria das quais de uma fraqueza desconcertante.

Em escultura, Miró deixa uma obra abundante, ácerca da qual seria difícil não fazer algumas reservas. As construções surrealistas são deliciosas de espontaneidade e de malícia, e algumas obras do pós-guerra (*o Pássaro Lunar, o Pássaro Solar*) seriam de uma bela qualidade plástica e poética se Miró não tivesse aceitado que os fizessem em grandes formatos, que, tais como podem ser vistos nos jardins da fundação Maeght em Saint-Paul-de-Vence, que também enchiam muito tristemente a retrospectiva de 1974, mais vale não falar deles. Bom gravador, ilustrador de qualidade, Miró conheceu alguns êxitos no domínio da decoração: o muro da UNESCO, o da exposição de Osaka, alguns cartões de tapeçaria, brilhantes litografias em cores, os «sobreteixin» de 1973. Mas também aí se sente mais a moda do que a necessidade. As cerâmicas cuja execução confiou a Artigas, pouco acrescentam à sua glória, e, apesar da sua alacridade, e do seu engenho manual, Miró, é no que diz respeito à decoração, muito inferior a Matisse e a Picasso. Uma escolha mais cuidadosa, menos complacente do que a da retrospectiva de 1974 talvez permitisse um julgamento um pouco diferente.

Todas estas reservas só dizem respeito à periferia da sua obra. Elas não nos impedem de ver em Miró um grande artista, um dos intérpretes privilegiados da aventura poética do século, uma aventura que também era do talento, da exigência crítica, da própria pintura, com tudo o que esta palavra, hoje em vias de desaparecimento, implica de deveres e de direitos. Como disse um dia Giacometti: *Para mim, Miró, era a maior liberdade. Algo de mais aéreo, de mais liberto, de mais leve do que tudo o que eu vira antes. Miró não podia fazer um ponto sem que ele fosse certo. Era tão pintor que lhe bastava pôr três manchas de cor, numa tela para que ela existisse e fosse um quadro.* ■

A

cabou a festa, para o a
cedência. Imperturba
pêndulo, como se for
bricando mais dias, se
neiro.

Não fosse Janeiro
to, ele está distante de
dos Santos Populares
Pior, o único feriado
rado um feriado a sér
longadas, olheiras, ág
frases sussurreadas q
Como se não bastasse
o último dos quais um
tico-militar.

Mas nem tudo são
toado de pinheiros em
cerrado para balanço.
mais enriqueceu o voc
janeirento, janeirinha
uma terra bonita, o R

Janeiro é, ainda,
o primeiro»), bonitos
para a solidão, para o
primeiro mês do ano.
ria a miar a contorcer-

Invernoso e frio
amáveis e sedentas de
ambiciosos. É ainda n
invernoso que se ento
que se estende a mão
de um grande merec
Deus passou tormento
verdade/e o seu sang
(canto de peditório, M

Nas hortas, semei
alhos, e os jardins en
mente bonitos: lírios,

Video

COM mais de trin
rem desde 1983
rada como a mai
campo do audio depois
melómanos portugueses
oportunidade de observ
«Compact-Disc».

Dizer «fenómeno» nã
as publicações especia
essa Europa para se co
ainda «Digital Audio Di
alta cotação. Por mérit

Fundamentalmente,
rística forte a reproduç
pequenos discos de 12
qualquer ruído de fund
agudos, reverbeções, o
sam afectar a audição.

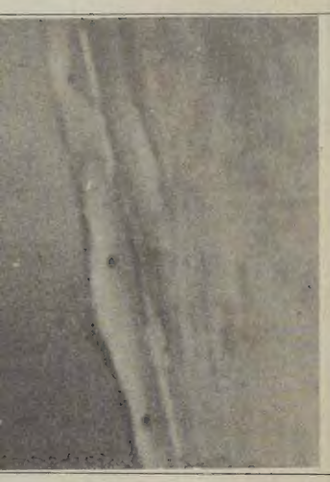
Esta circunstância, q
parecer pouco subtil, e
boas e bastantes defesa
música — em especia
compreenderá como são
tes os pequenos ruíd
(mesmo a audição do
aquilo que não está gra
ção ao novo sistema.

Mas o «CD» não fic
extensão, uma dinâmica
notáveis, permitindo,
técnicas que, todos os ir
sam ser ouvidos com pe
sucedia com as actuais
em que a acumulação d
espaço produziam por
consequente distorção

Além disso, «CD» te
cararacterística: sabend
leitura dos discos é um
tradicionais é uma agu
quer contacto físico co
mente, deverão ter uma
perda de qualidades.

O sistema

A tecnologia do «Co
cida, sobretudo desd
«Video-Disc», em que



tido, Miró, mal aconselhado ou já sem a sua habitual lucidez crítica, resolveu apresentar aí muitas obras posteriores a 1970, a maioria das quais de uma fraqueza desconcertante.

Em escultura, Miró deixa uma obra abundante, ácerca da qual seria difícil não fazer algumas reservas. As construções surrealistas são deliciosas de espontaneidade e de malícia, e algumas obras do pós-guerra *(o Pássaro Lunar, o Pássaro Solar)* seriam de uma bela qualidade plástica e poética se Miró não tivesse aceitado que os fizessem em grandes formatos, que, tais como podem ser vistos nos jardins da fundação Maeght em Saint-Paul-de-Vence, que também enchiam muito tristemente a retrospectiva de 1974, mais vale não falar deles. Bom gravador, ilustrador de qualidade, Miró conheceu alguns êxitos no domínio da decoração: o muro da UNESCO, o da exposição de Osaka, alguns cartões de tapeçaria, brilhantes litografias em cores, os «sobreteixin» de 1973. Mas também aí se sente mais a moda do que a necessidade. As cerâmicas cuja execução confiou a Artigas, pouco acrescentam à sua glória, e, apesar da sua alacridade, e do seu engenho manual, Miró, é no que diz respeito à decoração, muito inferior a Matisse e a Picasso. Uma escolha mais cuidadosa, menos complacente do que a da retrospectiva de 1974 talvez permitisse um julgamento um pouco diferente.

Todas estas reservas só dizem respeito à periferia da sua obra. Elas não nos impedem de ver em Miró um grande artista, um dos intérpretes privilegiados da aventura poética do século, uma aventura que também era do talento, da exigência crítica, da própria pintura, com tudo o que esta palavra, hoje em vias de desaparecimento, implica de deveres e de direitos. Como disse um dia Giacometti: *Para mim, Miró, era a maior liberdade. Algo de mais aéreo, de mais liberto, de mais leve do que tudo o que eu vira antes. Miró não podia fazer um ponto sem que ele fosse certo. Era tão pintor que lhe bastava pôr três manchas de cor, numa tela para que ela existisse e fosse um quadro.* ■

A Janeiro

cabou a festa, para o ano há mais, e o tempo devolve tudo à procedência. Imperturbável perante uma semana de desvario, o pêndulo, como se fora a grande ceifeira, continua a oscilar, fabricando mais dias, semanas, meses. E fá-lo da pior maneira: Janeiro.

Não fosse Janeiro e não havia o pior mês do ano. Com efeito, ele está distante de tudo, das férias, da praia, de outro Natal, dos Santos Populares, do descanso («... em Janeiro trabalha»). Pior, o único feriado nacional que regista não pode ser considerado um feriado a sério, é antes um dia de ressacas, sestas prolongadas, olheiras, águas minerais e caldos de galinha, um dia de frases sussurreadas que os ouvidos ainda estão martirizados. Como se não bastasse, Janeiro tem trinta e um dias e, por sinal, o último dos quais uma data bem importante no calendário político-militar.

Mas nem tudo são desgraças nem o mês se resume ao amontoado de pinheiros em cima dos caixotes do lixo e letreiros de encerrado para balanço. Não podia ser assim tão mau o mês que mais enriqueceu o vocabulário: janeiradas, janeiras, janeireiro, janeirento, janeirinha, janeirinho, nem um mês que deu nome a uma terra bonita, o Rio de Janeiro.

Janeiro é, ainda, o mês dos luares («Lua a de Janeiro, amor o primeiro»), bonitos e claros, convidativos para o frio da rua, para a solidão, para o desespero, que é o que sentem os gatos no primeiro mês do ano. Luar mágico e envolvente que põe a gataria a miar a contorcer-se, a tentar ir às filhoses.

Invernoso e frio é este Janeiro que vê nascer as mulheres amáveis e sedentas de prazeres e os homens frios, distantes e ambiciosos. É ainda nos primeiros dias do ano, no Janeiro frio e invernoso que se entoam as preces para a salvação das almas, que se estende a mão para a dádiva: «Esta noite é de Janeiras e de um grande merecimento/por ser a noite primeira em que Deus passou tormentos/Os tormentos que passou eu lhes digo a verdade/e o seu sangue derramou para salvar a cristandade» (canto de peditório, Mértola).

Nas hortas, semeiam-se cenouras, alfaces, cebolas, batatas, alhos, e os jardins enchem-se de plantas com nomes invulgarmente bonitos: lírios, liliuns, amarilis, canas indicas, begónias, junquilhos, jacintos; nos pombais, os machos continuam afastados das fêmeas.

Finalmente, a conjuntura em Janeiro obriga ao uso de calças brancas: são sinal de pouco dinheiro.

• *Janeiro, 13 de 1941,* em Zurique morre James Joyce. «Em Joyce, a deterioração da alma pode ser traçada da maneira ainda mais definitiva, pois, se se pode dizer que Proust construiu o túmulo da arte, em Joyce podemos testemunhar todo o processo de decomposição (...) Através do seu caos e da sua obscenidade, de obsessões e complexos, da sua perpétua, frenética, procura de Deus, Joyce revela a situação desesperada do homem moderno que, divagando em círculo na sua jaula de aço e betão, admite por fim que não há saída» (Henry Miller)

Luís Andrade de Sá

• *Janeiro, 14 de 1898,* data do passamento de Lewis Carroll, imortalizado pelo seu «Alice no país das maravilhas». Além de escritor, e bom, Carroll foi padre de segunda e lente de lógica em Oxford. Querem ver?

«1 — Todos os leões são ferozes
2 — Alguns leões não bebem café
3 — Algumas criaturas que não bebem café são ferozes»

• *1928,* América. Em Sing Sing, a senhora Snyder irá sentar-se na cadeira eléctrica acusada de ter morto o marido, com a cumplicidade do amante, um vendedor de cintas. Até aqui nada de especial. Adiante, na véspera da execução, o diário «Graphic» auncia que obteve o exclusivo das últimas palavras de Ruth Snyder: «Não deixe de ler amanhã o 'Graphic'. Os últimos pensamentos de uma mulher pouco antes de ser atada com as alças que queimam, fritam, matam.» Contudo, o «Graphic» não esgotou a edição. Quem o conseguiu foi o «New York Daily News» que tinha introduzido um fotógrafo na sala de execução e que, por isso, apresentou a toda a largura da primeira página a fotografia da vítima no momento da morte. Uma fotografia horrível, enegrecida, que fez vender um milhão de exemplares e que baliza os limites do jornalismo sensacionalista.

• *Janeiro, 18 de 1809,* na cidade de Boston nasce Edgar Allan Poe. Grande bebedor, suportando durante quase toda a vida uma existência miserável, traduzido para português por Fernando Pessoa, Poe é, porventura, o escritor maldito do século passado, o maldito que continua a espantar os seus leitores pela estranha emotividade do que escreve: «Voltei a aproximar-me da parede e respondi aos gritos do meu prisioneiro com outros semelhantes, do mesmo teor mas de maior volume e força. Fortunato emudeceu.»

• *1934,* Marinha Grande, revolta da classe operária contra a criação dos sindicatos nacionais fascistas. Nesse dia, ocuparam a vila, cortaram a linha férrea e tomaram o posto da guarda. Depois, veio o revés e quase todos os participantes foram deportados. Neste mês que agora entra, ir-se-á comemorar o cinquentenário daquilo a que, na época, o PCP (ainda um partido juvenil e inexperssivo) designou de anarqueirada. Das revoltas, das lutas, das greves, dos acontecimentos marcantes, permanecem apenas os discursos, os almoços, as homenagens aos sobreviventes.

• *Janeiro, 20 de 1961,* Blaise Cendrars faz a última viagem. Aos quinze anos foge da casa paterna, na Suíça, e viaja: Rússia, América, China; aos 28 junta o seu nome à imensa lista dos mutilados da I Guerra: perde um braço na frente; aos 52 conduz com o braço esquerdo um potente Alfa Romeo (desenhado por Georges Braque). A vadiagem e a mutilação não o impediram de escrer «Moravagine», «Rum», poesia, plaquetes e a tradução para o francês de «A Selva», de Ferreira de Castro.

... *Janeiro, 21 de 1924,* morre Vladimir Ilitch Ulianov, Lenine. «Temo que procissões, mausoléus e a idolatria como rotina instituída possam cobrir de gelatina adocicada a simplicidade de Lenine», Maiakovski. Treze anos depois, Maiakovski suicida-se e o melhor de uma geração intelectual que se empenhara na Revolução de Outubro (Meyerhold, Edmarn, Tretiakov, entre outros) está destruída: exílios, prisões, mortes.

• *Janeiro, dia 22,* dia de S. Vicente, patrono de Lisboa, nome de ruas, calçadas, becos, igrejas, restaurantes, cornos. Agora que Lisboa se cinematografou (Tanner e Wenders, os mais recentes) e passou a figurar nos roteiros *in* (ver edição especial e simultânea de onze revistas europeias, entre as quais «The Face») será curioso desenterrar da poeira quatro impressões sobre a cidade:

«Em Lisboa e pela primeira vez travara encontro com um povo que se tinha desinteressado», Roger Vailland.

«Cidade anémica, onanista», Amadeo de Sousa Cardoso.

«Nunca vi tão detestáveis subidas e descidas, tão escarpadas vertentes e íngremes ladeiras como aqui em Lisboa», William Beckford.

«A cidade é à beira-mar; diz-se que é construída em mármore e o povo odeia os vegetais a um ponto tal que arranca as árvores» Charles Baudelaire. ■

Video e Audio: *O Compact-Disc já chegou*

Paulo Jorge Cruz

COM mais de trinta marcas a comercializarem desde 1983 aquela que é já considerada como a mais importante revolução no campo do audio depois da grafonola, eis que os melómanos portugueses têm desde Dezembro a oportunidade de observar e adquirir o fenómeno «Compact-Disc».

Dizer «fenómeno» não será excessivo: basta ler as publicações especializadas que existem por essa Europa para se constatatar que o «CD» (ou ainda «Digital Audio Disc») tem realmente a mais alta cotação. Por mérito próprio, acrescente-se.

Fundamentalmente, o «CD» tem por característica forte a reprodução de música gravada em pequenos discos de 12 cm de diâmetro, sem que qualquer ruído de fundo, distorção em graves e agudos, reverbeções, ou mesmo sujidades, possam afectar a audição.

Esta circunstância, que aparentemente poderá parecer pouco subtil, encontra no entanto, muito boas e bastantes defesas. Qualquer apreciador de música — em especial a clássica e o jazz — compreenderá como são irritantes e desmotivantes os pequenos ruídos dos discos normais (mesmo a audição do fundo da espira, isto é, aquilo que não está gravado), dando total aceitação ao novo sistema.

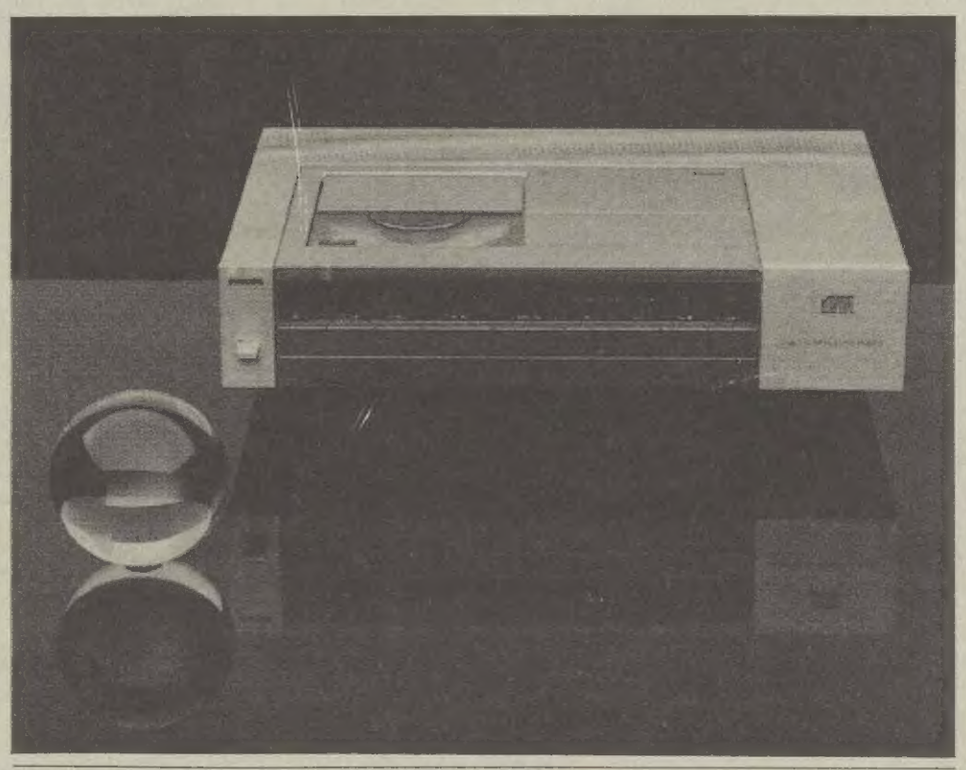
Mas o «CD» não fica por aqui e traz-nos, por extensão, uma dinâmica de som a todos os títulos notáveis, permitindo, pelas suas características técnicas que, todos os instrumentos musicais possam ser ouvidos com perfeita clareza. O contrário sucedia com as actuais gravações (analógivas), em que a acumulação de vários sons num mesmo espaço produziam por vezes bloqueamento, e consequente distorção da informação (música).

Além disso, «CD» tem uma outra e definitiva cararacterística: sabendo-se que o elemento de leitura dos discos é um feixe laser (nos sistemas tradicionais é uma agulha), portanto, sem qualquer contacto físico com os discos, estes obviamente, deverão ter uma duração «infinita», sem perda de qualidades.

O sistema

A tecnologia do «Compact-Disc» é já conhecida, sobretudo desde o aparecimento do «Video-Disc», em que imagens e sons são reproduzidos através dum processo de perfuração na superfície do disco. Esta perfuração — que era já comum ao computador — recebe o nome de código binário e é composto por 1 e 0, que no disco são transformados na alternância entre a depressão e o plano normal. No caso do «CD», um sistema complexo de associação de perfurações gera um «bit», e, por seu turno, 16 «bits» transformam-se no equivalente a um som. A partir daqui o sinal é descodificado e gerada a música. Para termos uma ideias das dimensões destes sinais, podemos dizer que, após uma ampliação de 12 000 vezes, cada perfuração tem o comprimento de 2 centímetros...

O projecto inicial pertence à Philips e foi desenvolvido ao longo de 7 anos com posterior associação da Sony. Hoje, todas as grandes marcas mundiais aderiram já ao projecto, sendo mais de 30 as que possuem aparelhos comercializados e cerca de 150 as que o irão comercializar no futuro.



Os discos

Como já dissemos, os discos têm 12 cm de diâmetro (1/6 da área dos actuais 30 cm). Apenas um lado se encontra gravado, podendo comportar 60 minutos de música ininterrupta, e em certos casos 70 minutos. Contrariamente aos sistemas actuais, a leitura faz-se do centro do disco para o exterior a uma velocidade de 200 rotações p/m no interior e 500 rot. p/m no exterior (discos actuais: 33 1/3 rotações por minuto...)

O capítulo dos discos terá sido aquele que gerou mais polémica entre os produtores. Com efeito, algumas marcas pretendiam a existência de um som com 13 «bits», outras com «14» e outras com «16». Finalmente, chegou-se a um consenso, sendo adoptados os 16 «bits». Mesmo assim, alguns leitores permitem os 18 «bits» como margem de segurança e corrector de erro.

A produção tem também a sua história. O sistema foi inicialmente lançado no Japão (Junho de 82), algum tempo depois nos EUA e a partir de Março nos principais mercados europeus, tendo chegado a Portugal em Dezembro. Se a Europa e o Japão aceitaram a pequena maravilha» de braços abertos, com os EUA o caso já foi diferente, já que os factores económicos de substituição na produção de discos, pareciam ser um choque muito violento junto dos grandes empórios industriais. Mas a adopção consumou-se na feira de Chicago (a CES), em Junho passado. Aí, toda a indústria discográfica surgiu receptiva á inovação (no fundo, o mesmo sucedeu com o «Video-Disc», e no mercado mais receado, é onde ele agora ocupa o lugar mais importante). Hoje, etiquetas como a CBS e a RCA calculam já em milhões de unidades as vendas para 84.

Neste momento existem em laboração duas fábricas, uma na Alemanha Federal e outra no Japão, onde a sofisticação do material obriga os trabalhadores do sector de produção a usarem uma espécie de escafandro para evitar qualquer poeira.

O principal catálogo discográfico é o da Polygram (que reúne etiquetas como a Philips, Deresche, Decca, Polydor, RCO, etc.), com mais de 500 títulos disponíveis (clássica e ligeira), no total.

Apenas seis meses após a comercialização, deverão existir 700 títulos. Mas em 1984 estes números subirão muito mais.

O «CD» não pára aqui. Dada a sua fácil utilização, e bem assim a possibilidade de ser deslocado do seu ponto de apoio normal, os técnicos desenvolvem já a utilização em automóveis, ponto máximo e meio caminho para a quebra da cassete neste tipo de veículo. Já existem modelos terminados, mas o projecto passará ainda por uma fase de amadurecimento. ■

A seguir: ainda o «CD», preços e comercialização em Portugal.

doces crónicas

Chrysalis na Edisom

A etiqueta discográfica britânica Chrysalis passará a ser representada em Portugal pela Edisom a partir de Janeiro — anunciou, terça-feira, a aditora portuguesa.

O catálogo da Chrysalis, que inclui nomes como Greg Lake, Utravox, Pat Benatar e Ian Anderson, era, até agora, distribuído em Portugal, pela Polygram Portuguesa.

Trata-se da terceira etiqueta adquidira, este ano, pela Edisom, após a Beggards Banquet e a Charisma (ambas distribuídas internacionalmente pela Virgin), a última das quais também estava a ser introduzida no mercado português pela Polygram.

Para a Polygram, a Chrysalis é a quarta etiqueta que este ano deixa de representar em Portugal, após a anulação dos contratos com a Ariola, a Arista e a Charisma.

Na sequência do contrato com a Chrysalis, a Edisom lançará já em Janeiro no mercado português os novos trabalhos discográficos de Ian Anderson («Walk Into the Light»), Greg Lake («Manoeuvres»), Ultravoz («Monumento the Soundtrack»), Pat Benatar («Live From Earth»), Debbie Harry («Rush Rush») e David Grant («David Grant»).

Está também prevista a reedição de trabalhos dos grupos Ten Years After, Procol Harum e Jethro Tull, entre outros. ■

Plantas no deserto

Um invento austríaco vai permitir o cultivo de plantas no deserto sem recurso a sistemas de rega artificiais — anunciou a Câmara Federal de Economia do país.

O novo sistema — de acordo com a mesma fonte — poderá ser aplicado em qualquer zona do Globo onde, até ao presente, não haja agricultura.

O invento austríaco baseia-se num dispositivo que introduz electricidade no subsolo, despoletando um efeito de osmose eléctrica.

O sistema compõe-se de dois eléctrodos, um tubo que se enterra no solo e uma rede de arame, a 30 centímetros de profundidade, que produz corrente contínua.

A rede de arame, denominada «Agronet», faz subir água à superfície em forma de gotas e a electricidade elimina ao mesmo tempo sais que, eventualmente, se acumulem em volta do tubo que serve de polo positivo. ■

Clip

- Primeira semana de 1984: leia Orwell na velha edição da Ulisseia, ou na Penguin de bolso, em inglês, enquanto espera pela reedição da Moraes. E releia o programa do Governo, para recordar que estavam previstas duas fases de governação: uma de austeridade, outra de relançamento da economia...
- Na próxima quinta-feira, às 18 e 30, no grande auditório da Gulbenkian, o início de uma série de três espectáculos que se prolongam até sábado, integrados na temporada de bailado da fundação: «Reunion in Portugal», de Louis Falco, «Estranhos Transeuntes», de Vasco Wellekamp, e «Sinfonia em Ré», de Jin Killian.
- Esta noite, na RTP, passa «O Quarto Verde», de Truffaut, mas você pode evitar a «má viagem»... indo ouvir Lia Gama ao «Frágil» da Rua da Atalaia: 12 canções de amor e uma desesperada.
- Se não tem verdadeiramente nada a fazer, escolha a noite em que deverá ir ver «Os Censi», de Artaud, no Trindade. O Clip prefere não fazer quaisquer comentários. O leitor dirá de sua justiça...
- Mas na RTP nem tudo é mau. Na quinta-feira à noite, não perca, de Howard Hawks, o «Paraíso Infernal».
- Se está no Porto, e ainda não viu «Feliz Natal Mr. Lawrence», de Oshima, não se queixe depois de ter de o vir ver a Lisboa... O filme alargou enormemente o público do mestre japonês de cinema para exportação, por causa de David Bowie.
- Em Lisboa, seria imperdoável deixar fugir sem o ver «Os Viajantes da Noite», de Amos Poe: trata-se de um quase «underground» nova-iorquino, que não perdeu pitada de Andy Wahrol e associa um jazz de saxofonista invulgar em cinema com uma história de «série negra» de antologia. ■